



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Comunicação Organizacional

No Brasil só tem futebol?

Uma análise sobre a relação da televisão aberta com os esportes praticados no país:
o caso Globo e Jogos Olímpicos de 2016

LUCAS BOHRER DE OLIVEIRA

Brasília/DF
2020



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Comunicação Organizacional

No Brasil só tem futebol?

Uma análise sobre a relação da televisão aberta com os esportes praticados no país:
o caso Globo e Jogos Olímpicos de 2016

LUCAS BOHRER DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Comunicação Organizacional, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília – FAC/UnB, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Quiroga Fausto Neto

Brasília/DF, dezembro de 2020



**Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Comunicação Organizacional**

LUCAS BOHRER DE OLIVEIRA

No Brasil só tem futebol?

Uma análise sobre a relação da televisão aberta com os esportes praticados no país:
o caso Globo e Jogos Olímpicos de 2016

Brasília, _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Tiago Quiroga Fausto Neto
FAC/UnB

Prof. Dr. Rafael Fortes Soares
FCS/UNIRIO

Prof. Dr. Sérgio Araújo de Sá
FAC/UnB

Suplente: Prof. Dr. Felipe da Silva Polydoro
FAC/UnB

Dedico esse trabalho a minha família e aos meus amigos, que não só me deram apoio durante essa longa jornada universitária, como também me suportaram nos piores momentos. E aproveitaram os melhores. Amo todos vocês!

AGRADECIMENTOS

Eu só tenho a agradecer por toda essa jornada que está se encerrando com este trabalho. São inúmeras pessoas que estiveram ao meu lado e que, sem elas, eu jamais teria chegado até aqui. Já peço desculpas com antecedência pelas pessoas que não serão citadas nesse breve agradecimento, mas saibam que vocês também foram essenciais no meu caminho até aqui.

O primeiro agradecimento é para todos os meus familiares, que me proporcionaram as condições para, finalmente, estar me graduando na Universidade. Em especial aos meus avós, aos meus pais e aos meus tios. Sem vocês eu não seria nada! Obrigado por tudo, amo vocês!

Também gostaria de agradecer a todos os meus amigos, que me apoiaram nessa longa jornada até aqui, vocês são excelentes, obrigado pela paciência, pelas risadas, pelos bons e pelos maus momentos, vocês são a família que eu escolhi, amo vocês!

Obrigado também a todos os meus professores, desde a escola até este momento, que muito me ensinaram e ajudaram a construir o Lucas que vos fala. Em especial ao meu orientador, que teve muita paciência e me ajudou bastante na realização deste trabalho, e aos membros da minha banca, que aceitaram avaliar a minha monografia. Vocês são sensacionais!

Acho que já me prolonguei demais. Novamente, obrigado a todos. Vocês sabem que são especiais mesmo sem eu precisar nomear cada um de vocês. Sintam-se beijados, abraçados.

Com muito amor.

RESUMO

O presente trabalho busca investigar a possível relação entre a baixa diversidade de esportes no Brasil e a influência da mídia televisiva neste fenômeno. A pesquisa parte da hipótese encontrada na teoria do agendamento (McCombs e Shaw, 1972) de que não importa tanto como os meios de comunicação fazem as pessoas pensarem, mas sobre o quê eles fazem elas pensarem. Sendo assim, adota o pressuposto de que as mídias em geral, e em nosso caso, a televisão especificamente, têm um papel importante no sentido de transferir sua saliência à sociedade, agendando temas sobre os quais esta última deve discutir e praticar. O escopo da pesquisa empírica é o canal de televisão aberta com maior alcance do público: a Rede Globo. Por meio da análise dos conteúdos da emissora em dois de seus portais, Memória Globo e Globoplay, procurou-se verificar a diversidade apresentada na exibição de programas e eventos esportivos. Concomitantemente, foram analisados os dados da participação brasileira nos últimos Jogos Olímpicos, no Rio, em 2016. A partir do cruzamento dos dois materiais foi realizada uma comparação acerca da diversidade apresentada na exibição de programas e eventos esportivos na televisão e os esportes e resultados do Brasil nas Olimpíadas de 2016. A partir das análises, conclui-se que existe uma relação direta entre a baixa diversidade na prática de esportes no país, que se reflete nos resultados olímpicos dos Jogos de 2016, e o tipo de transmissão esportiva realizada pela televisão aberta, especificamente a Rede Globo. Por fim, pergunta-se se, com um maior investimento por parte das políticas públicas, em múltiplos esportes, e uma ampliação na quantidade de modalidades transmitidas, não se realizaria um salto de qualidade nos resultados olímpicos brasileiros.

Palavras-chave: Olimpíadas. Televisão. Diversidade esportiva. Políticas públicas. Transmissão.

ABSTRACT

This work seeks to investigate the possible relationship between the low diversity of sports in Brazil and the influence of television media in this phenomenon. The research starts from the hypothesis found in the agenda-setting (McCombs and Shaw, 1972) that it doesn't matter as much as the media make people think, but about what they make them think about. Therefore, it adopts the assumption that the media in general, and in our case, television specifically, have an important role in the sense of transferring their salience to society, scheduling topics on which the latter should discuss and practice. The scope of empirical research is the open television channel with the greatest reach of the public: Rede Globo. By analyzing the contents of the broadcaster in two of its portals, Memória Globo and Globoplay, we sought to verify the diversity presented in the exhibition of sports programs and events. Concomitantly, the data of the Brazilian participation in the last Olympic Games, in Rio, in 2016 were analyzed. From the crossing of the two materials, a comparison was made about the diversity presented in the display of sports programs and events on television and the sports and results of the Brazil at the 2016 Olympics. From the analysis, it is concluded that there is a direct relationship between the low diversity in the practice of sports in the country, which is reflected in the Olympic results of the 2016 Games, and the type of sports broadcast carried out by open television networks, specifically Rede Globo. Finally, it is asked whether, with greater investment by public policies, in multiple sports, and an increase in the quantity of modalities transmitted, there would not be a leap in quality in the Brazilian Olympic results.

Keywords: Olympic Games. Television. Sports diversity. Public policy. Transmission.

RÉSUMÉ

Ce travail cherche à étudier la relation possible entre la faible diversité des sports au Brésil et l'influence des médias télévisés dans ce phénomène. La recherche part de l'hypothèse trouvée dans l'*agenda-setting* (McCombs et Shaw, 1972) selon laquelle peu importe ce que les médias font penser, mais ce à quoi ils les font penser. Par conséquent, il adopte l'hypothèse que les médias en général, et dans notre cas, la télévision en particulier, ont un rôle important dans le sens du transfert de leur saillance à la société, en programmant des sujets sur lesquels cette dernière devrait discuter et pratiquer. La portée de la recherche empirique est la chaîne de télévision ouverte avec le plus large audience: Rede Globo. En analysant le contenu du diffuseur dans deux de ses portails, Memória Globo et Globoplay, nous avons cherché à vérifier la diversité présentée dans l'exposition des programmes et événements sportifs. Parallèlement, les données de participation brésilienne aux derniers Jeux Olympiques, à Rio, en 2016 ont été analysées. À partir du croisement des deux matériaux, une comparaison a été faite sur la diversité présentée dans l'affichage des programmes et événements sportifs à la télévision et des sports et résultats du Brésil aux Jeux Olympiques de 2016. Il ressort de l'analyse qu'il existe une relation directe entre la faible diversité de la pratique du sport dans le pays, qui se reflète dans les résultats olympiques des Jeux de 2016, et le type de diffusion sportive diffusée par la télévision ouverte, en particulier Rede Globo. Enfin, on se demande si, avec un investissement plus important des politiques publiques, dans plusieurs sports, et une augmentation de la quantité de modalités transmises, il n'y aurait pas de saut de qualité dans les résultats olympiques brésiliens.

Mots clés: Jeux Olympiques. Télévision. Diversité sportive. Politique publique. Diffusion.

SUMÁRIO

1. CONSTRUÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA	10
1.1 Apresentação do problema da pesquisa	10
1.2 Referencial teórico	16
1.3 Hipótese de trabalho.....	26
2. OBSERVAÇÃO	28
2.1 Amostragem	28
2.2 Técnica de coleta de dados.....	30
3. ANÁLISE DESCRITIVA.....	35
3.1 Memória Globo	35
3.1.1 Eventos e coberturas	35
3.1.2 Telejornais e programas	66
3.1.3 Noticiários esportivos específicos.....	73
3.1.4 Noticiários esportivos gerais.....	73
3.2 Globoplay.....	76
3.3 Participação brasileira nos Jogos Olímpicos de 2016.....	83
4. ANÁLISE INTERPRETATIVA	88
4.1 RENTP (Representatividade Esportiva no Total da Programação).....	88
4.1.1 RENTP Geral	88
4.1.2 RENTP Memória Globo	89
4.1.3 RENTP Globoplay	90
4.1.4 RENTP Programas	92
4.1.5 RENTP Eventos	93
4.1.6 RENTP Tempo	94
4.2 MPA (Medalhas por Atleta)	95
4.2.1 MPA “País” “Medalha”	95
4.2.2 MPA Brasil “Modalidade”	99
4.3 BRM (Brasil em Relação ao Melhor)	101
4.3.1 BRM Geral “Medalha”	102
4.3.2 BRM “Modalidade”	102
4.3.3 BRM Peso “Modalidade”	104
4.4 RBNO (Representatividade Brasileira nas Olimpíadas).....	106
4.4.1 RBNO “Ano/Modalidade”	106
5. CONCLUSÃO	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	116

1. CONSTRUÇÃO DO OBJETO DA PESQUISA

1.1 Apresentação do problema da pesquisa

A prática de esportes no Brasil não parece ser muito diversificada, apesar de alguns resultados bons em desportos como canoagem, judô, artes marciais e ginástica artística. Falamos aqui da baixa diversidade esportiva no país, assim como da maior importância dada aos esportes coletivos, em detrimento dos individuais, especialmente no cenário do alto rendimento. O problema parece aumentar quando se chega à análise da educação e da prática meramente lúdica, em que a fomentação para a realização dessas outras modalidades é bastante discreta.

De fato, os esportes coletivos tradicionais são os mais populares, principalmente o futebol e o vôlei. Esse dueto foi o mais explorado pela mídia no ano de 2015 (CAPELO, 2016), e o acompanhamento midiático dos esportes apresenta grande diferença entre o futebol e as outras modalidades. Ainda que, em época de Olimpíadas, diversos esportes sejam transmitidos, gerando um bom interesse do público, tal cobertura diminui ou acaba com o fim do evento, o que relega essas modalidades a um segundo plano, as quais são destacadas apenas quando um brasileiro tem sucesso no seu desporto. Em parte, tais dificuldades estão relacionadas à cobertura e às transmissões midiáticas consideradas rentáveis, o que condiciona a veiculação daquele esporte ao lado financeiro da emissora. Além disso, o público pode se sentir atraído por outros esportes apenas em eventos especiais, como os Jogos Olímpicos.

De uma forma ou de outra, deste cenário emerge a necessidade de políticas públicas para incentivar os esportes. Os patrocínios fora do futebol são pequenos e raramente cobrem os custos dos atletas. Isso praticamente os obriga a sair do país para se consagrar na sua modalidade, disputando competições de alto nível. Se até mesmo no futebol isso ocorre, com os grandes clubes contratando cada vez mais cedo as futuras estrelas brasileiras, em outros esportes é muito mais comum. A falta de incentivo é diretamente proporcional à baixa diversidade constatada, pois, sem condições financeiras, a maioria das pessoas desiste por não conseguir sustentar a prática da sua modalidade.

Esta pesquisa visa analisar este cenário de baixa diversidade na prática de esportes no Brasil, em busca de descobrir porque existem poucos atletas de alto rendimento nos desportos não tradicionais, principalmente os individuais como remo, atletismo, ginástica artística, *taekwondo*, boxe, judô, ciclismo e tiro esportivo. A análise pretende identificar em que medida faltam políticas públicas para incentivar a prática desses esportes, e qual a influência da mídia neste incentivo, bem como seu impacto no aproveitamento do chamado legado olímpico.

A questão principal é saber qual a relação entre a cobertura e as políticas públicas, ou seja, se essa relação influencia na baixa diversidade na prática de esportes no Brasil. Em caso afirmativo, a questão é pensar como se dá essa atuação e, também, o que se precisa mudar para que diferentes modalidades recebam mais atenção e, conseqüentemente, sejam mais praticadas pelos brasileiros.

De acordo com o Atlas do Esporte no Brasil, de 2003, pesquisa mais recente que aprofunda a prática de esportes no país, o futebol é o esporte mais praticado, com 30,4 milhões de adeptos, seguido pelo vôlei, com 15,3 milhões; tênis de mesa, com 12 milhões; natação, com 10 milhões; e futsal, com 2,7 milhões. Apesar de tênis de mesa e natação aparecerem no *top cinco*, juntos eles não chegam perto dos números do futebol, que é mais do que 10% do número total de praticantes no mundo. Sobre a questão de qual esporte o brasileiro prefere, novamente o futebol ganha de goleada, com 74% da preferência nacional, seguido pelo vôlei, com 46%, e pela natação, com 39% (DACOSTA, 2003).

Segundo outra pesquisa, essa da GfK (Crescimento pelo Conhecimento, em português), empresa alemã de pesquisa e inteligência de mercado que analisou a audiência das Olimpíadas de 2016, realizadas no Rio de Janeiro, a televisão brasileira trouxe o seguinte *top 10*: Futebol, Vôlei, Ginástica Artística, Vôlei de Praia, Atletismo, Natação, Judô, Boxe, Handebol e Basquete (GfK GLOBAL, 2016a).

Esses dados comprovam a baixa diversidade na prática de esportes no Brasil – afinal, futebol e vôlei estão sempre nas duas primeiras posições. Por que se dá essa baixa diversidade? Seria a mídia responsável por ela? Ou seria essa discrepância entre futebol e os demais esportes que gera a concentração das transmissões no favorito do público? Ou estamos em um

ciclo vicioso, em que um influencia o outro e vice-versa? E ainda, qual a relação da cobertura midiática com as políticas públicas? Como as questões econômicas podem interferir nisso?

Com essas questões norteadoras, a pesquisa visa identificar os motivos causadores da predominância da baixa diversidade de esportes praticados no Brasil. Desta forma, o trabalho pretende pensar caminhos para que outros esportes recebam mais atenção, tanto da mídia, quanto do público em geral, a fim de mostrar para a população brasileira outros desportos que podem ser interessantes. De maneira menos realista, esse efeito poderia expandir a cobertura midiática dessas modalidades, a ponto de realmente ampliar a formação de esportistas brasileiros de alto nível, desenvolvendo, assim, as condições necessárias para melhorar a posição do Brasil no quadro de medalhas das Olimpíadas, algo frequentemente desejado pelo alto escalão do esporte no país.

De fato, existe a tendência de um jovem preferir praticar futebol ou vôlei, já que não há incentivo e nem divulgação adequados para os outros esportes. São poucos os que preferem fazer alguma atividade sem seus amigos e colegas; afinal, é muito mais divertido para a criança jogar bola com quem tem afinidade do que realizar algum exercício sozinho. Fora a dificuldade que o grande público tem para descobrir a existência de um esporte que não costuma aparecer em nenhuma mídia e o enorme problema para que ele continue a ser praticado sem qualquer tipo de incentivo.

Tais fatores interferem diretamente nessa baixa diversidade de esportes praticados no Brasil. É tarefa árdua identificar pessoas que possuam vontade e capacidade, financeira ou esportiva, para evoluir em um esporte com poucos incentivos. E mesmo quando se encontra alguém que alie todos os atributos, isso não significa que ele se tornará um atleta de sucesso: existe uma grande peneira no mundo esportivo, e mesmo se houver o que passar nessa peneira, provavelmente, nada sairá. A evolução desses fatores é essencial para a construção de atletas de alto rendimento em outros esportes.

Nesse aspecto, foram trabalhadas obras que tratam sobre políticas públicas e sobre o papel da mídia, para que, tendo isso em consideração, a pesquisa busque identificar como a mídia e as políticas públicas podem influenciar essa baixa diversidade na prática de esportes no Brasil.

No âmbito do investimento governamental nos esportes, o livro *Política e Lazer: interfaces e perspectivas*¹, em seu primeiro capítulo, aborda o papel do Ministério do Esporte na fomentação das diversas modalidades esportivas, através das políticas públicas, mostrando como as verbas para tal fim são restritas.

[...] as análises apresentadas contribuem para demonstrar que o cenário desenhado é preocupante, em especial quando se considera o esporte e o lazer como um direito de segunda categoria. [...] o direito, tanto da classe trabalhadora, como de crianças e adolescentes, ao esporte e ao lazer, é tido como menos importante, considerando o mapa da desigualdade social do Brasil, por meio de índices como os de exclusão social, escolaridade, alfabetização, pobreza, violência, entre outros. (POCHMANN e AMORIM, 2003). (SUASSUNA et al., 2007, p. 25).

No trecho acima, os autores mostram que, realmente, há uma menor preocupação com os investimentos esportivos no Brasil e, conseqüentemente, as verbas para o incentivo da prática de esportes são restritas. Esse investimento diminuto acaba se refletindo na baixa diversidade da prática de esportes no país. Uma vez que, sem dinheiro para fomentação e divulgação dos diversos esportes existentes, as crianças optam por praticar os coletivos que sempre acompanham, seja pela TV, pelo rádio, pelo jornal ou pela internet. Quem vai querer praticar salto em distância se todos os amigos estão jogando futebol ou vôlei?

Outra obra que trata desse aspecto das políticas públicas é o artigo *Políticas para o esporte de alto rendimento – Estudo comparativo de alguns sistemas esportivos nacionais visando um contributo para o Brasil*², de Raimundo Luiz Ferreira. O autor traz a perspectiva das diferenças de investimento esportivo entre o nosso país e outras nações, que apresentam melhor rendimento em diversos esportes.

A criação de uma política esportiva eficiente e abrangente resulta sobretudo do reconhecimento do esporte de alto rendimento como preocupação nacional. A grande maioria dos países que obtiveram grandes êxitos nas principais competições internacionais [...] desenvolveram seus sistemas esportivos sobre esta perspectiva. A participação do estado nestes [...] se estende desde o processo que envolve a detecção, seleção e promoção de talentos esportivos (DSPTE) até o encerramento da carreira dos atletas de alto nível e sua integração na sociedade. Podemos relacionar cinco elementos fundamentais presentes nos sistemas esportivos nacionais. (FERREIRA, 2007, p. 2).

¹ SUASSUNA, Dulce Maria F. de A. et al. O Ministério do Esporte e a definição de políticas para o esporte e lazer. In: SUASSUNA, Dulce Maria F. de A.; AZEVEDO, Aldo Antonio de (Org.). **Política e lazer: interfaces e perspectivas**. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 13-42.

² FERREIRA, Raimundo Luiz. Políticas para o esporte de alto rendimento: estudo comparativo de alguns sistemas esportivos nacionais visando um contributo para o Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15., 2007. **Anais...** Recife: CBCE, 2007.

Essa introdução do artigo indica que uma política esportiva eficiente é necessária para o êxito do esporte de rendimento em qualquer país. Ferreira cita cinco elementos fundamentais para a evolução esportiva: a organização esportiva e a participação do estado; a participação da ciência do esporte; a participação do sistema educacional; o sistema de apoios públicos e privados; e as infraestruturas e recursos materiais disponíveis. Desta forma, Ferreira sintetiza o que precisaria ser feito para que o Brasil possa melhorar no campo esportivo. Um dos países abordados na obra é a Alemanha.

A Alemanha uniu recentemente seus dois órgãos máximos independentes, a Confederação Esportiva Alemã (DSB) e o Comitê Olímpico Alemão (NOK), criando uma única organização para a administração do esporte, a Confederação Esportiva Olímpica Alemã (DOSB). O papel do estado se define pelo financiamento através de impostos, criação de infraestruturas para o alto rendimento, benefícios para os atletas e uma boa cooperação entre os diversos órgãos esportivos. Entretanto, o controle político do estado é descentralizado por causa da forte estrutura federativa do país em seus 16 estados. (FERREIRA, 2007, p. 3).

A partir do breve exposto, notam-se claras diferenças entre o nosso país e os citados na pesquisa. Nesse exemplo dos alemães, que vivem uma realidade diferente da brasileira, verifica-se que não basta possuir um órgão que administre o esporte no país: é crucial ter um investimento em infraestruturas e atletas, em quantidade muito superior à que existe no Brasil.

Esses aspectos são relativos à prática de esportes e à falta de investimentos adequados, visando melhores resultados em competições internacionais. Do ponto de vista da comunicação, o artigo *Esporte e sociedade: uma relação pautada pela mídia*³, de Marli Hatje, é uma das referências. Segundo Hovland, citado por Hatje (2003, p. 1), “a comunicação pode ser um processo por meio do qual o indivíduo transmite estímulos para modificar o comportamento de outros indivíduos”, ou então, segundo Berelson e Steiner, citados por Hatje (2003, p. 1), “como uma transmissão de informações, ideias, emoções e habilidades, por meio do uso de símbolos, palavras, imagens, figuras, gráficos, gestos e expressões”.

A partir disso, é notória a forma como a mídia se torna importante para difundir os esportes existentes. Se os meios de comunicação transmitem informações sobre o pentatlo moderno, as pessoas vão saber que esse esporte existe, o que ele é e poderão ir atrás de mais in-

³ HATJE, Marli. Esporte e sociedade: uma relação pautada pela mídia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Intercom, 2003.

formações e, até mesmo, de praticá-lo. Porém, se não há notícias difundidas sobre esse esporte, é muito mais difícil para uma criança descobri-lo e começar a treiná-lo.

Nessa perspectiva midiática, o interesse central da pesquisa é voltado para a televisão aberta, o meio de comunicação com maior penetração na população brasileira, e a sua relação com os esportes. Dito isso, uma das fontes do trabalho foi o livro *A Televisão Levada a Sério*⁴, de Arlindo Machado. Logo em seu segundo capítulo, *Televisão: a questão do repertório*, Machado traz uma definição sobre o aparelho televisivo que mostra como essa mídia pode ser diversa e ter um alcance extenso:

Televisão é um termo muito amplo, que se aplica a uma gama imensa de possibilidades de produção, distribuição e consumo de imagens e sons eletrônicos: compreende desde aquilo que ocorre nas grandes redes comerciais, estatais e intermediárias, sejam elas nacionais ou internacionais, abertas ou pagas, até o que acontece nas pequenas emissoras locais de baixo alcance [...]. (MACHADO, 2000, p. 19).

Essa definição deixa claro que um recorte precisa ser feito para que a possível influência da mídia televisiva sobre a baixa diversidade de esportes no Brasil possa ser verificada. Como Machado (2000, p. 20) afirma: “é preciso definir o *corpus*, ou seja, o conjunto de experiências que definem o que estamos chamando justamente de televisão”. No caso deste trabalho, esse escopo foi definido para que seja possível analisar o impacto televisivo na escassez da pluralidade esportiva brasileira. Portanto, o recorte utilizado foi o do principal canal brasileiro aberto para todos os públicos. A justificativa para tal escolha está presente no segundo capítulo deste trabalho, no item 2.1. A chave da escolha dessa mídia para a análise é o grande poder de abranger um grande público.

[...] a televisão opera numa tal escala de audiência, que [...] mesmo o produto mais [...] seletivo encontra sempre na televisão um público de massa. A mais baixa audiência de televisão é [...] uma audiência de várias centenas de milhares de telespectadores, e, portanto, muito superior à mais massiva audiência de qualquer outro meio [...]. (MACHADO, 2000, p. 30)

Com isso, podemos ter a certeza de que, no principal canal televisivo do país, quanto mais espaço um determinado esporte tiver, mais ele estará vinculado ao grande público, devido ao potencial alcance do que é transmitido.

Desta forma, a pesquisa se deu através de: 1. Análise de outros trabalhos em campos similares; 2. Análise de referenciais teóricos relacionados ao esporte e à comunicação; 3. Aná-

⁴ MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2000.

lise do material de conteúdo esportivo do Grupo Globo, disponível no *site* Memória Globo e na Globoplay, com enfoque no ano de 2015; e 4. Análise interpretativa acerca do tamanho da influência midiática na escolha dos esportes praticados pelos brasileiros, comparando-se essa cobertura esportiva com a representatividade brasileira nos esportes da Olimpíada de 2016. Deste modo, foi trilhado um possível começo para a mudança do atual paradigma do esporte brasileiro.

1.2 Referencial teórico

Conforme dito no item anterior, o primeiro capítulo do livro *Política e Lazer: interfaces e perspectivas*⁵, intitulado *O Ministério do Esporte e a definição de políticas para o esporte e o lazer*, é uma das fontes relacionadas ao aspecto do investimento político nos esportes. A obra aborda o papel do Ministério do Esporte na fomentação das diversas modalidades esportivas, através das políticas públicas, mostrando como as verbas para tal fim são restritas.

Cabe ao Ministério do Esporte a função de responsabilizar-se por investir na formação multiprofissional e multidisciplinar dos trabalhadores envolvidos, para que o esporte e o lazer sejam instrumentos de emancipação humana. [...] deve-se encarar o esporte como uma prática social de livre acesso a todos [...]. É importante que haja o respeito à liberdade de praticar determinadas modalidades, para aumentar a diversidade de experiências e repertório cultural, na prática, e opção pelos esportes. (SUASSUNA et al., 2007, p. 33).

Para que haja um aumento na diversidade dos esportes praticados, o Ministério do Esporte tem um papel essencial: o de realizar investimentos multiesportivos em longo prazo, dando mais espaço a modalidades que, hoje, recebem pouca atenção, tanto da mídia quanto do governo. Atualmente, o investimento é feito com projeções de objetivos quase imediatos, o que tende a atrapalhar o desenvolvimento de atletas de um esporte caso o resultado esperado não seja alcançado.

As próprias Olimpíadas de 2016 mostram que o planejamento precisa ser modificado, uma vez que, mesmo com um evento esportivo de proporção mundial, o Brasil só investiu em atletas para os Jogos daquele ano a partir do segundo semestre de 2012. Caso esse investimento tivesse sido realizado com mais antecedência, logo após a definição do Rio de Janeiro como cidade sede, por exemplo, os resultados brasileiros no evento poderiam ser melhores,

⁵ SUASSUNA et al., *op. cit.*, p. 13-42.

tanto em termos de resultados gerais, quanto na quantidade de modalidades diferentes em que os atletas nacionais obtiveram medalhas nos Jogos Olímpicos do Rio.

A postura do Ministério do Esporte reflete diretamente no artigo *Políticas para o esporte de alto rendimento – Estudo comparativo de alguns sistemas esportivos nacionais visando um contributo para o Brasil*⁶, de Raimundo Luiz Ferreira, que aborda as diferenças entre o nosso país e as nações que apresentam maior rendimento esportivo. A partir dele, é possível ter acesso ao conhecimento de diversas ações, como os cinco elementos fundamentais, citados no item 1.1, para a evolução esportiva que são capazes de aumentar a diversidade de modalidades de alto rendimento praticadas no Brasil.

Ferreira escolheu 10 países para a análise: os seis melhores no quadro geral de medalhas das Olimpíadas de 2000 (Sidney, Austrália) e de 2004 (Atenas, Grécia), que são Alemanha, Austrália, China, Estados Unidos, França e Rússia; além dos quatro melhores países ibero-americanos no atletismo a nível internacional: Brasil, Cuba, Espanha e Portugal. O autor trata, na obra, sobre como o esporte é trabalhado em cada um deles. A Austrália reúne elementos presentes na Alemanha, citados no item anterior, e uma maior participação do Governo.

A Austrália, por sua vez, apresenta além de todas as características que encontramos na Alemanha uma maior participação do estado, devido à centralização do controle político através do seu órgão máximo esportivo, a Comissão Australiana de Esporte (ASC) com suas subdivisões distribuídas pelo país. (FERREIRA, 2007, p. 3).

A Austrália, com uma instituição esportiva centralizada, financiamento, construção de infraestruturas e benefícios aos atletas, é um grande exemplo a ser seguido pelo Brasil. Ferreira discorre sobre como o nosso país é em relação às outras nações, evidenciando as diferenças entre eles e pavimentando o possível caminho para a melhora do quadro esportivo geral brasileiro.

O Brasil possui o Ministério do Esporte (ME), que foi criado em 2003, e colabora com o Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Em comparação com todos os outros países pesquisados, os recursos financeiros do estado para o esporte são bastante reduzidos. Existe também pouca valorização do esporte de alto rendimento e o controle político é secundário. Existe ainda uma restrita cooperação entre as instituições esportivas governamentais e não governamentais, além de poucos investimentos em infraestruturas para o alto rendimento a nível nacional. (FERREIRA, 2007, p. 3).

⁶ FERREIRA, *op. cit.*

É essencial que o país invista nos atletas, oferecendo-lhes maiores benefícios, bolsas para os que não possuem condições financeiras e uma busca maior por patrocinadores, para que os seus resultados esportivos melhorem. A rigor, em comparação com os melhores países, o que o Brasil possui de infraestrutura não é quase nada.

[...] o Brasil possui apenas dois Centros de Alto Rendimento para o aperfeiçoamento de 3 até 6 modalidades esportivas, 26 Centros de Treinamento Específico e 5 Centros de Desenvolvimento, todos dedicados a somente uma modalidade, para uma população em torno de 188 milhões de habitantes. (FERREIRA, 2007, p. 7).

E o pior foi que não houve um grande aproveitamento de todas as estruturas construídas para as Olimpíadas realizadas em 2016. Nosso país ainda precisa evoluir muito nesta questão, que é essencial para ajudar na formação de atletas de alto nível. Além disso, Ferreira (2007) considera de suma importância a existência de institutos que ajudem na investigação científica para o esporte de alto rendimento.

Definimos a participação da ciência do esporte através da importância atribuída 1) aos institutos governamentais específicos de pesquisa que garantem a realização de projetos de investigação científica para o esporte de alto rendimento, bem como sua documentação e divulgação; e 2) à oferta de apoio multidisciplinar à disposição dos treinadores, atletas e equipes, seja nas escolas esportivas, nos centros de alto rendimento, nos centros de promoção de talentos, nos institutos médicos esportivos, ou através das instituições acadêmicas. (FERREIRA, 2007, p. 4).

De fato, todos os seis melhores países recebem o apoio de diversas associações especializadas na ciência do esporte, enquanto o Brasil não possui nenhum órgão governamental nesta área. Para essa função, até existe o Centro Nacional de Excelência Esportiva (Cenesp), que possui nove centros em universidades, porém ele não atinge atletas e regiões do país em sua totalidade. Também é essencial a presença do esporte na vida dos brasileiros desde a infância: nosso país precisa melhorar a qualidade de ensino e prática esportiva, e um caminho para isso é se espelhar em outras nações para poder criar futuros atletas de alto nível e evoluir no cenário esportivo internacional.

A qualidade do ensino e da prática esportiva a nível escolar e universitário pode ser considerada excelente em sete dos dez países pesquisados. São eles: Alemanha, Austrália, China, Cuba, Estados Unidos, França e Rússia. Na Espanha consideramos como sendo média e, no Brasil e em Portugal como sendo média/baixa. A oferta de atividades esportivas extracurriculares é nomeadamente extensa na China, em Cuba, nos Estados Unidos e na Rússia. Ela é ampla na Alemanha, na Austrália e na França, porém, no Brasil, na Espanha e em Portugal pode ser considerada reduzida. (FERREIRA, 2007, p. 5).

Ferreira também mostra que não há um programa para integração de ex-atletas na sociedade. Geralmente eles se desgastam ao máximo durante seu período de atleta, com muitas

lesões, forçando o corpo ao extremo e, após se aposentarem, não recebem um apoio adequado, o que acaba levando-os a uma menor qualidade de vida.

As bolsas financeiras também são essenciais quando se visa bons resultados internacionais. Elas proporcionam aos atletas condições para se aperfeiçoarem no treinamento, contudo, novamente, o Brasil fica aquém neste campo.

Países como Alemanha, Austrália, China, Espanha, Estados Unidos e França possuem bons sistemas de apoio aos atletas neste sentido. Devido a sua tradição e prestígio esportivos, Cuba e Rússia oferecem diversos benefícios a seus atletas e treinadores, mesmo que estes não sejam financeiramente muito representativos, pois apenas os atletas campeões olímpicos e mundiais usufruem de melhores condições. Os apoios financeiros oferecidos no Brasil e em Portugal foram introduzidos recentemente e necessitam ainda de reformulações em seus critérios para beneficiar melhor os atletas. (FERREIRA, 2007, p. 6).

O autor conclui afirmando que o Brasil precisa cumprir cinco objetivos principais: aumentar a participação do estado no esporte de alto rendimento; desenvolver a participação da ciência do esporte; aumentar a participação do sistema educacional; aperfeiçoar o sistema de apoios públicos e privados; e melhorar as infraestruturas e recursos materiais.

Porém, não é só o governo que pode exercer influência na diversidade de esportes do Brasil. O artigo *Esporte e sociedade: uma relação pautada pela mídia*⁷, de Marli Hatje (2003), traz a visão sobre como os meios de comunicação também podem exercer um papel importante nesse aspecto. Relembrando que a transmissão de informações pode conter estímulos para modificar comportamentos por meio de símbolos, palavras e gestos, evidencia-se que a mídia pode influenciar no conhecimento geral do público sobre esportes.

A mídia, nos últimos anos, avançou significativamente em termos tecnológicos. [...]. Neste ensaio, [...] pretende-se, sim, avançar, um pouco mais, na questão do conteúdo veiculado e como este influencia ou afeta o comportamento da sociedade, ou de parte dela. [...]. No LCMMEF (**L**aboratório de **C**omunicação, **M**ovimento e **M**ídia **n**a **E**ducação **F**ísica) há pesquisas, quantitativas e qualitativas em andamento. As de caráter quantitativo, em sua maioria, buscam averiguar o espaço que a mídia dá ao esporte não profissional, as outras buscam resposta à importância do conteúdo esportivo veiculado para a mudança de comportamento do público, quanto a prática de exercícios físicos. Discute-se, inclusive, a diferença entre importante (interesse público) x interessante (interesse do público), baseado em CORREA (1998). (HATJE, 2003, p. 3, grifo nosso).

O trecho acima evidencia como os meios de comunicação podem controlar o que o grande público conhece ou não no campo esportivo. Será que a mídia mostra só o que é im-

⁷ HATJE, *op. cit.*

portante ou também mostra o que é interessante? Talvez o público também queira saber sobre esportes que as mídias não transmitem, ainda que, hoje em dia, possa-se recorrer à internet e achar o que se deseja. Todavia, nem sempre é fácil encontrar notícias sobre esportes “menores” e nem sempre o indivíduo tem tempo para pesquisar. Isso sem mencionar as pessoas que sequer sabem sobre a existência de algum esporte por falta de transmissão nas mídias. Ou seja, mesmo que exista um *boom* digital atualmente, a televisão continua sendo o meio de transmissão mais importante, com maior poder de influência; afinal, na internet, o povo procura o que quer e, na televisão, fica sabendo do que lhe é informado.

A Mídia é o universo cultural em que as novas gerações socializam-se no esporte. A TV é o veículo que mais influencia a cultura, por ser ainda o meio que agrega, em torno dele, o maior número de pessoas. [...]. As produções esportivas da mídia devem ser associadas às aulas de Educação Física. Analisar e discutir programas de TV, matérias veiculadas em jornais e revistas e transmissões pelo rádio (porque estas ampliam a imaginação e a criatividade dos alunos), quando estão em evidência eventos nacionais e internacionais ampliam o repertório individual dos alunos e a possibilidade deles se tornarem pessoas mais críticas e reflexivas diante da realidade. (HATJE, 2003, p. 7).

Portanto, é perceptível a influência da mídia televisiva no gosto do povo brasileiro. O que é transmitido gera interesse, ou seja, se um esporte aparece na televisão, uma pessoa pode ir atrás de conhecê-lo melhor e de praticá-lo. A hipótese desenvolvida neste trabalho é a de que enquanto não houver mais esportes sendo transmitidos, a diversidade na prática de esportes continuará pequena. Não basta o período olímpico, essa cobertura diversa deveria existir o tempo inteiro; afinal, existem brasileiros praticando todos os tipos de esportes no mundo. Se houvesse uma maior cobertura disso, provavelmente haveria mais crianças interessadas, aumentando o número de praticantes e, no futuro, o nível esportivo brasileiro.

Para abordar o papel da televisão, duas obras foram utilizadas como referências, sendo a primeira o livro *A Televisão Levada a Sério*⁸, de Arlindo Machado, mencionado no item anterior. Em outro capítulo de seu exemplar, *As vozes do telejornal*, Machado aborda uma diferente perspectiva de enxergar os noticiários televisivos; no entanto, uma parte de seu discurso explica o motivo de o público geral assistir os telejornais:

[...] se abstrairmos aquele contingente de espectadores que veem televisão por pura letargia, pouco importando para eles o que se está transmitindo, a maioria do público “voluntário” vai ao telejornal para saber o que está acontecendo nas áreas da política, da economia, da cultura, da ciência, da vida pública etc. (MACHADO, 2000, p. 110).

⁸ MACHADO, *op. cit.*

Essa lista de áreas inclui o esporte também. O mundo esportivo, atualmente, recebe espaço com telejornais exclusivos sobre as modalidades, programas esses que o telespectador procura assistir para receber informações esportivas. Os noticiários de esportes e as coberturas de competições esportivas compõem os dois grandes tipos de conteúdos de esporte veiculados na televisão.

No capítulo sobre a transmissão ao vivo, que abarca as coberturas esportivas, Machado (2000, p. 125) afirma que, a partir da televisão, o registro do evento e a visualização do resultado final puderam ocorrer simultaneamente, e esse é o traço distintivo da transmissão direta. Dado que os diversos espectadores, localizados em locais distantes do espetáculo, recebem as informações em tempo real – ignorando-se o pequeno atraso entre captação, transmissão e recepção, que, em termos práticos, pode ser desprezado. Essa alegação de Machado (2000) ajuda a comprovar a grande influência que a televisão pode causar no público, e como as transmissões esportivas têm a capacidade de despertar interesse na audiência.

A segunda obra de referência para a análise televisiva é *Televisão: Tecnologia e Forma Cultural*⁹, de Raymond Williams. Ele foi aqui utilizado como base para obter parâmetros e auxiliar na análise do conteúdo esportivo do Grupo Globo, nas plataformas anteriormente mencionadas (Memória Globo e Globoplay). Segundo Williams (2016, p. 77), a televisão é considerada o meio e, provavelmente, a causa do surgimento do “esporte para espectadores”.

Entretanto, ao mesmo tempo, Williams (2016, p. 77) sugere que o desenvolvimento de eventos esportivos para um público, no século XX, precede a radiodifusão e, com isso, o rádio e a televisão estenderam um hábito cultural já desenvolvido. É essa extensão de hábitos que interessa à pesquisa, ou seja, pretende-se pensar como a televisão pode ampliar o alcance dos esportes ao público, incluindo, naturalmente, os interesses econômicos presentes na maioria das coberturas esportivas.

Após descrever essa relação dúbia entre a televisão e o “esporte para espectadores”, onde um parece exercer influência sobre o outro, Williams traz os exemplos do golfe e do tênis, mostrando que a televisão é capaz de possibilitar a criação de novas predileções do públi-

⁹ WILLIAMS, Raymond. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte: PUC-Minas, 2016.

co, comprovando a capacidade do meio de ampliar o alcance dos esportes menos conhecidos aos telespectadores.

Nos últimos dez anos, especialmente no golfe e no tênis, cada vez mais as temporadas são planejadas para a televisão, e isso teve efeitos importantes na organização interna e profissional- entre outros, trazendo ganhos financeiros muito superiores aos jogadores. [...]. No entanto, devemos também reconhecer que a transmissão televisiva regular de uma vasta gama de esportes criou novos interesses, não só entre os espectadores, mas também entre os potenciais participantes. (WILLIAMS, 2016, p. 77-78).

Outro fator de extremo interesse é a comprovação de que as transmissões televisivas esportivas causam forte impacto na cultura urbana: isto é, além de propiciar uma grande repercussão emocional nos telespectadores, a televisão tem, sim, o poder de influenciar sua audiência na prática de um determinado esporte em vez de outro.

As redes esportivas nacionais e internacionais formam uma dimensão social cada vez mais significativa na cultura urbana industrial. [...]. Ao mesmo tempo, algumas das melhores coberturas televisivas de esporte, com grandes planos detalhados e variedade de perspectivas, deram-nos uma nova emoção e um senso de imediatismo ao assistirmos à ação física e, até mesmo, um novo tipo de experiência visual. (WILLIAMS, 2016, p. 78).

Machado (2000) e Williams (2016) trazem outros fatores sobre a audiência que implicam diretamente a questão da publicidade; afinal, os ganhos das coberturas esportivas estão pautados principalmente nas propagandas, que são diretamente proporcionais ao tamanho do público daquele evento. Em resumo, o argumento é que quanto mais pessoas assistem tal evento, mais dinheiro é pago pelo espaço publicitário, uma vez que o alcance comercial será maior. O próprio Williams aborda o tema dos anúncios na programação televisiva:

A inovação decisiva aconteceu nos serviços financiados por anúncios comerciais. Os intervalos entre as unidades de programa eram lugares óbvios para a inclusão de publicidade. Na televisão comercial britânica, houve um esforço específico e formal para que os programas não fossem interrompidos por comerciais, que poderiam ser exibidos somente nos "intervalos naturais" [...] qualquer momento em que a inserção comercial fosse conveniente. Na televisão norte-americana, esse desenvolvimento foi diferente; os programas patrocinados incorporaram o comercial desde o início, na concepção, como parte de todo o pacote. (WILLIAMS, 2016, p. 100).

Com essas circunstâncias de transmissão dos norte-americanos e dos britânicos, é possível analisar que, no caso da cobertura de eventos esportivos, o Brasil se tornou uma mistura. Pegando como exemplo o futebol na Globo, a publicidade ocorre da seguinte forma: 1. Chamadas durante a programação para o evento; 2. Início da transmissão com contagem regressiva patrocinada e depois algumas informações sobre o jogo seguidas de um comercial; 3. Após o começo da partida, várias propagandas pontuais aparecem na tela e são narradas pelo locu-

tor; 4. No intervalo do duelo, pelo menos, mais dois comerciais; 5. O segundo tempo ocorre da mesma forma que o primeiro; e 6. Depois do fim do jogo, há entrevista com um ou dois jogadores, seguida de novas propagandas antes de a transmissão voltar e ser encerrada com comentários sobre a partida. Ou seja, existem os anúncios nos “intervalos naturais”, mas, ao mesmo tempo, eles também fazem parte do pacote. Williams também salientou esse tipo de propaganda:

De forma crescente, tanto na televisão comercial como na pública, adicionou-se outra sequência: *trailers* de programas que serão exibidos em um horário mais tarde ou em outro dia ou breves noticiários. Isso se intensificou em condições de concorrência, quando se tornou importante para os administradores das televisões reter os espectadores - ou, como eles dizem, "capturá-los" - para uma sequência completa na programação noturna. (WILLIAMS, 2016, p. 100).

Essa estratégia ocorre bastante com as transmissões esportivas. Existem várias chamadas, desde dias antes da partida, para que o espectador “grave” aquela informação e esteja sintonizado no canal até mesmo horas antes do duelo. Toda essa questão publicitária tem uma ligação direta com o *agenda-setting*, ou a teoria do agendamento. O livro de Mauro Wolf, *Teorias da Comunicação: textos de apoio*¹⁰, relembra o que essa teoria defende:

[...] em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos. As pessoas têm tendência para incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo. Além disso, o público tende a atribuir àquilo que esse conteúdo inclui uma importância que reflete de perto a ênfase atribuída pelos *mass media* aos acontecimentos, aos problemas, às pessoas (SHAW apud WOLF, 2001, p. 62).

A teoria do agendamento discorre sobre a capacidade de os meios de comunicação transferirem sua agenda para a sociedade, ou seja, sua questão é sobre o que os meios podem fazer as pessoas pensarem. Essa perspectiva teórica destaca, então, como as mídias em geral transferem uma saliência para as sociedades em geral.

No caso do esporte, a teoria do agendamento mostra que o destaque para o futebol influencia para que o público tenha mais interesse por esse esporte. Naturalmente, a escolha pode estar diretamente atrelada à publicidade, ou seja, se uma empresa X oferece um valor maior de propaganda para uma transmissão de futebol na Globo, a emissora vai preferir transmitir este esporte a qualquer outro que renderia menos em anúncios. Vale ressaltar que a teoria do agendamento não defende a indução da audiência:

¹⁰ WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**: textos de apoio. 6. ed. Lisboa: Presença, 2001.

[...] a hipótese do *agenda-setting* não defende que os *mass media* pretendam persuadir [...]. Os *mass media*, descrevendo e precisando a realidade exterior, apresentam ao público uma lista daquilo sobre que é necessário ter uma opinião e discutir. O pressuposto fundamental do *agenda-setting* é que a compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social lhes é fornecida, por empréstimo, pelos *mass media* (SHAW apud WOLF, 2001, p. 62).

Apesar da grande influência que a mídia exerce, Wolf (2001, p. 62) cita Cohen ao dizer que ela “pode, na maior parte das vezes, não conseguir dizer às pessoas como pensar”. Porém, ela “tem [...] uma capacidade espantosa para dizer [...] sobre que temas devem pensar qualquer coisa”. Ou seja, a televisão pode não determinar a opinião do telespectador, mas ajuda a definir os temas que permeiam a mente do seu público, seguindo uma programação pre-determinada.

Sublinhando essa crescente dependência cognitiva dos *mass media*, a hipótese do *agenda-setting* toma como postulado um impacto directo – mesmo que não imediato – sobre os destinatários, que se configura segundo dois níveis: a. a ‘ordem do dia’ dos temas, assuntos e problemas presentes na agenda dos *mass media*; b. a hierarquia de importância e de prioridade segundo a qual esses elementos estão dispostos na ‘ordem do dia’. (WOLF, 2001, p. 63).

A ordem do dia e a hierarquia podem mostrar a avaliação que o meio de comunicação tem sobre o que é relevante ou não. Porém, cabe frisar que Shaw, citado por Wolf (2001, p. 63), afirma que é necessário examinar a agenda da mídia por um grande período de tempo para poder chegar a alguma conclusão. Tal indicação vai ao encontro do intuito desta pesquisa de observar o que foi transmitido, na área esportiva, ao longo de 2015.

Wolf cita Patterson e McClure (2001, p. 65) para exemplificar como os temas destacados pela televisão podem influenciar o público. “Insistindo, dia após dia, no tema do desemprego, enquanto omitem o da integração racial, os *mass media* colocam o desemprego no vértice da agenda da campanha e relegam para último lugar a integração racial”. Para o caso dos esportes pode-se, por exemplo, trocar a palavra "desemprego" por “futebol” e a expressão "integração racial" por "judô", que se chegará a uma das perspectivas da pesquisa no aspecto da baixa diversidade de esportes do Brasil.

[...] diz respeito a um mecanismo posterior de *agenda-setting* [...]: a omissão, a não-cobertura de certos temas, a cobertura intencionalmente modesta ou marginalizada que alguns assuntos recebem. Este tipo de *agenda-setting* funciona [...] para todos os *mass media* [...] pelo simples facto de o acesso a fontes alternativas àquelas que garantem o fornecimento constante de notícias, ser bastante difícil e oneroso. (WOLF, 2001, p. 65).

Essa relação com as audiências converge com tudo o que foi abordado anteriormente. Apesar de haver acesso às informações sobre qualquer esporte de que a pessoa deseja se inteirar, ele costuma ser inconveniente para o público em geral, que prefere simplesmente acompanhar um telejornal esportivo e se informar através deste canal. Isso indica a existência do poder que a televisão aberta tem de fazer o telespectador se interessar por um esporte X ou Y.

Outro aspecto do *agenda-setting* no que tange ao alcance da televisão em relação à sua audiência é o de um projeto de pesquisa de Benton e Frazier (1976) que, segundo Wolf (2001, p. 67), “distingue três níveis de conhecimentos”, sendo o primeiro, mais superficial, relacionado ao título da área temática, no caso dos esportes, por exemplo, futebol, Olimpíadas, basquete, hipismo etc. Já o segundo aborda conhecimentos mais articulados, como, por exemplo, o funcionamento do pentatlo moderno. O último dos níveis se relaciona a informações ainda mais específicas, como, por exemplo, regras que não estão sendo aplicadas de forma correta na esgrima.

Os dados obtidos revelam um efeito de agenda também para o segundo e terceiro níveis de conhecimento, em particular para os consumidores da informação escrita, ao passo que, no caso dos telespectadores, o grau de correlação entre as agendas é baixo. É de notar, contudo, que mesmo os grandes consumidores de informação televisiva manifestam um efeito de agenda no segundo e terceiro níveis, que se liga, porém, aos jornais. (WOLF, 2001, p. 68).

Como a presente pesquisa é baseada no efeito da teoria do agendamento através da televisão aberta, tem-se que os efeitos na audiência são os de primeiro nível, relacionados aos assuntos das notícias. Portanto, a escolha de separação em temas esportivos é a mais adequada, a fim de se avaliar o impacto da mídia televisiva sobre o público em geral no campo dos esportes.

A partir das informações citadas, é possível conjecturar que há um ciclo vicioso na cobertura televisiva de esportes: os que são transmitidos tendem a ser aqueles que permeiam a mente do público e rendem mais, em termos publicitários, para as emissoras, enquanto os que são omitidos nas coberturas e nos jornais inclinam-se a ser esquecidos pela população e propiciam menos valor comercial.

1.3 Hipótese de trabalho

Diante de tudo o que foi exposto no problema de pesquisa e no referencial teórico, formula-se a seguinte hipótese: há uma relação direta entre o que é transmitido, no campo esportivo, e o que se espelha na realidade nacional, em termos de diversidade da prática esportiva no Brasil. Seria a mídia responsável pela baixa diversidade de esportes praticada no território nacional? Ou seria essa discrepância entre futebol e os demais esportes que gera a concentração das transmissões no favorito do público? Ou estamos em um ciclo vicioso, em que um influencia o outro e vice-versa? E as questões econômicas? Como elas podem interferir nessa questão?

São muitas questões em aberto, para as quais há poucas respostas. Neste trabalho, a busca foi por investigar essas relações a partir de uma análise do material esportivo disponível nos *sites* de acervo do Grupo Globo (Memória Globo e Globoplay), com enfoque maior no ano de 2015, a fim de compará-la com a representatividade nacional nos Jogos Olímpicos de 2016, realizados no Rio de Janeiro. Quantos esportes diferentes estiveram presentes nos conteúdos da Globo? Quantos em TV aberta? Quantos em TV fechada? E qual foi a frequência em cada tipo? Quantos atletas representaram o Brasil nas Olimpíadas? Em quantos esportes? As respostas dessas perguntas são os indicadores para essa comparação.

Os números achados durante a pesquisa buscam apontar se realmente há essa suposta influência da mídia na supracitada baixa diversidade esportiva. Para tanto, as análises desses fenômenos, que foram descritas no próximo capítulo, visam avaliar a forma como a televisão impactou, no ano precedente à última edição da Olimpíada (2015), no aspecto da representatividade esportiva brasileira nos Jogos de 2016. De tal forma que pode ser possível chegar a uma espécie de confirmação da tal influência exercida pela mídia nos números de praticantes dos diversos esportes no Brasil.

A questão dos patrocínios e propagandas, maiores fontes de renda para a emissora nas coberturas de eventos de esporte, tem potencial para ter uma relação direta com essa hipótese da influência midiática na questão da heterogeneidade nos desportos brasileiros.

O papel do governo também pode ir ao encontro do pressuposto dessa desigualdade esportiva. Considerando que, se compararmos com outros países, podemos nos perguntar se

faltam políticas públicas para incentivar esportes diferentes do futebol. Se existem poucos patrocinadores fora do mundo da bola e, na maioria das vezes, eles não são suficientes para um atleta brasileiro se manter no país e disputar em pé de igualdade com os esportistas de outras nações, essa falta de incentivo governamental tende a estar diretamente relacionada à baixa quantidade de modalidades praticadas em alto nível pelo Brasil.

Os dados trazidos no problema de pesquisa mostram que há uma predominância do futebol e do vôlei, principalmente do primeiro. Portanto, caso a hipótese se comprove, esta pesquisa visa contribuir com reflexões sobre a desigualdade esportiva no Brasil. Será que é possível comprovar essa influência e trilhar caminhos para melhorar a pluralidade esportiva do Brasil? A expectativa é que algumas dessas conjecturas se confirmem a partir da análise, para que seja possível responder às perguntas suscitadas.

2. OBSERVAÇÃO

2.1 Amostragem

A ideia inicial do trabalho era a de analisar o conteúdo de cobertura esportiva transmitido pela Rede Globo no ano de 2015. Vários fatores impulsionaram essa escolha específica. De acordo com a pesquisa Mídia Dados 2019¹¹, a televisão aberta é o meio de comunicação com maior penetração no total da população em um período de 30 dias (em um universo de 87.886.000 pessoas localizadas em Brasília, São Paulo, Goiânia, Curitiba, interior de São Paulo, interior das regiões Sul e Sudeste, Campinas, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Fortaleza): 88% *versus* 87% da mídia *Out-of-Home* (OOH) *versus* 83% da mídia digital (GRUPO DE MÍDIA SÃO PAULO, 2019, p. 133-162). Ou seja, ainda temos a televisão aberta como a mídia de maior impacto no Brasil.

E, ainda conforme o mesmo estudo, de todos os canais abertos no país, a Rede Globo é a que possui o maior *share* (que representa, em porcentagem, a participação da emissora no total de televisores ligados regularmente) no total da população, de segunda a domingo, entre 7h e 0h. Os dados de 2018 mostram que a Globo teve 34,59% do *share* contra 14,24% da Record e 14,17% do SBT, as três estações que mais atingem a população. Portanto, tendo em vista os meios de comunicação de maior impacto, a Rede Globo se destaca.

Como os Jogos Olímpicos são o evento esportivo mais emblemático, uma vez que grande parte dos esportes está representado nas Olimpíadas e a medalha de ouro olímpico costuma ser o sonho de todos os atletas, o período de 2015 foi definido por ser um ano anterior ao olímpico, ou seja, foi uma distância temporal curta para possibilitar a comparação entre os esportes transmitidos e a representatividade brasileira nos Jogos do ano seguinte, de forma que se poderia inferir que as transmissões esportivas teriam impacto nas Olimpíadas.

Como os últimos Jogos Olímpicos ocorreram em 2016, 2015 foi definido como escopo de análise, visto que o próprio ano olímpico apresenta um padrão anormal em relação às coberturas esportivas, por causa das Olimpíadas em si. Vale ressaltar que 2014 não é relevante

¹¹ GRUPO DE MÍDIA SÃO PAULO. **Mídia Dados:** Brasil 2019. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://159.89.80.182/midia-dados-sp/public/Midia%20Dados%202019.pdf>. Acesso em: 12 out. 2020.

para a pesquisa, pois é ano de Copa do Mundo, que potencializa as transmissões do futebol. Ou seja, o período escolhido é o adequado, considerando que o outro ano anterior ao Jogos, 2013, apresenta uma grande distância temporal para o evento olímpico.

Porém, a Rede Globo não aceitou a solicitação do pesquisador para fornecer a grade de programação completa da emissora no ano de 2015. O grupo de comunicação carioca informou que faz o “atendimento apenas para trabalhos de conclusão de curso, pesquisas de mestrado e doutorado cujo objeto de estudo principal é a Globo, seus canais e programas. Infelizmente, não conseguimos atendê-lo com o pedido” (GLOBO UNIVERSIDADE, 2020)¹².

Antes mesmo da recusa da solicitação, a grade foi pesquisada na internet, porém não estava disponível de forma acessível. Apenas mediante muita busca esse material poderia ser coletado. Após a negativa, foi encontrado um *site* de acervo do Grupo Globo, o Memória Globo.

Como ele não possuía muitas informações sobre os conteúdos transmitidos pela emissora, foi solicitada novamente a grade de programação de 2015 e, novamente, recusada. A funcionária responsável pelo atendimento sugeriu a utilização do próprio Memória Globo, apesar da clara defasagem de informações, e da plataforma Globoplay, que possui alguns programas transmitidos pelo grupo de comunicações carioca disponíveis.

Portanto, conforme citado anteriormente, foi definido que o material analisado seria o material de interesse coletado sobre esportes nesses dois *sites* do Grupo Globo. No caso do Memória Globo, houve uma análise sobre a diversidade de esportes existentes na plataforma que serve como referência histórica da emissora de TV aberta. E no Globoplay, foram analisados os conteúdos esportivos de 2015 disponíveis para acesso que foram transmitidos no canal aberto e disponibilizados para todos – os de TV fechada e disponíveis apenas para assinantes foram apenas mencionados e contabilizados.

Dessa forma, foi abrangida a maior diversidade possível de acordo com o que é disponibilizado pela emissora carioca. Após a descrição do conteúdo supracitado e, também, dos dados sobre a presença brasileira nas Olimpíadas de 2016, foram utilizadas as análises quanti-

¹² *E-mail* do Grupo Globo de Comunicações em resposta à solicitação da grade de programação da emissora no ano de 2015.

tativa e qualitativa, assim como uma análise de conteúdo comparativa, que possibilitou respostas relacionadas à transmissão televisiva e a diversidade de esportes no Brasil.

2.2 Técnica de coleta de dados

Como foi feita uma análise de conteúdo nos portais supracitados, a fim de esmiuçar o conteúdo esportivo da Rede Globo, o manual de Laurence Bardin, *Análise de Conteúdo* (1977)¹³, uma das grandes referências para o estudo de conteúdos em comunicação utilizando coleta de dados, é a metodologia ideal para os dados pesquisados. A análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 48).

No contexto da influência da mídia na baixa diversidade da prática de esportes no Brasil, é difícil avaliar os aspectos da realidade com precisão. Porém, o material pesquisado serviu para iniciar essa análise a partir da perspectiva quantitativa, relacionando a quantidade de vezes que cada esporte teve espaço no Grupo Globo, de acordo com o indicado nos *sites* Memória Globo e Globoplay, tanto historicamente como no período de 2015 – uma forma de termos um conteúdo sistemático para ter um recorte do problema de pesquisa. Deste modo, chegou-se à visão qualitativa a partir de indicadores posteriormente estabelecidos. Essa investigação social é sistemática e objetiva:

A descrição analítica funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. [...] em muitos casos a análise [...] não se limita ao conteúdo, [...] pode ser uma análise dos "significados" (exemplo: a análise temática), embora possa ser também uma análise dos "significantes" (análise lexical, análise dos procedimentos). [...] O tratamento descritivo constitui uma primeira fase do procedimento [...]. No que diz respeito às características sistemática e objetiva [...]. foram e continuam sendo suficientemente importantes [...]. (BARDIN, 1977, p. 41).

Para chegar à análise interpretativa, foi necessário seguir o caminho trilhado por Bardin: dessa forma, não se pulam etapas e a investigação é mais apurada e coerente. Segundo Bardin (1977, p. 44), “a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a

¹³ BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.

indicadores (quantitativos ou não)”. Essa inferência só pode ser realizada após esse primeiro passo descritivo:

O analista é como um arqueólogo. Trabalha com vestígios: os "documentos" que pode descobrir ou suscitar. [...] Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles. [...] O analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula para inferir (deduzir de maneira lógica) conhecimentos sobre o emissor da mensagem ou sobre o seu meio, por exemplo. [...] trabalha com índices cuidadosamente postos em evidência por procedimentos mais ou menos complexos. Se a descrição (a enumeração das características do texto, resumida após tratamento) é a primeira etapa necessária e se a interpretação (a significação concedida a estas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário, que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma à outra. (BARDIN, 1977, p. 45).

Dessa forma, as inferências são essenciais para que a interpretação do conteúdo analisado seja feita. Bardin (1977, p. 45) afirma que elas são capazes de solucionar dois tipos de questões, sendo a primeira relacionada às causas da mensagem (o que levou a tal discurso) e a segunda, aos resultados provocados por ela (quais foram os efeitos de uma propaganda, por exemplo). Para chegar a essas inferências, foi utilizada uma das técnicas da análise de conteúdo, a análise por categorias:

[...] a análise por categorias [...] é a mais utilizada. Funciona por operações de desmembramento do texto [...] em categorias [...]. Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou análise temática, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples. (BARDIN, 1977, p. 201).

No caso, as categorias foram os diferentes tipos de programas ou eventos esportivos transmitidos (futebol, automobilismo, lutas, Olimpíadas etc.), para fins de mensuração. A partir disso, foi utilizada uma análise documental, que serviu como facilitadora da análise de conteúdo, já que essa técnica documental é, segundo Bardin (1977, p. 51), “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar, num estado ulterior, a sua consulta e referência”. Ou seja, a investigação documental serviu para resumir as informações disponibilizadas nos portais mencionados (Memória Globo e Globoplay), de forma a facilitar a visualização das informações de interesse:

[...] a análise documental tem por objetivo dar forma conveniente e representar de outro modo essa informação, por intermédio de procedimentos de transformação. O propósito a atingir é o armazenamento sob uma forma variável e a facilitação do acesso ao observador, de tal forma que este obtenha o máximo de informação (aspecto quantitativo), com o máximo de pertinência (aspecto qualitativo). (BARDIN, 1977, p. 51).

Ou seja, a técnica documental foi o ponto de partida para as análises quantitativa e qualitativa, que foram fundamentais para a interpretação dos dados coletados. Antes de entrarmos nesse mérito, vale ressaltar a diferença entre a análise documental, que é, segundo Bardin (1977, p. 52), “a representação condensada da informação, para consulta e armazenamento”, e a análise de conteúdo, que é “a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo) para evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem”. Ou seja, a análise documental é um caminho facilitador para a de conteúdo.

Feito isso, as análises quantitativa e qualitativa também foram utilizadas, conforme citado anteriormente. A primeira serviu para quantificar o número de vezes que cada um dos esportes teve espaço no Grupo Globo, de acordo com o conteúdo acessível nas plataformas supracitadas. Segundo Bardin (1977, p. 144), “a abordagem quantitativa funda-se na frequência de aparição de determinados elementos da mensagem”.

Além disso, ela também serviu para demonstrar estatisticamente alguns dados esportivos do Brasil, como número de praticantes dos esportes, representação brasileira nas últimas Olimpíadas, número de medalhas do Brasil nos Jogos do Rio 2016 e audiência de alguns dos eventos dessa edição olímpica, uma vez que ela:

[...] obtém dados descritivos por meio de um método estatístico. Graças a um desconto sistemático, esta análise é mais objetiva, mais fiel e mais exata, visto que a observação é mais bem controlada. Sendo rígida, esta análise é, no entanto, útil nas fases de verificação das hipóteses. (BARDIN, 1977, p. 145).

A análise quantitativa foi baseada em um indicador inspirado no TTR (*type token ratio*) descrito por Bardin (1977, p. 248), que divide o conteúdo léxico pela ocorrência, analisando a expressão do conteúdo de acordo com os resultados. Porém, o objetivo da pesquisa é analisar a proporção de programas esportivos da modalidade (ou competição) X em relação ao total de programas.

Dessa forma, o primeiro indicador do trabalho é o de Representatividade Esportiva no Total da Programação (RENTP), cujo quociente final foi o resultado da quantidade de programas, ou eventos, dessas categorias esportivas (determinadas após a descrição), dividida pelo total. Da mesma forma que o TTR, no RENTP, quanto mais perto de um for o resultado,

maior é a participação da categoria na grade televisiva do Grupo Globo. Para fins didáticos, todos os indicadores foram colocados em percentuais.

O RENTP foi calculado de forma geral, em que cada categoria foi dividida pelo total de ocorrências achadas nos *sites*; de forma separada, em que a divisão foi feita por cada portal; por programas, em que apenas os programas foram contabilizados; por eventos, em que apenas os eventos foram contabilizados; e por tempo total de tela, no caso, do conteúdo esportivo da Globoplay no ano de 2015, em que os minutos de cada programa foram divididos pelo total.

Da mesma forma, o TTR serviu de referência para os dados do Brasil nas Olimpíadas de 2016, em três indicadores diferentes. O primeiro foi o de Medalhas por Atletas (MPA), que comparou o desempenho do Brasil com o dos outros países (especificados mais à frente). Deste modo, há o MPA geral brasileiro e o de cada nação, sendo separados por total de medalhas, quantidade de ouros, de pratas e de bronzes. A proporção deste índice foi como no anterior, ou seja, quanto maior for o percentual do MPA, maior é a efetividade daquele país.

Além disso, no caso da nossa pátria, esse indicador foi utilizado em cada uma das modalidades, representando o resultado da divisão do número de medalhas brasileiras naquele esporte pelo total de atletas brasileiros, ou equipes (quando for o caso), que competiram nele. Quanto mais alta a porcentagem do MPA, maior é a efetividade do Brasil no esporte específico. Ressalta-se que este cálculo foi feito a partir da quantidade total de medalhas.

Como não foram encontrados dados sobre a quantidade de atletas dos outros países por modalidade, também houve a comparação dos resultados brasileiros, no geral e por modalidade, com os das melhores nações em cada esporte. Dessa forma, o segundo indicador é o do Brasil em Relação ao Melhor (BRM), também inspirado no TTR, calculado pelo quociente entre as medalhas nacionais e as medalhas do primeiro país, seja no quadro geral (considerando total de medalhas, quantidade de ouros, de pratas e de bronzes) ou na modalidade específica, sendo que quanto maior o número percentual, maior o domínio brasileiro no esporte designado, em relação ao resto do mundo. No caso das modalidades, também houve um BRM com pesos diferentes atribuídos às medalhas de ouro (peso quatro), de prata (peso dois) e de

bronze (peso um), para uma avaliação de acordo com o grau de importância de cada tipo de medalha.

O último indicador é o da Representatividade Brasileira nas Olimpíadas (RBNO), que resulta da divisão do número de atletas brasileiros pelo total da mesma modalidade e, também, no geral (em 2012 e em 2016, para efeitos de comparação). Quanto mais alta essa porcentagem, maior foi a representatividade do nosso país naquele esporte específico. Dessa forma, puderam ser comparadas a efetividade e a representatividade nacional nos Jogos de 2016.

Já a análise qualitativa se baseou na comparação entre os RENTPs, os MPAs, os BRMs e os RBNOs. Ainda de acordo com Bardin (1977, p. 144), “a abordagem não quantitativa recorre a indicadores não frequenciais suscetíveis de permitir inferências; por exemplo, a presença (ou a ausência) pode constituir um índice tanto (ou mais) frutífero que a frequência de aparição”. A análise qualitativa serviu para averiguar as hipóteses realizadas e ter um material mais flexível, visto que

[...] corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses. Este tipo de análise deve ser então utilizado nas fases de lançamento das hipóteses, já que permite sugerir possíveis relações entre um índice da mensagem e uma ou diversas variáveis do locutor (ou da situação de comunicação). (BARDIN, 1977, p. 145).

Desta forma, para que não restem dúvidas sobre a diferença entre os dois tipos de análise, Bardin (1977, p. 146) conclui que a qualitativa se pauta na existência invariável da inferência pautada em um índice, e não na frequência de aparição de um determinado elemento. Tudo isso torna a pesquisa explicativa e compreensiva, uma vez que seu objetivo é começar a desvendar se a baixa diversidade na prática de esportes realmente tem relação com o fato de o tratamento midiático e do investimento serem voltados a alguns esportes muito específicos.

3. ANÁLISE DESCRITIVA

Conforme mencionado anteriormente, três materiais foram analisados: 1. Acervo esportivo da Rede Globo no *site* Memória Globo (GLOBO COMUNICAÇÕES E PARTICIPAÇÕES S.A.)¹⁴; 2. Programas de esportes disponíveis na plataforma Globoplay (GLOBOPLAY)¹⁵; 3. Dados da participação brasileira nos Jogos Olímpicos do Rio 2016 (GLOBO ESPORTE; BRASIL).

3.1 Memória Globo

Existem cinco eventos diferentes com coberturas destacadas no *site* de acervo do Grupo Globo de Comunicações: Copa do Mundo, Olimpíadas, Jogos Pan-Americanos, Copa América e Fórmula 1. Além disso, existem 35 diferentes telejornais e programas esportivos evidenciados na área do portal reservada para isso.

3.1.1 Eventos e coberturas

As coberturas esportivas correspondem à ideia inicial de material a ser analisado nesta pesquisa. Portanto, a descrição do conteúdo do Memória Globo iniciar-se-á por essas coberturas, apesar de aqui não haver destaque para nenhuma cobertura do ano de 2015:

a. Jogos Pan-Americanos

Os Jogos Pan-Americanos (ou simplesmente Pan) são realizados a cada quatro anos, assim como as Olimpíadas, e reúnem atletas das três Américas (Central, do Norte e do Sul) para disputa de vários esportes. As modalidades do Pan são variadas e muitas delas coincidem com as olímpicas, uma vez que, para algumas, os Jogos Pan-Americanos valem como classificação direta para as Olimpíadas.

¹⁴ GLOBO COMUNICAÇÕES E PARTICIPAÇÕES S.A. **Memória Globo**: esporte. Rio de Janeiro, s.d. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/>. Acesso em: 12 out. 2020.

¹⁵ GLOBOPLAY. **Assista esportes pelo Globoplay**. Rio de Janeiro, s.d. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/categorias/esportes/>. Acesso em: 12 out. 2020.

No total, já houve a participação de 44 países na competição: três da América do Norte (Canadá, Estados Unidos da América e México), 13 da América do Sul (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Guiana, Guiana Francesa, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela) e 28 da América Central (Antígua e Barbuda, Antilhas Holandesas, Aruba, Bahamas, Barbados, Belize, Bermudas, Cuba, Dominica, El Salvador, Granada, Guadalupe, Guatemala, Haiti, Honduras, Ilhas Cayman, Ilhas Virgens Americanas, Ilhas Virgens Britânicas, Jamaica, Martinica, Nicarágua, Panamá, Porto Rico, República Dominicana, Santa Lúcia, São Cristóvão e Névis, São Vicente e Granadinas, e Trinidad e Tobago).

O Comitê Olímpico Internacional (COI) considera como esporte aquele que possui uma federação, sendo que cada um pode ter modalidades. Por exemplo, o atletismo é um esporte com uma federação (Associação Internacional de Federações de Atletismo – IAAF) que possui como modalidades corrida, lançamento e salto. Com base nisso, os Jogos Pan-Americanos concentram diversos esportes divididos em suas respectivas modalidades, que podem variar de acordo com a edição. Alguns dos esportes já disputados em Pans anteriores são: Atletismo, Badminton, Basquetebol, Beisebol, Boliche, Boxe, Canoagem, Caratê, Ciclismo, Esgrima, Esqui Aquático, Fisiculturismo, Fronton, Futebol, Ginástica, Golfe, Handebol, Hipismo, Hóquei sobre a Grama, Judô, Levantamento de Peso, Natação Artística, Natação, Patinação sobre Rodas, Pelota Basca, Pentatlo Moderno, Polo Aquático, Raquetebol, Remo, Rúgbi de Sete, Saltos Ornamentais, Softbol, Surfe, *Squash*, *Taekwondo*, Tênis, Tênis de Mesa, Tiro Esportivo, Tiro com Arco, Triatlo, Vela, Voleibol e Vôlei de praia (FRANCO).

Explicados os Jogos Pan-Americanos e a sua abrangência, segue a descrição do material dessa competição disponível no acervo do *site* Memória Globo: são 10 eventos compreendidos entre 1975 e 2011. No entanto, nem todos tiveram cobertura da TV Globo. Cada um tem informações específicas, como o período de exibição, a equipe de cobertura, os resultados do Brasil naquela edição, os destaques e breve explicação sobre os motivos de o Pan não ter sido televisionado na Globo, quando foi o caso:

1. Jogos Pan-Americanos de 1975, realizados na Cidade do México, México: exibidos de 12/10/1975 a 26/10/1975 (período de 15 dias, total do evento). A cerimônia de abertura dessa edição foi transmitida ao vivo, diretamente da capital mexicana. Os Jogos contaram com 3.146 atletas de 33 países. A Globo cobriu o evento e transmitiu boletins diários, de

segunda a sexta, às 23 horas; nos sábados, após o filme de *Primeira Exibição*, e nos domingos, após o *Fantástico*, com os melhores momentos dos Jogos, as quebras de recordes, as disputas de que as equipes brasileiras participaram e as cenas mais emocionantes. A equipe da emissora no México foi coordenada por Teti Afonso. O jornalista ficou encarregado, também, da edição dos boletins diários da emissora. Além dele, Ciro José supervisionou, comentou e narrou algumas provas. Os jornalistas Samuel Melo Araújo, Léo Batista e Armando Augusto M. Nogueira foram responsáveis pela cobertura das provas, somando cinco profissionais *in loco*. No Rio de Janeiro, a equipe foi formada por Luiz Carlos Sá, Leonardo Gryner, Luciano do Valle, Tércio de Lima, Fernando Vilela e Milton Campos, somando seis profissionais. A delegação brasileira foi composta por 216 atletas, terminando em quinto lugar na classificação geral: oito medalhas de ouro, 13 de prata e 23 de bronze – 44, no total. O grande destaque dos Jogos foi o número de recordes quebrados em vários esportes.

2. Jogos Pan-Americanos de 1979, realizados em San Juan, Porto Rico: exibidos de 01/07/1979 a 15/07/1979 (período de 15 dias, total do evento). A cerimônia de abertura foi transmitida ao vivo no *Fantástico* com narração de Luciano do Valle. Diretamente de Porto Rico, a Globo transmitiu dois boletins diários, às 12h45min e às 23h30min, com as principais competições, as quebras de recordes e entrevistas com os atletas da Vila Olímpica. Os brasileiros assistiram jogos de futebol, de basquete e de vôlei, as finais do atletismo e da natação. A equipe da emissora enviada a San Juan foi formada por Ciro José (diretor da Divisão de Esportes), Luciano do Valle (locutor), Antônio Carlos Neves (editor), Gilson Ribeiro (repórter), Fernando Vilela (coordenador) e José Augusto (cinegravista), totalizando seis profissionais *in loco*. A delegação brasileira foi composta por 278 atletas, terminando em quinto lugar na classificação geral: nove medalhas de ouro, 13 de prata e 17 de bronze – 39, no total. O grande destaque dos Jogos foram os Estados Unidos da América (EUA), com 266 medalhas no total.

3. Jogos Pan-Americanos de 1983, realizados em Caracas, Venezuela: exibidos de 14/08/1983 a 29/08/1983 (período de 16 dias, total do evento). A Globo fez a cobertura do Pan por meio de boletins diários, com 20 minutos de duração: aos domingos a exibição era no *Fantástico*, e nos outros dias, após o Jornal da Globo. Além das principais conquistas

brasileiras, foram transmitidas ao vivo as principais partidas de modalidades coletivas, como basquete, futebol e vôlei. A equipe da emissora que cobriu os Jogos foi coordenada pelo jornalista Hedyl Valle Jr e, ao lado dele, estavam os repórteres Ricardo Menezes, Isabela Scalabrini, Luiz Fernando Lima e Gilson Ribeiro; os cinegrafistas Daniel Andrade, Cleber Schetini, César Tinoco e Marcio Torres; e os locutores Léo Batista e Osmar de Oliveira, totalizando 11 profissionais da comunicação *in loco*. Além deles, a Globo enviou engenheiros e equipes de manutenção para dar suporte ao trabalho jornalístico. A delegação brasileira foi composta por 401 atletas, terminando em quinto lugar na classificação geral: 14 medalhas de ouro, 20 de prata e 23 de bronze – 57, no total. O grande destaque dos Jogos foi a superioridade dos EUA, com 302 medalhas no total, sendo 148 de ouro, 70 à frente de Cuba.

4. Jogos Pan-Americanos de 1987, realizados em Indianapolis, EUA: aconteceram de 07/08/1987 a 23/08/1987 (período de 17 dias) e não tiveram cobertura da Globo, devido à burocracia da negociação dos direitos de transmissão. A Organização Desportiva Pan-Americana (Odepa) negociou esses direitos dos Jogos com a CBS, empresa norte-americana, mas a Organização das Televisões Ibero-Americanas (OTI) não chegou a um acordo financeiro com o Comitê Organizador e rompeu relações com a CBS. A OTI era, à época, a detentora dos direitos da Copa do Mundo e das Olimpíadas na América Latina e proibiu que suas associadas, caso da Globo, negociassem com a CBS, além de se negar a comprar o Pan de 1987. Como a emissora estaria fora das Olimpíadas de 1988 e da Copa de 1990 caso descumprisse essa medida, não houve transmissão.

5. Jogos Pan-Americanos de 1991, realizados em Havana, Cuba: exibidos de 02/08/1991 a 18/08/1991 (período de 17 dias, total do evento). A Globo acompanhou e transmitiu os melhores momentos do Pan, que contou com 4.519 atletas, dispostos em 30 modalidades. As informações sobre as vitórias e as medalhas brasileiras durante os Jogos passaram em noticiários especiais nos telejornais: *Jornal Hoje*, *Jornal Nacional*, *Jornal da Globo*, *Globo Esporte*, *Esporte Espetacular* e *Placar Eletrônico*. A equipe da emissora foi composta por dois profissionais *in loco*: o cinegrafista Daniel Andrade e o repórter Luiz Fernando Lima. A delegação brasileira foi composta por mais de 300 atletas, terminando em quarto lugar na classificação geral: 21 medalhas de ouro, 21 de prata e 37 de bronze –

79, no total. O grande destaque dos Jogos foi a liderança de Cuba no quadro de medalhas com 140 medalhas de ouro, 10 a mais que os EUA, impondo a primeira derrota americana em Pans e, conseqüentemente, a primeira vitória dos donos da casa.

6. Jogos Pan-Americanos de 1995, realizados em Mar del Plata, Argentina: aconteceram de 11/03/1995 a 26/03/1995 (período de 16 dias) e não tiveram cobertura da Globo, novamente por causa da OTI, que rompeu com os organizadores locais, alegando que as condições de transmissão não atendiam a um padrão técnico mínimo. Por causa disso, a Organização proibiu que suas afiliadas, como o Grupo Globo, exibissem os Jogos. Quem desobedecesse a essa determinação não poderia exibir a Copa do Mundo da França, em 1998.

7. Jogos Pan-Americanos de 1999, realizados em Winnipeg, Canadá: exibidos de 23/07/1999 a 08/08/1999 (período de 17 dias, total do evento). A Globo cobriu a competição, que contou com 5.275 atletas em 38 modalidades, e exibiu os melhores momentos no *Boletim dos Jogos Pan-Americanos*. O programa, de dez minutos, mostrou os destaques e foi ao ar de segunda a sexta-feira, após o *Jornal da Globo*. Nos dias 24 e 31 de julho, foi exibido depois da *Sessão de Gala* e, no dia 7 de agosto, após o *Supercine*. Aos domingos, o *Boletim* era depois de *Sai de Baixo*. Não há informações sobre a equipe da emissora nessa edição do Pan. A delegação brasileira foi formada por 436 atletas, terminando em quarto lugar na classificação geral: 25 medalhas de ouro, 32 de prata e 44 de bronze – 101, no total, passando da barreira de 100 medalhas pela primeira vez. O grande destaque dos Jogos foi a presença feminina em quatro novos esportes: futebol, pentatlo moderno, levantamento de peso e polo aquático.

8. Jogos Pan-Americanos de 2003, realizados em Santo Domingo, República Dominicana: exibidos de 01/08/2003 a 17/08/2003 (período de 17 dias, total do evento). A Globo cobriu o Pan, disputado por 5.500 atletas de 44 países, por meio de boletins e reportagens em seus telejornais. De segunda a sexta, após o *Jornal da Globo*, aos sábados, depois do *Supercine*, e aos domingos, no *Fantástico*. O *Esporte Espetacular* produziu o quadro “*Eu vi no Pan*”, em que a equipe de jornalistas da emissora em Santo Domingo contava curiosidades sobre os bastidores da cobertura. A equipe da Globo foi composta por mais de 20 jornalistas em Santo Domingo, além de cinegrafistas, engenheiros e produtores;

os repórteres Pedro Bassan, Glenda Kozlowski, Tino Marcos e João Pedro Paes Leme estiveram presentes junto com o narrador Maurício Torres. A delegação brasileira foi formada por 479 atletas, terminando em quarto lugar na classificação geral: 29 medalhas de ouro, 40 de prata e 54 de bronze – 123, no total. O grande destaque foi a evolução do Brasil na competição, que subiu ao pódio em 30 das 37 modalidades em que competiu, recorde do país até então.

9. Jogos Pan-Americanos de 2007, realizados no Rio de Janeiro, Brasil: exibidos de 13/07/2007 a 29/07/2007 (período de 17 dias, total do evento). A Globo cobriu o Pan, disputado por cerca de 5.600 atletas em 47 modalidades, desde a cerimônia de abertura no Maracanã, narrada por Galvão Bueno. As informações eram transmitidas no *Boletim do Pan*, exibido de segunda a sexta-feira após o *Jornal da Globo*, aos sábados, após *Supercine*, e aos domingos, depois do *Domingo Maior*. Provas importantes e vitórias brasileiras também foram exibidas nos telejornais da emissora, além de *flashes* que interromperam a programação com as últimas notícias do quadro de medalhas. Por ser no Brasil, a equipe da emissora foi composta por mais de 700 profissionais participando das transmissões: uma grande cobertura com mais de 100 horas de programação esportiva. Dentre os funcionários que trabalharam para a Globo na transmissão dos Jogos, destacaram-se: os comentaristas especializados, Oscar e Hortência (basquete); Tande, Giovani e Sandra Pires (vôlei); Gustavo Borges (natação), Robson Caetano (atletismo) e Rogério Sampaio (judô); e os jornalistas Glenda Kozlowski, Mylena Ciribelli, Sandra Annenberg, Evaristo Costa, Christiane Pelajo e Fátima Bernardes. A delegação brasileira terminou em terceiro lugar na classificação geral: 56 medalhas de ouro, 40 de prata e 67 de bronze – 163, no total. O grande destaque foi o nadador brasileiro Thiago Pereira, que estabeleceu um novo recorde de ouros de um atleta em uma só competição, com seis, superando o norte-americano Mark Spitz (cinco medalhas douradas em 1967).

10. Jogos Pan-Americanos de 2011, realizados em Guadalajara, México: aconteceram de 14/10/2011 a 30/10/2011 (período de 17 dias) e não tiveram cobertura da Globo. O evento foi transmitido pela Rede Record. Apesar disso, a emissora carioca exibiu em seus telejornais (*Globo Esporte*, *Esporte Espetacular*, *Fantástico*, *Jornal Hoje*, *Jornal Nacional*

e *Jornal da Globo*) boletins e informações sobre o desempenho dos brasileiros no Pan (GLOBO COMUNICAÇÕES E PARTICIPAÇÕES S.A.).

b. Copa América

A Copa América é um torneio de seleções de futebol da América do Sul filiadas à Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol), atualmente disputado a cada quatro anos. É a competição de futebol entre seleções mais antiga do mundo, com mais de 100 anos. O *site* Memória Globo apresenta informações de 13 edições do torneio (de 1979 a 2011), então, cabe ressaltar os intervalos entre os torneios durante essa época. A partir de 1975, ela recebeu o nome de Copa América e ocorreu a cada quatro anos até 1987, sendo disputada ao longo do ano em cada país. De 1987 a 2001, o torneio foi realizado de dois em dois anos, em rodízio de sedes pelos 10 países membros da Conmebol. Depois disso, houve três edições com intervalo de três anos, até 2007, que marcou a mudança da periodicidade para quatro anos.

Após o período abrangido pelo portal do Grupo Globo, ainda houve uma edição especial em 2016, a única fora do continente sul-americano, e a partir do ano de 2020, a Copa América será disputada sempre no mesmo ano da Eurocopa¹⁶. Atualmente, 12 equipes participam do torneio, sendo 10 delas filiadas à Conmebol (Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela) e outras duas, convidadas, que variam a cada ano. No total, participaram da Copa América nove seleções de outros continentes: Costa Rica (1997, 2001, 2004, 2011 e 2016), Estados Unidos da América (1993, 1995, 2007 e 2016), Haiti (2016), Honduras (2001), Jamaica (2015 e 2016), México (1993, 1995, 1997, 1999, 2001, 2004, 2007, 2011, 2015 e 2016) e Panamá (2016), da Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe (Concacaf); e Japão (1999 e 2019) e Qatar (2019), da Confederação Asiática de Futebol (AFC) (FRANCO).

Explicada a Copa América e a sua relevância, segue a descrição do material dessa competição disponível no acervo do *site* Memória Globo: são 13 eventos no período de 1979 a 2011, todos com cobertura parcial da TV Globo. Cada um tem informações específicas,

¹⁶ Ambas as competições não ocorreram neste ano, devido à pandemia da Covid-19.

como o período de exibição, a equipe de cobertura, os resultados da seleção brasileira e as finais:

1. Copa América de 1979, sem sede fixa: aconteceu de 18/07/1979 a 11/12/1979, com exibição da Globo durante todo o período, apesar de ser informado que a transmissão foi apenas dos jogos da seleção brasileira, que não chegou à final. Os diretores de jornalismo e de esportes, Armando Nogueira e Hedyl Valle Jr., respectivamente, comandaram a operação da cobertura global do evento em uma operação com o produtor executivo Teti Alfonso, os editores Michel Laurence e Luiz Nascimento, os repórteres Raul Quadros, Marcelo Matte e André Richer, o narrador Luciano do Valle e o comentarista Ciro José, totalizando 10 profissionais envolvidos com a Copa América. O portal Memória Globo também fornece informações sobre a convocação da seleção canarinho e vídeos de melhores momentos de alguns jogos. O Brasil foi eliminado nas semifinais pelo campeão Paraguai e teve, além dos seus jogos, cobertura dos vestiários e reportagens especiais. A final entre Paraguai e Chile, disputada em três jogos, não foi transmitida pela emissora, que apenas mostrou os melhores momentos no programa *Globo Esporte*.

2. Copa América de 1983, sem sede fixa: aconteceu de 10/08/1983 a 04/11/1983, com exibição da Globo durante todo o período, apesar de ser informado que a transmissão foi apenas dos jogos da seleção brasileira, que foi até a final. Os diretores de jornalismo e de esportes, Armando Nogueira e Leonardo Gryner, respectivamente, comandaram a operação da cobertura global do evento em uma operação com técnicos, engenheiros, produtores, comentaristas e cinegrafistas. Galvão Bueno narrou os jogos ao lado de Márcio Guedes e as reportagens foram de Raul Quadros, Ricardo Menezes, Luís Ceará e Mário Jorge Guimarães. A emissora também exibiu o programa *Boletim da Copa América*, apresentado por Fernando Vanucci, de 15 minutos, que ia ao ar às 18h45, em dias de jogos do Brasil, e mostrava informações sobre os adversários da seleção canarinho. O portal também fornece informações sobre os jogadores brasileiros convocados. O nosso país chegou à final após vencer um sorteio de cara ou coroa contra o Paraguai, após dois empates nas semifinais, porém perdeu o campeonato para o Uruguai e foi vice.

3. Copa América de 1987, na Argentina: aconteceu de 26/06/1987 a 12/07/1987 (duração de 17 dias), com exibição da Globo durante todo o período, transmissões dos jogos

do Brasil e das finais do torneio. O diretor de esportes, Leonardo Gryner, comandou a equipe enviada à Argentina, Galvão Bueno foi o narrador e Luís Fernando Lima, o repórter. A final entre Uruguai e Chile foi narrada excepcionalmente por Luís Alfredo, com os melhores momentos comentados por Fernando Vanucci e Carlos Alberto Torres, o Capita. O portal também fornece informações sobre os jogadores brasileiros convocados. A seleção canarinho, apesar de um bom desempenho nos amistosos preparatórios, foi eliminada ainda na primeira fase após um 4x0 para o Chile. A Globo transmitiu a semifinal entre Argentina e Uruguai, com derrota dos anfitriões por 1x0, e a grande final entre os uruguaios e os chilenos, em que o time celeste repetiu o placar das semifinais e se sagrou campeão.

4. Copa América de 1989, no Brasil: aconteceu de 01/07/1989 a 16/07/1989 (duração de 16 dias), com exibição da Globo dos jogos da seleção canarinho, durante todo o período. O diretor de esportes, Luís Fernando Lima, foi o responsável pela cobertura do torneio, que contou com o narrador Galvão Bueno, os comentaristas Chico Anysio e Léo Batista, além dos repórteres Tino Marcos (setorista da seleção brasileira), Roberto Thomé e Marcelo Rezende. O portal também fornece informações sobre a convocação da seleção canarinho e vídeos de melhores momentos de alguns jogos. O Brasil foi muito questionado pela torcida durante a competição, com direito a vaias e ovadas, mas foi campeão invicto com direito a troco no Uruguai, 39 anos após o Maracanaço¹⁷, com Romário e Bebeto caindo nas graças da torcida.

5. Copa América de 1991, no Chile: aconteceu de 06/07/1991 a 21/07/1991 (duração de 16 dias), com exibição da Globo dos jogos do Brasil durante todo o período. O diretor de esportes, Luís Fernando Lima, foi o responsável pela cobertura do torneio, que contou com o narrador Galvão Bueno, os comentaristas Raul Plassmann e Arnaldo César Coelho, além dos repórteres Tino Marcos e Roberto Thomé. O portal também fornece informações sobre a convocação da seleção canarinho e vídeos de reportagens da emissora. Após campanha irregular, a seleção brasileira perdeu na fase final para Argentina e, mesmo com vitórias nos outros dois jogos, viu os adversários serem campeões.

¹⁷ Maracanaço foi a derrota do Brasil para o Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950, em partida disputada no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro.

6. Copa América de 1993, no Equador: aconteceu de 15/06/1993 a 04/07/1993 (duração de 20 dias), com exibição da Globo durante todo o período, apesar de ser informado que a transmissão foi apenas dos jogos da seleção brasileira, que foi eliminada nas quartas de final. A emissora realizou a cobertura do torneio com o narrador Galvão Bueno, os comentaristas Raul Plassmann, Arnaldo César Coelho e Pelé (convidado especial), além dos repórteres Tino Marcos e Roberto Thomé. O portal também fornece informações sobre a convocação da seleção canarinho. Após campanha irregular e uma classificação apertada, o Brasil foi eliminado pela Argentina, nos pênaltis, que se sagrou campeã após derrotar a Colômbia nas semifinais (também nas penalidades) e o México por 2x1 na grande final.

7. Copa América de 1995, no Uruguai: aconteceu de 05/07/1995 até 23/07/1995 (duração de 19 dias), com exibição da Globo dos jogos do Brasil durante todo o período. A transmissão da emissora teve novidades nesse torneio, como a implantação de câmeras especiais e exclusivas, além da transmissão oficial da TV Uruguia: foram usadas duas câmeras no gramado, uma terceira, posicionada do outro lado do campo, para mostrar as jogadas de um ângulo invertido, e duas micro-câmeras instaladas dentro dos gols, além da volta do tira-teima (com melhor definição de imagem), um aparato tecnológico para esclarecer dúvidas durante os jogos. A cobertura teve 35 profissionais no Uruguai, entre técnicos e jornalistas, coordenados por Fernando Guimarães (Direção de Eventos Especiais), Franklin Toledo (Diretor de Transmissão), Zeca Viana (diretor de TV), Mario Jorge Alves de Oliveira (Supervisão de Operações de Engenharia) e Telmo Zanini (Chefia de Redação). O narrador foi Galvão Bueno, os comentaristas, Raul Plassmann e Arnaldo César Coelho, além dos repórteres Tino Marcos, Roberto Thomé, Marcos Uchoa, Cléber Schittini, Daniel Andrade e Sérgio Costa. O portal também fornece informações sobre a convocação da seleção canarinho. Após campanha de 100% de aproveitamento na primeira fase, o Brasil se vingou da Argentina, nas quartas de final, com uma eliminação nos pênaltis e passou pelos EUA nas semifinais, mas perdeu a grande final para o Uruguai, nas penalidades.

8. Copa América de 1997, na Bolívia: aconteceu de 11/06/1997 até 29/06/1997 (duração de 19 dias), com exibição da Globo dos jogos do Brasil durante todo o período. O diretor de esportes, Luís Fernando Lima, foi o responsável pela cobertura do torneio, que contou com o narrador Galvão Bueno, os comentaristas Paulo Roberto Falcão e Arnaldo César

Coelho, além dos repórteres Tino Marcos, João Pedro Paes Leme, Mauro Naves, Fernando Vanucci e Roberto Thomé. O portal também fornece informações sobre a convocação da seleção canarinho. Em uma campanha de 100% de aproveitamento, com direito a 7x0 em cima do Peru, a seleção brasileira foi campeã após vencer a anfitriã por 3x1 na final;

9. Copa América de 1999, no Paraguai: aconteceu de 29/06/1999 até 18/07/1999 (duração de 20 dias), com exibição da Globo dos jogos do Brasil durante todo o período. O diretor de esportes, Luís Fernando Lima, e o chefe de produção de esporte, João Ramalho, foram os responsáveis pela cobertura do torneio, que contou com o narrador Galvão Bueno, os comentaristas Paulo Roberto Falcão e Arnaldo César Coelho, além dos repórteres Tino Marcos, Mário Jorge Guimarães, Mauro Naves, Regis Rosing, Sonia Bridi e Roberto Thomé, e dos cinegrafistas José Carlos Mosca e Álvaro Sant'Anna. O portal também fornece informações sobre a convocação da seleção canarinho. Em outra uma campanha feita só de vitórias, dessa vez com um 7x0 em cima da Venezuela, a seleção brasileira foi campeã novamente, após vencer o Uruguai por 3x0 na final;

10. Copa América de 2001, na Colômbia: aconteceu de 11/07/2001 a 29/07/2001 (duração de 19 dias), com exibição da Globo – não há especificação sobre os jogos que foram transmitidos pela transmissora e nem se as finais foram exibidas, uma vez que o Brasil foi eliminado nas quartas de final para Honduras. Os jornalistas Luís Fernando Lima, João Ramalho e Mário Jorge Guimarães foram os responsáveis pela cobertura do torneio, que contou com o narrador Galvão Bueno, os comentaristas Paulo Roberto Falcão e Arnaldo César Coelho, além dos repórteres Tino Marcos, Renato Ribeiro, Mauro Tagliaferri, Mauro Naves, Regis Rosing e Sonia Bridi, e dos cinegrafistas José Carlos Mosca e Álvaro Sant'Anna. O portal também fornece informações sobre a convocação da seleção canarinho. Após a eliminação brasileira na competição, a campeã foi a anfitriã Colômbia em uma final contra o México;

11. Copa América de 2004, no Peru: aconteceu de 11/07/2004 a 29/07/2004 (duração de 19 dias), com exibição da Globo dos jogos do Brasil, durante todo o período. O diretor de esportes, Luís Fernando Lima, e o chefe do centro de produção de esporte, João Ramalho, foram os responsáveis pela cobertura do torneio, que contou com o narrador Galvão Bueno, os comentaristas Paulo Roberto Falcão, Walter Casagrande e Arnaldo César Coe-

lho, além dos repórteres Tino Marcos, Eric Faria, Renato Rocha, José Ilan, Mauro Jorge Guimarães e Mauro Naves, e dos cinegrafistas José Carlos Mosca e Álvaro Sant'Anna. O portal também fornece informações sobre a convocação da seleção canarinho, que foi controversa, sem as estrelas e cheia de nomes alternativos. Mesmo assim a seleção brasileira se classificou com uma rodada de antecedência para as quartas de final e, apesar do tropeço diante o sub-23 do Paraguai na última rodada, foi campeã, com vitórias nos pênaltis sobre uruguaios, na semifinal, e argentinos, na grande final.

12. Copa América de 2007, na Venezuela: aconteceu de 26/06/2007 a 15/07/2007 (duração de 20 dias) com exibição da Globo durante todo o período. O diretor de esportes, Luís Fernando Lima, e o chefe do centro de produção de esporte, João Ramalho, foram os responsáveis pela cobertura do torneio, que contou com o narrador Galvão Bueno, os comentaristas Paulo Roberto Falcão e Arnaldo César Coelho, além dos repórteres Tino Marcos, Eric Faria, José Ilan, Abel Neto e Mauro Naves, e dos cinegrafistas José Carlos Mosca e Álvaro Sant'Anna. Na semifinal, Romário e Walter Casagrande participaram como comentaristas convidados. O portal também fornece informações sobre a convocação da seleção canarinho. O início da caminhada brasileira foi com derrota para o México, mas a seleção se recuperou, ganhou de 6x1 do Chile nas quartas de final, passou na semifinal pelo Uruguai nos pênaltis e se sagrou campeã contra a Argentina, por 3x0;

13. Copa América de 2011, na Argentina: aconteceu de 01/07/2011 a 24/07/2011 (duração de 24 dias), com exibição da Globo durante todo o período. O chefe do centro de produção de esporte, João Ramalho, foi o coordenador da cobertura recorde da emissora na competição. Foram enviados 134 profissionais da TV Globo, do *globoesporte.com* e do SporTV, maior cobertura realizada até aquele momento, com informações nos programas esportivos, nos telejornais, no *Central da Copa* e durante as transmissões dos jogos. Um estúdio e uma redação foram montados no hotel da concentração da seleção brasileira com 30 postos de trabalho, incluindo computadores, ilhas de edição e de pós-produção. Em um esquema de cobertura de Copa do Mundo, os telespectadores experimentaram as novas câmeras sem fio, que possibilitaram a mobilidade dos repórteres pelos estádios, levando mais emoção à transmissão. Um satélite esteve 24 horas à disposição das equipes do esporte da emissora carioca para transmitir todas as emoções e novidades na hora em que elas

aconteceram. Os repórteres foram Tino Marcos, Gustavo Poli, Mauro Naves, Abel Neto, Eric Faria, Renato Ribeiro e Ivan Moré, com os cinegrafistas José Carlos Mosca, Cleber Schettini e Álvaro Sant'Anna. A cobertura teve o reforço da correspondente em Buenos Aires, Délis Ortiz, e o trio das transmissões dos jogos do Brasil foi formado por Galvão Bueno, Walter Casagrande e Arnaldo César Coelho. Além disso, a programação da Globo contou com vários programas especiais que complementavam a cobertura do torneio. O portal também fornece informações sobre a convocação da seleção canarinho. Com três empates em quatro jogos, a seleção brasileira foi eliminada nas quartas de final, para o Paraguai, em uma disputa de pênaltis na qual o Brasil não acertou nem uma cobrança. Os paraguaios também passaram pela semifinal nas penalidades, eliminando a Venezuela e chegando à grande final com cinco empates em cinco jogos, mas perderam para o Uruguai, 3x0, que foi o campeão da edição (GLOBO COMUNICAÇÕES E PARTICIPAÇÕES S.A.).

c. Fórmula 1

Considerada a categoria de esporte a motor mais importante, a Fórmula 1 (F1) foi criada oficialmente pela Federação Internacional de Automobilismo (FIA) em 1950 e é disputada anualmente. Porém, muitos historiadores apontam que o início dela vem de muito antes, como em 1895, com uma corrida na estrada entre Paris e Bordeaux (na França) ou em 1901 com a primeira corrida com a definição de Grande Prêmio (GP) disputada em Le Mans, o Grande Prêmio da França. Até 1949, vários GPs foram disputados pela Europa e alguns nos EUA (durante as Guerras Mundiais). Até que, em 1950, a FIA decidiu elaborar um campeonato reunindo os principais GPs europeus e o nomeou de Fórmula 1, com a sua primeira corrida oficial em 13 de maio no GP da Inglaterra, em Silverstone (antes houve o GP de Pau, França, mas ele não valeu para o campeonato).

A partir de então, a categoria foi evoluindo e se espalhando pelo mundo, com direito a corridas em todos os continentes (África, América, Ásia, Europa e Oceania). Devido à pandemia de Covid-19, no ano de 2020, as corridas se restringiram à Europa e à Ásia, por questões logísticas. Em 2019, porém, existiram GPs no Brasil, no Canadá, nos EUA, no México e na Austrália. A Fórmula 1 é reconhecida por ser porta de entrada das inovações tecnológicas automobilísticas e, por ela, passaram pilotos de grande relevância mundial, como: Juan Ma-

nuel Fangio, Jack Brabham, Jackie Stewart, Niki Lauda, Nelson Piquet, Alain Prost, Ayrton Senna, Michael Schumacher e, atualmente, Lewis Hamilton. Vale ressaltar que, como em qualquer esporte a motor, os resultados da F1 são diretamente influenciados pelo arranjo entre carro e piloto, ou seja, não basta ser o melhor piloto ou ter o melhor carro; se a dupla não for forte, dificilmente o título vem no fim do ano (LESME).

Explicado o que é a Fórmula 1 e a sua abrangência, segue a descrição do material dessa competição disponível no acervo do *site* Memória Globo: são quatro anos de transmissão da competição automobilística na emissora (de 1972 a 1978 e de 1981 a 2020). No portal, há descrições de 1972 a 2014, ano a ano (com exceção de 1979, que simplesmente não é mencionado), sendo que a de 1980 declara que não houve cobertura da emissora – neste ano, foi feita pela TV Bandeirantes –, além de uma descrição geral sobre as transmissões da F1 na Globo. Existem anos com mais informações que outros, assim, selecionamos as mais relevantes para o trabalho:

1. A transmissão se iniciou em 1972 com o GP do Brasil em Interlagos, São Paulo, além de outras corridas. De acordo com o *site*, apenas em 1973 foi iniciada a cobertura regular, que se encerrou quatro corridas antes do final da temporada, quando acabaram as chances de título do brasileiro Emerson Fittipaldi. Nesses dois anos, o narrador foi Julio de Lamare, até que, em 11 de julho de 1973, ele faleceu em um acidente aéreo indo para a Inglaterra narrar o GP de Silverstone, o ex-piloto e comentarista escolhido para aquela corrida, Antonio Carlos Scavone, estava junto e também foi a óbito. Aquela corrida ainda foi transmitida, com José Maria Ferreira (Giu Ferreira) assumindo a narração; ele foi comentarista no restante da temporada, revezando com Pedro Luís, enquanto Luciano do Valle assumiu a narração;

2. Em 1974, o portal dá a entender que a emissora transmitiu todo o campeonato, com direito a esquema especial para a prova final, que valia o título, o GP dos Estados Unidos, em Watkins Glen – a primeira transmissão no exterior feita pela Globo, que contou com problemas técnicos. A transmissão do GP do Brasil foi exclusiva do canal e, uma semana após, houve a cobertura de um GP especial para comemorar a inauguração do autódromo de Brasília, que não valeu pontos para o campeonato. Luciano do Valle e Giu Ferreira continuaram em suas posições de narrador e comentarista. No ano seguinte, Ciro José assumiu

os comentários nas transmissões das corridas que passaram a ocorrer aos domingos e a ter suas informações apresentadas no *Fantástico*. O GP do Brasil teve a sua preparação, os seus treinos oficiais e a sua corrida transmitidas pela Globo;

3. Outra inovação apareceu em 1977: a utilização dos recursos da câmera lenta e do videoteipe. O ano seguinte marcou a entrada de Reginaldo Leme na cobertura da Globo como repórter. Em 1981, a emissora assinou contrato de exclusividade com a Associação dos Construtores da Fórmula 1 (FOCA) para transmitir todos os Grandes Prêmios com exclusividade no Brasil; esse ano marcou a entrada de Galvão Bueno na Globo, já assumindo as narrações da competição automobilística no lugar de Luciano do Valle. No ano seguinte, Reginaldo Leme começou a ser comentarista no GP do Brasil, que, como novidade, trouxe os perfis dos 26 pilotos na transmissão que começou 30 minutos antes da largada. 1983 marcou a estreia de Ayrton Senna em um carro de F1, a partir de um teste no autódromo de Donington Park, e neste ano a emissora carioca foi reconhecida pela FOCA como dona da melhor transmissão da temporada, no Grande Prêmio do Brasil, recebendo um disco de embreagem folheado a ouro, da Associação, para homenagear as mais de um milhão de milhas de Fórmula 1 transmitidas;

4. A temporada de 1984 foi a de estreia de Senna na competição automobilística. A transmissão do GP do Brasil teve novidades como música de abertura e uma câmera retrátil no nível do solo. A etapa de Portugal contou com a direção de transmissão de Aloysio Leggey, convidado pela FOCA para replicar a técnica utilizada pela Globo na última corrida da temporada. O ano seguinte marcou as duas primeiras vitórias de Senna na F1. 1986 trouxe o ingresso definitivo da tecnologia para o *paddock* da categoria a partir de computadores nos boxes, que registravam todas as informações dos carros na pista. A grande novidade da temporada seguinte foram os 18 microfones utilizados para captação de som ambiente, o dobro do utilizado anteriormente. O ano de 1988 foi o do primeiro título de Ayrton Senna na Fórmula 1, com direito a corridas dignas de uma lenda viva do automobilismo, como na Inglaterra e no Japão. A inovação da Globo para o GP do Brasil foi a instalação de uma câmera no bico do helicóptero para dar uma imagem mais nítida da pista e a transmissão da corrida chegou a 200 milhões de espectadores, em mais de 33 países;

5. Na última corrida de F1 no Rio, em 1989, a grande novidade da transmissão foi um especial exibido antes da prova focado nas equipes (favoritas, médias e azarões), nos pilotos e nos detalhes da pista. Senna foi vice após um acidente polêmico na corrida do Japão, penúltima etapa. A temporada seguinte teve a volta de Interlagos, São Paulo, para a Fórmula 1 e a transmissão do GP do Brasil atingiu cerca de 400 milhões de espectadores, em mais de 30 países. Ayrton Senna se vingou de Prost e foi campeão, após outro acidente polêmico no Japão. O piloto brasileiro foi tricampeão em 1991, em um campeonato mais tranquilo, no ano que marcou o início da exibição ao vivo dos treinos de qualificação para as corridas, disputados aos sábados, pela Globo, essa é a primeira – e única – temporada no portal que teve seu calendário inteiro destacado. A próxima temporada trouxe várias novidades na transmissão do GP do Brasil: três minicâmeras, já utilizadas em outras corridas, que trouxeram ao telespectador a sensação de estar dentro de um carro de F1; a sonorização da corrida, com trilhas sonoras para momentos como ultrapassagens e disputas; dados dos ritmos cardíacos e da pressão dos pilotos e de outros membros da equipe; e um velocímetro na tela para mostrar a velocidade em cada trecho da pista;

6. 1993 teve 500 profissionais envolvidos com a cobertura do GP do Brasil, que apresentou como novidades o *Wescam*, câmera com sistema de captação de imagens sem trepidação, e a câmera lenta ao vivo. O ano seguinte foi marcado pela morte de Ayrton Senna no GP de San Marino, Itália, realizado no circuito de Imola, após um acidente fatal durante a corrida na curva Tamburello. Na cobertura da etapa brasileira, houve transmissão do treino de classificação, exibição de especial sobre a pista, as equipes e os pilotos, 55 câmeras e dois sinais diferentes enviados para o satélite, um específico pro Brasil e outro para 38 países que acompanharam a corrida sem repórteres *in loco*. A temporada de 1995 teve mudanças significativas para aumentar a segurança dos pilotos após as tragédias do ano anterior. A Globo transmitiu a classificação e a corrida do GP do Brasil para emissoras de 52 países que detinham os direitos de transmissão, em uma operação com 700 funcionários entre São Paulo e Rio de Janeiro. O ano seguinte teve a emissora cobrindo a etapa brasileira para mais de 60 países, com mais de 400 funcionários envolvidos, e contou com um especial de 25 anos de F1 no Brasil, além do treino oficial e da corrida;

7. A transmissão dos Grandes Prêmios de Fórmula 1 ficou a cargo da *Formula One Management* (FOM) a partir de 1997, de forma a padronizar as coberturas das corridas do campeonato. Mesmo assim, na prova do Brasil, a Globo adicionou uma pitada extra com ângulos exclusivos de quatro câmeras próprias. Nos três anos seguintes, a parceria com a FOM continuou: em 1999, Galvão Bueno chegou a narrar o GP da Austrália do Rio de Janeiro – o motivo da não viagem foi o corte de custos com transmissões esportivas. O portal também ressaltou que, após a morte de Ayrton Senna, a emoção das provas e a torcida do público brasileiro diminuíram; contudo, a emissora não parou com as transmissões e, como a audiência sempre se manteve na média, sempre houve espaço garantido para as corridas na programação. Em 2000, isso mudou, com a chegada de Rubens Barrichello na Ferrari, a melhor equipe do *grid*. O ano marcou também a saída da FOM da transmissão e a primeira mudança na equipe de transmissão (narrador e comentarista) desde 1982, com a entrada de Cléber Machado e Luís Roberto, em um revezamento com Galvão na narração das corridas. A próxima temporada estabeleceu os três narradores na F1 e contou com programas especiais da Globo na abertura do campeonato, com direito até a um quadro em que Reginaldo Leme respondia às dúvidas do público na rua;

8. Os dois anos seguintes não trouxeram novidades significativas, mas a temporada de 2004 trouxe Luciano Burti para a equipe de comentaristas da emissora. Em 2005, a Globo exibiu o programa *Chegando na Frente*, com 35 edições, que mostrou novidades da temporada, informações sobre pistas, pilotos, equipes e mudanças nas regras. Foi uma temporada de novidades grandes no regulamento e que determinou o fim da era Schumacher, com o primeiro título de Fernando Alonso. A transmissão do GP do Brasil apresentou novidades como a *cable cam*, câmera suspensa por cabos, que mostrava um mesmo carro de frente e, num rápido giro após sua passagem, por trás, e uma câmera em trilho, que atingia até 110 km/h, acompanhando os carros na saída dos boxes. As páginas de 2006 e 2007 abordam apenas como foram as temporadas, marcadas, respectivamente, pela aposentadoria de Michael Schumacher e pela estreia de Lewis Hamilton na categoria, já disputando o título com Alonso, seu companheiro, e Kimi Raikkonen, que se sagrou campeão;

9. O portal voltou a apresentar informações sobre a transmissão do GP do Brasil no ano de 2008, marcado pela perda do título do brasileiro Felipe Massa na última curva da

última volta da corrida derradeira para Hamilton. Cerca de 400 profissionais estiveram envolvidos na cobertura da prova que fechou a temporada da F1 e a emissora fez várias reportagens sobre a competição, exibidas durante a semana do Grande Prêmio. A temporada seguinte, assim como as de 2006 e 2007, tem muitas informações sobre o campeonato e poucas sobre a transmissão: apenas cita narrador, comentaristas e repórteres, além das reportagens especiais exibidas na semana do GP do Brasil. 2010 seguiu a mesma tendência do ano anterior;

10. Já as temporadas seguintes tiveram a transmissão na íntegra de quase todos os Grandes Prêmios. A exceção foi a prova do Canadá, em 2011, que, por causa do mau tempo, se estendeu muito (mais de quatro horas) e teve sua transmissão interrompida para exibição do Campeonato Brasileiro de Futebol; a prova dos EUA, em 2012, que coincidiu com o horário dos jogos da penúltima rodada do Campeonato Brasileiro; as provas do Canadá, da Hungria e dos EUA, em 2013, que não foram exibidas ao vivo. 2013 também marcou a entrada de Rubens Barrichello na equipe de comentaristas da Globo, juntando-se aos experientes Reginaldo Leme e Luciano Burti ao lado do narrador Galvão Bueno, que ainda revezava com Cléber Machado e Luís Roberto quando necessário – foi a última mudança na equipe registrada no portal. A última temporada descrita no *site* Memória Globo foi a de 2014, que teve cobertura da emissora em todas as etapas;

11. O portal também traz que a Rede Globo foi importante para que a FOCA aceitasse organizar uma etapa no Brasil: de acordo com o jornalista Ciro José, a emissora foi responsável pela vinda da corrida para cá. No início das transmissões, o esporte na televisão ainda tinha pouco destaque, não havia investimento para a cobertura de toda a temporada e as dificuldades eram enormes – segundo Léo Batista, era difícil identificar os carros. No começo da década de 1970, a Globo era uma das poucas tevês do mundo que transmitia as corridas na íntegra: na maior parte da Europa, apenas a largada, a bandeirada final e *flashes* durante a prova eram apresentados. Até 1981, as transmissões dos GPs focavam o líder da prova, com as câmeras mudando de posição apenas em acidentes, mas aos poucos, a emissora carioca foi implementando inovações, como câmeras perto do chão, que foram adotadas até por equipes europeias e americanas. A cobertura da etapa brasileira sempre foi muito maior do que a de outros GPs, transmitidos apenas com o sinal internacional, uma

vez que a responsabilidade da corrida do Brasil sempre foi da Globo, exceto durante a parceria com a FOM. A Fórmula 1 é um espetáculo que atrai milhões de telespectadores pelo mundo e as histórias dos pilotos, das equipes e dos Grandes Prêmios sempre foram apresentadas com destaque na programação e no noticiário (GLOBO COMUNICAÇÕES E PARTICIPAÇÕES S.A.).

d. Copa do Mundo

A Copa do Mundo é um torneio de seleções de futebol de todo o globo, organizado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), disputado de quatro em quatro anos. Sua primeira edição foi em 1930, no Uruguai, e excetuando-se o período da Segunda Guerra Mundial, desde então, ocorre a cada quadriênio. O *site* Memória Globo apresenta informações de 12 edições da Copa (de 1970 a 2014), todas com cobertura da emissora. Após o período abrangido pelo portal, ainda houve a Copa de 2018, a 21ª edição da competição.

Desde 1998, 32 equipes participam do torneio, sendo uma o país sede e as outras 31 definidas a partir das eliminatórias continentais (África, Américas Central e do Norte, América do Sul, Ásia, Europa e Oceania). O formato é de oito grupos, cada um com quatro seleções, em que os dois melhores países de cada se classificam para as oitavas de final, seguidas das quartas de final, da semifinal, da disputa do terceiro lugar e da grande final. Em 1930 e em 1950, foram 13 países participantes, em 1934, foram 16, em 1938, foram 15, de 1954 a 1978, o formato abrigava 16 seleções, de 1982 a 1994, eram 24, e a partir de 2026, serão 48 seleções, em um novo formato de disputa.

Ao todo, oito nações diferentes já se consagraram campeãs do mundo: o Brasil, com cinco títulos (1958, 1962, 1970, 1994 e 2002), a Alemanha (1954, 1974, 1990 e 2014) e a Itália (1934, 1938, 1982 e 2006), com quatro títulos cada, a Argentina (1978 e 1986), a França (1998 e 2018) e o Uruguai (1930 e 1950), com dois títulos cada, e Inglaterra (1966) e Espanha (2010), com um título cada. A seleção brasileira é a única a ter disputado todas as edições do campeonato mundial (NEVES).

Após um breve resumo sobre a Copa do Mundo, segue a descrição do material dessa competição disponível no acervo do *site* Memória Globo: são 12 eventos no período de 1970

a 2014, todos com cobertura da TV Globo. Cada um tem informações específicas, como o período de exibição, a equipe de cobertura, os resultados da seleção brasileira e as finais:

1. Copa do Mundo de 1970, no México: aconteceu de 31/05/1970 a 21/06/1970 (período de 22 dias) com transmissão ao vivo, por um *pool* (associação, no caso dos canais de TV brasileiros, para cobrir um evento) de emissoras, incluindo a Globo. Essa edição foi um marco na televisão brasileira, uma vez que foi a primeira vez que a população pôde ver os jogos ao vivo. Uma parte dos brasileiros, como o presidente da época, o general Médici, pôde acompanhar as partidas em cores graças à tecnologia do PAL-M, que também possibilitou que a emissora carioca produzisse boletins diários coloridos sobre a seleção canarinho, diretamente do México. A equipe enviada para a cobertura da Copa foi composta pelo jornalista Armando Nogueira, o narrador Geraldo José de Almeida, o cinegrafista Gabriel Kondorf e o comentarista contratado (e ex-técnico da seleção brasileira) João Saldanha. As informações eram noticiadas em boletins diários. Além da convocação da seleção, o portal descreve os jogos do Brasil na competição, campeão com 100% de aproveitamento e média de 3,2 gols por partida;

2. Copa do Mundo de 1974, na Alemanha Ocidental: aconteceu de 13/06/1974 a 07/07/1974 (período de 25 dias) com transmissão em cores dos jogos do Brasil. De acordo com Armando Nogueira, diretor de jornalismo da Globo, essa foi a primeira experiência de cobertura jornalística em equipe realizada pela emissora – em 1970, o trabalho se resumiu à transmissão dos jogos. Duas equipes foram enviadas para a cobertura da Copa: uma de eventos, sob comando de Rui Viotti, e outra de jornalismo, chefiada por Armando Nogueira, com o jornalista Léo Batista, o coordenador Luís Carlos Sá, os cinegrafistas Orlando Moreira, Reynaldo Cabrera e Carlos Cardoso, além do editor Edson Ribeiro. Neste ano, foi criado o intervalo de gols, no qual Luciano do Valle selecionava e narrava os melhores lances da Copa. Além da convocação da seleção, o portal descreve os jogos do Brasil na competição que, apesar do início ruim, chegou até as semifinais, quando perdeu para a Holanda e fechou sua participação em quarto lugar. A grande final foi vencida pela anfitriã, Alemanha Ocidental, por 2x1;

3. Copa do Mundo de 1978, na Argentina: aconteceu de 01/06/1978 a 25/06/1978 (período de 25 dias) com transmissão dividida entre quatro canais de TV brasileiros (Bandeir-

rantes, Educativa, Globo e Tupi). A emissora carioca exibiu quatro horas diárias de conteúdo ao vivo sobre a Copa e a sua cobertura envolveu uma operação, comandada pelos diretores de jornalismo (Armando Nogueira), esportes (Pedro Luís Paoliello) e operações (Alpheu de Azevedo), com cerca de 120 profissionais, entre comentaristas, jornalistas, produtores e técnicos. A Globo transmitiu os jogos do Brasil com narração de Luciano do Valle. Além da convocação da seleção, o portal descreve os jogos do Brasil na competição, que ficou de fora da final pelo saldo de gols, mas garantiu o terceiro lugar, em uma campanha invicta, com vitória por 2x1 contra a Itália. A emissora também transmitiu a grande final, narrada por Luciano do Valle e comentada por Ciro José, e que foi vencida pela anfitriã Argentina na prorrogação, com 3x1 sobre a Holanda;

4. Copa do Mundo de 1982, na Espanha: aconteceu de 13/06/1982 a 11/07/1982 (período de 29 dias) com transmissão exclusiva da Globo, por ter feito a cobertura das Olimpíadas de 1980, após determinação da OTI, que vinculou os direitos das duas competições. Pela primeira vez, a emissora exibiu os jogos ao vivo para todas as regiões do Brasil, além de um bloco especial sobre a competição no *Jornal Nacional*, o *Esporte Espetacular* quase totalmente dedicado ao futebol e diversos programas especiais como o *Minuto da Copa*, o *Globo na Copa*, o *Quem é Quem* e o *Bate-Bola*. Foram cerca de 150 profissionais na Espanha (comentaristas, engenheiros, jornalistas, narradores, produtores e técnicos), comandados por Armando Nogueira, diretor de jornalismo, com auxílio de Woile Guimarães, diretor dos telejornais de rede, Leonardo Gryner, diretor de eventos, e Ciro José, diretor de esportes. Os jogos da seleção brasileira foram narrados por Luciano do Valle, com comentários de Márcio Guedes e Juarez Soares. Além da convocação da seleção, o portal descreve os jogos do Brasil na competição que, ao perder de 3x2 para a Itália, foi eliminado antes das semifinais. A grande final foi vencida pelos italianos, 3x1 sobre a Alemanha Ocidental. O *site* também destaca as 24 nações que disputaram a Copa;

5. Copa do Mundo de 1986, no México: aconteceu de 31/05/1986 a 29/06/1986 (período de 30 dias) e todas as emissoras brasileiras tiveram direito de transmissão do evento. As novidades da Globo foram o “Tira-Teima”, utilizado nos intervalos dos jogos com comentários de Zagallo e Rubens Minelli, um *software* que ajudou a esclarecer lances duvidosos a partir do congelamento da imagem, e o programa *Copa 86*, uma espécie de revista

eletrônica exibida duas vezes por dia. A emissora transmitiu os principais jogos da primeira fase, as oitavas, as quartas, a semifinal, a disputa pelo terceiro lugar e a grande final. Cerca de 120 profissionais cobriram o torneio *in loco* (comentaristas, engenheiros, jornalistas, produtores, repórteres-cinematográficos e técnicos), comandados por Armando Nogueira, diretor de jornalismo, e Leonardo Gryner, diretor de esportes. Os locutores foram Galvão Bueno, Luís Alfredo e Osmar Santos, a coordenação-geral de cobertura foi de Wianey Pinheiro e Yves Tavares, e a direção de esportes, de Marco Mora. Além da convocação da seleção, o portal descreve os jogos do Brasil na competição, que, mesmo invicto e com a melhor defesa da competição, foi eliminado nas quartas de final para a França, nos pênaltis. A grande final foi vencida pela Argentina, 3x2 sobre a Alemanha Ocidental. O *site* também destaca as 24 nações que disputaram a Copa;

6. Copa do Mundo de 1990, na Itália: aconteceu de 08/06/1990 a 08/07/1990 (período de 31 dias) com transmissão por um *pool* de canais de TV brasileiros (Bandeirantes, Globo, Manchete e SBT). A emissora carioca enviou apenas 35 profissionais para a cobertura *in loco*, devido ao Plano Collor, sob o comando de Ciro José, diretor de esportes, e Hedyl Valle Jr., coordenador da cobertura. A narração foi revezada entre Cléber Machado, Galvão Bueno e Oliveira Andrade, com comentários de Arnaldo César Coelho e Pelé. Além da convocação da seleção, o portal descreve os jogos do Brasil na competição que, após 100% de aproveitamento na primeira fase, foi eliminado nas oitavas de final para a Argentina, 1x0. A grande final foi vencida pela Alemanha, que se vingou de 1986 com 1x0 sobre os argentinos;

7. Copa do Mundo de 1994, nos EUA: aconteceu de 17/06/1994 a 17/07/1994 (período de 31 dias) com transmissão por um *pool* das principais redes de televisão brasileiras. A Globo enviou 140 profissionais para a cobertura *in loco*, sob o comando de Ciro José, diretor de esportes, e Luiz Nascimento, coordenador de jornalismo da cobertura. Os jogos do Brasil tinham narração de Galvão Bueno e comentários de Arnaldo César Coelho e Pelé, enquanto as outras partidas tiveram Cléber Machado e Oliveira Andrade na narração e Raul Plassmann nos comentários. As novidades ficaram por conta da câmera lenta com imagem de cinema, o *touch screen* que permitia desenhos sobre a tela para analisar lances e o *steady cam*, equipamento que permitiu o acompanhamento de jogadores sem imagem

tremida. Além da convocação da seleção, o portal descreve os jogos do Brasil na competição, campeão invicto após vitória sobre a Itália na grande final, nos pênaltis após 0x0 no tempo normal e na prorrogação. O *site* também destaca as 24 nações que disputaram a Copa;

8. Copa do Mundo de 1998, na França: aconteceu de 10/06/1998 a 12/07/1998 (período de 33 dias) e não há informação sobre a transmissão ter sido exclusiva ou dividida. A Globo enviou cerca de 160 profissionais para cobertura *in loco*, sob o comando de Carlos Henrique Schroder (diretor de planejamento de jornalismo), Luis Erlanger (diretor editorial de jornalismo), Luiz Fernando Lima (diretor de esportes), Luiz Nascimento (coordenador da cobertura) e Fernando Guimarães (diretor de operações). A narração foi de Cléber Machado, Galvão Bueno e Luis Roberto, e os comentários de Arnaldo César Coelho, José Roberto Wright, Júnior, Paulo Roberto Falcão, Pelé e Walter Casagrande. A grande novidade foi a atualização do programa do Tira-Teima, que passou a permitir análises táticas com informações como distância da barreira, velocidade da bola, visão da arbitragem e do goleiro. Além da convocação da seleção, o portal descreve os jogos do Brasil na competição que passou, nos pênaltis, pela Holanda na semifinal, mas foi vice-campeão após perder de 3x0 para os anfitriões franceses na grande final. O *site* também destaca as 32 nações que disputaram a Copa;

9. Copa do Mundo de 2002, na Coreia do Sul e no Japão: aconteceu de 31/05/2002 a 30/06/2002 (período de 31 dias) e não há informação sobre a transmissão ter sido exclusiva ou dividida. A Globo enviou 96 profissionais para cobertura *in loco*, sob o comando de Luiz Fernando Lima, diretor de esportes. Os jogos do dia acabavam pela manhã, por conta do fuso horário e, após eles, a emissora exibia uma mesa redonda chefiada por Galvão Bueno. Além da convocação da seleção, o portal descreve os jogos do Brasil na competição, campeão com 100% de aproveitamento após vitória de 2x0 sobre a Alemanha na grande final;

10. Copa do Mundo de 2006, na Alemanha: aconteceu de 09/06/2006 a 09/07/2006 (período de 31 dias) e não há informação sobre a transmissão ter sido exclusiva ou dividida. A Globo enviou cerca de 160 profissionais para cobertura *in loco*, comentaristas, como Arnaldo César Coelho e Paulo Roberto Falcão, jornalistas, como Fátima Bernardes, Pedro

Bial e Régis Rosing, narradores, como Cléber Machado, Galvão Bueno e Luis Roberto, e técnicos. A emissora teve duas novidades na sua programação: antes da Copa, a série *Reis da Bola* foi exibida para mostrar mais sobre os jogadores e o programa especial *Brasil na Copa*, exibido nas noites de domingos e após os jogos da seleção brasileira, que discutia melhores momentos e lances duvidosos das partidas. Além da convocação do Brasil, o portal descreve os jogos da seleção canarinho na competição, eliminada nas quartas de final ao perder de 1x0 para a França. Os franceses disputaram a grande final contra a Itália e, após 1x1 no tempo normal e na prorrogação, os italianos foram campeões nos pênaltis;

11. Copa do Mundo de 2010, na África do Sul: aconteceu de 11/06/2010 a 11/07/2010 (período de 31 dias) com transmissão ao vivo da Globo em 56 dos 64 jogos da competição, – oito partidas ocorreram em horários simultâneos e foram exibidos à noite na forma de compactos. A emissora carioca enviou 170 profissionais para cobertura *in loco*, que contou uma integração com o SporTV e a produção local. A narração ficou com Cléber Machado, Galvão Bueno e Luis Roberto, e os comentários, com Arnaldo César Coelho, Júnior e Walter Casagrande, além de Paulo Roberto Falcão comentando do Rio de Janeiro. A grande novidade na programação foi o *Central da Copa*, que foi ao ar, durante toda a competição, três vezes por dia; após o fim da Copa, o programa integrou de vez a grade da Globo. Além da convocação do Brasil, o portal descreve os jogos da seleção canarinho na competição, eliminada nas quartas de final ao perder de 2x1 para a Holanda. Os holandeses disputaram a grande final contra a Espanha e perderam na prorrogação por 1x0, dando o primeiro título aos espanhóis;

12. Copa do Mundo de 2014, no Brasil: aconteceu de 12/06/2014 a 13/07/2014 (período de 32 dias) com transmissão ao vivo da Globo em 56 dos 64 jogos da competição. Foi a maior cobertura esportiva da história da emissora carioca, que mobilizou cinco emissoras e 117 afiliadas da Rede, com mais de 2.500 profissionais envolvidos no processo. As narrações foram de Alex Escobar, Cléber Machado, Galvão Bueno, Luis Roberto, Rembram Jr. e Rogério Correa, com comentários de Caio Ribeiro, Juninho Pernambucano, Júnior, Roberto Carlos, Roger Flores, Ronaldo e Walter Casagrande, além da análise de arbitragem com Arnaldo César Coelho, Leonardo Gaciba, Márcio Rezende de Freitas, Paulo Cesar de Oliveira e Renato Marsiglia. Dois programas de aquecimento para o torneio foram feitos: o

Rumo à Copa, com dados sobre a história dos mundiais, e o *Por Dentro das Seleções*, boletim diário com um minuto de duração que apresentava informações de cada uma das 32 equipes nacionais que disputaram a Copa. Além da convocação do Brasil, o portal descreve os jogos das seleção canarinho na competição, eliminada na semifinal após a famosa derrota de 7x1 para a Alemanha. Na disputa do terceiro lugar, ainda perdeu de 3x0 para a Holanda, terminando a Copa em quarto lugar. Na grande final, os alemães venceram a Argentina na prorrogação por 1x0. O *site* também destaca as 32 nações que disputaram a Copa (GLOBO COMUNICAÇÕES E PARTICIPAÇÕES S.A.).

e. Olimpíadas

Os Jogos Olímpicos, ou Olimpíadas, são realizados a cada quatro anos e reúnem atletas de todo o mundo para disputa de vários esportes. O seu nome se refere à cidade grega antiga de Olímpia, onde surgiu a tradição de jogos esportivos praticados em momentos de paz, durante as tréguas de guerras e batalhas da época. O responsável pelo resgate do legado grego foi Barão de Coubertin, aristocrata francês, que buscava um clima amigável entre as nações europeias durante uma época de intensa competitividade industrial e política. Assim, a primeira edição moderna dos Jogos foi realizada em 1896, em Atenas, na Grécia. Desde então, a competição ocorre quadrienalmente, excetuando-se os anos em que as Guerras Mundiais ocorriam (1916, 1940 e 1944) e 2020, devido à pandemia da Covid-19 – os Jogos de Tóquio foram adiados para 2021.

As Olimpíadas já reuniram vários esportes com suas modalidades e, atualmente, 33 compõem a competição mundial: Atletismo, Aquáticos (Nado Sincronizado, Natação, Polo e Saltos Ornamentais), Badminton, Basquete, Beisebol (Softball), Boxe, Canoagem, Ciclismo, Esgrima, Escalada, Futebol, Ginástica, Golfe, Halterofilismo, Handebol, Hipismo, Hóquei sobre a Grama, Judô, Karatê, Lutas, Pentatlo Moderno, Remo, Rúgbi, Skate, Surfe, *Taekwondo*, Tênis, Tênis de Mesa, Tiro, Tiro com Arco, Triatlo, Vela e Voleibol. Quatro desses esportes entrarão nas modalidades a partir da próxima edição, em Tóquio (Beisebol, Escalada, Skate e Surfe), que deverá contar com mais de 11 mil atletas de mais de 204 países. A edição de 2016 registrou o recorde de nações em uma Olimpíada: foram 206, de todos os cantos do mundo: África, América Central, América do Norte, América do Sul, Ásia, Europa e Oceania (FERNANDES).

Explicadas as Olimpíadas e a sua abrangência, segue a descrição do material dessa competição disponível no acervo do *site* Memória Globo: são 12 eventos compreendidos entre 1972 e 2016, sendo que apenas 2012 não teve cobertura da TV Globo. Cada um tem informações específicas, como o período de exibição, a equipe de cobertura, os resultados do Brasil naquela edição e os destaques:

1. Jogos Olímpicos de 1972, realizados em Munique, Alemanha: ocorreram de 26/08/1972 a 11/09/1972 (período de 15 dias). Essa edição contou com 7.134 atletas de 121 países, em 23 esportes diferentes. A Globo transmitiu algumas provas ao vivo, além de boletins diários em seus telejornais (*Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal Internacional*) e no programa *Boletim dos Jogos Olímpicos*, com cobertura completa dos acontecimentos do dia. As Olimpíadas foram transmitidas via satélite para mais de cem países, a partir de um centro de televisão e rádio na cidade alemã. Graças ao avanço na tecnologia, os espectadores tiveram acesso a estatísticas das provas, resultados das Olimpíadas anteriores, regulamentos oficiais de cada esporte e perfis dos atletas. Segundo Myriam de Lamare, foi a partir dos Jogos de Munique que o esporte começou a ser pensado como produto capaz de atrair investimento publicitário. A emissora carioca enviou Julio de Lamare e Léo Batista para Madri, na Espanha, e os narradores Ciro José, Geraldo José de Almeida e Luciano do Valle, a produtora Myriam de Lamare, além de Luiz Carlos Sá, responsável pela parte administrativa da cobertura, para Munique, na Alemanha, totalizando sete profissionais. A delegação brasileira foi composta por 91 atletas, de 13 modalidades diferentes, e terminou em 41º lugar na classificação geral, com duas medalhas de bronze. A liderança do quadro de medalhas ficou com a União Soviética: 50 ouros e 99 medalhas no total;

2. Jogos Olímpicos de 1976, realizados em Montreal, Canadá: ocorreram de 17/07/1976 a 01/08/1976 (período de 16 dias). Essa edição contou com 6.028 atletas de 92 países – número bem inferior ao de 1972, devido a um boicote liderado pela Tanzânia, que contou com 22 países africanos, além de Guiana, Iraque e Líbano, por discordarem da participação da Nova Zelândia. Com direitos adquiridos da rede de televisão norte-americana ABC, a Globo exibiu boletins diários com os melhores momentos, as participações dos brasileiros e as quebras de recordes, além de quatro horas de sinal ao vivo durante o final de semana, tudo isso com cem câmeras a cores espalhadas nos locais das provas. Nova-

mente, a emissora carioca dividiu equipes em cidades diferentes: chefiada por Pedro Luís Paoliello e coordenada por Leonardo Gryner, a equipe de Montreal contou com o narrador Luciano do Valle, o repórter Juarez Soares e o cinegrafista Ricardo Straus; em Nova York, ficaram Luiz Carlos Sá, Ciro José e Tércio de Lima; e a equipe do Rio de Janeiro, chefiada por Teti Alfonso, tinha Léo Batista na narração. A delegação brasileira foi composta por 93 atletas e terminou em 36º na classificação geral, com duas medalhas de bronze. A liderança do quadro de medalhas ficou com a União Soviética: 49 ouros e 125 medalhas no total;

3. Jogos Olímpicos de 1980, realizados em Moscou, Rússia: ocorreram de 19/07/1980 a 03/08/1980 (período de 16 dias). Essa edição contou com 5.179 atletas de 80 países e, novamente, houve um boicote, dessa vez liderado pelos EUA, por causa da invasão soviética no Afeganistão: mais de 60 países, incluindo Alemanha Ocidental, Canadá e Japão, se ausentaram da competição. A Globo e a TV Cultura foram as únicas emissoras brasileiras a cobrir essa edição, a partir de um acordo com a televisão soviética, e a carioca transmitiu ao vivo alguns jogos, de esportes como basquete, futebol e vôlei; além de dois boletins diários; *flashes* durante a programação e blocos exclusivos nos telejornais, e todas as imagens precisavam ser aprovadas por representantes do regime soviético. Os Jogos de Moscou marcaram uma grande mudança na abordagem das Olimpíadas no Brasil, de acordo com Leonardo Gryner. A equipe que, em território russo, foi dirigida pelo diretor de jornalismo Armando Nogueira, junto com os coordenadores Leonardo Gryner e Teti Afonso, contava com os repórteres Marcelo Matte, Monika Leitão e Roberto Feith; os narradores Ciro José, Fernando Vanucci e Luciano do Valle; os repórteres cinematográficos Daniel Andrade, Mário Ferreira e Reynaldo Cabrera; e Ciro José, responsável pela supervisão da transmissão. A delegação brasileira terminou em 17º na classificação geral, com duas medalhas de ouro e duas de bronze, quatro no total. A liderança do quadro de medalhas ficou com a União Soviética: 80 ouros e 195 medalhas no total;

4. Jogos Olímpicos de 1984, realizados em Los Angeles, EUA: ocorreram de 28/07/1984 a 12/08/1984 (período de 16 dias). Essa edição contou com 6.829 atletas de 140 países e o boicote foi da União Soviética, com mais 15 países, em retaliação ao norte-americano em 1980. A Globo contou com um satélite exclusivo durante as 15 horas diárias de competição, que permitiu uma inovação na cobertura das Olimpíadas: programação fle-

xível, sendo possível alterar, em qualquer momento, a transmissão ao vivo de uma prova para um *flash* de reportagem e vice-versa. As principais partidas do basquete, do vôlei e do futebol, além das provas finais de natação, atletismo e ginástica, foram transmitidas ao vivo; junto com os boletins informativos e blocos especiais do *Globo Esporte*, do *Jornal Nacional*, do *Jornal da Globo* e do *Fantástico*, houve 100 horas e 32 minutos de conteúdo olímpico na tela da emissora. A equipe de cobertura envolveu cerca de 100 pessoas: entre enviados para Los Angeles estavam os repórteres Francisco José, Glória Maria, Isabela Scalabrini, Lucas Mendes, Luiz Fernando Lima e Reginaldo Leme; os narradores Galvão Bueno, Léo Batista, Luís Alfredo e Osmar Santos; e os diretores Armando Nogueira e Leonardo Gryner. A delegação brasileira terminou em 19º na classificação geral, com uma medalha de ouro, cinco de prata e duas de bronze, oito no total. A liderança do quadro de medalhas ficou com os anfitriões: 83 ouros e 174 medalhas no total;

5. Jogos Olímpicos de 1988, realizados em Seul, Coreia do Sul: ocorreram de 17/09/1988 a 02/10/1988 (período de 16 dias). Essa edição contou com 8.391 atletas de 159 países e, nela, o boicote foi liderado pela Coreia do Norte, junto com a Albânia, Cuba, Etiópia e Nicarágua. A transmissão foi feita por um *pool* entre Globo, Bandeirantes, Manchete e SBT: a emissora carioca cobriu os principais jogos coletivos, as atividades dos brasileiros e momentos decisivos dos esportes individuais (em *flashes* ao vivo), além dos noticiários específicos presentes no *Bom Dia Brasil*, no *Jornal Nacional*, no *Jornal da Globo* e no *Globo Esporte*, que encerrava o dia olímpico. A equipe da Globo em Seul reuniu 66 profissionais, além dos cem de suporte, no Rio de Janeiro, comandados por Alfredo Tau-nay, Fernando Guimarães e Telmo Zanini. A delegação *in loco* foi chefiada pelos diretores Armando Nogueira e Leonardo Gryner e contou com os narradores Ciro José, Galvão Bu-eno e Luís Alfredo; os comentaristas Antônio Carlos Moreno e Hélio Rubens; os repórteres Carlos Dornelles, Francisco José, Isabela Scalabrini, Luiz Fernando Lima e Marcos Uchoa; e os cinegrafistas Cléber Rosário, Daniel Azevedo, Eduardo Riecken, Márcio Torres e Sér-gio Costa. A delegação brasileira terminou em 24º na classificação geral, com uma meda-lha de ouro, duas de prata e três de bronze, seis no total. A liderança do quadro de meda-lhas ficou com a União Soviética: 55 ouros e 136 medalhas no total;

6. Jogos Olímpicos de 1992, realizados em Barcelona, Espanha: ocorreram de 25/07/1992 a 09/08/1992 (período de 16 dias). Essa edição contou com 9.356 atletas de 169 países. Dessa vez sem boicotes, os Jogos contaram com novos países (como Bósnia, Croácia, Eslovênia, Estônia, Letônia e Lituânia) estreando por causa da dissolução da União Soviética, além de nações que se uniram sob a bandeira da Comunidade dos Estados Independentes (CEI), que incluía Bielorrússia, Rússia e Ucrânia. A grande novidade da transmissão da Globo foi um equipamento belga digital que possibilitava a câmera lenta ao vivo, sem a necessidade do *replay*. Os telejornais da emissora apresentaram blocos dedicados exclusivamente à competição, além de o *Jornal da Globo* e o *Jornal Nacional* resumirem os principais acontecimentos diários. A emissora enviou 60 profissionais para cobertura *in loco*, chefiados pelos diretores Carlos Henrique Schroder e Ciro José, e a cobertura das provas ficou a cargo dos repórteres Fátima Bernardes, Luiz Fernando Lima, Marcos Uchoa e Roberto Cabrini. A delegação brasileira foi composta por 200 atletas e terminou em 25º na classificação geral, com duas medalhas de ouro e uma de prata, três no total. A liderança do quadro de medalhas ficou com a CEI: 45 ouros e 112 medalhas no total;

7. Jogos Olímpicos de 1996, realizados em Atlanta, EUA: ocorreram de 19/07/1996 a 04/08/1996 (período de 17 dias). Essa edição, que marcou os 100 anos do evento moderno, contou com 10.318 atletas de 197 países: pela primeira vez, todas as delegações reconhecidas pelo COI participaram da competição. A Globo teve dois satélites disponíveis durante todo o torneio, com as imagens oficiais e câmeras exclusivas para transmitir a competição. Além dos blocos sobre as Olimpíadas nos programas normais da emissora (*Globo Esporte*, *Placar Eletrônico*, *Esporte Espetacular* e *Jornal Nacional*), foi ao ar o *Boletim Olímpico*, de segunda a sexta, duas vezes ao dia, onde era apresentado o resumo do dia de competições. A Globo enviou cerca de 100 profissionais para cobertura *in loco*, com participação do canal por assinatura SporTV: alguns deles foram Marcos Uchoa, Ernesto Paglia, Fátima Bernardes, Cleber Machado, Tino Marcos, Galvão Bueno, Paulo Roberto Falcão e Marcel de Souza, comandados pelos diretores Evandro Carlos de Andrade, Luís Erlanger, Luiz Fernando Lima e Luiz Nascimento. A delegação brasileira terminou em 25º na classificação geral, com três medalhas de ouro, três de prata e nove de bronze, 15 no total. A liderança do quadro de medalhas ficou com os anfitriões: 44 ouros e 101 medalhas no total;

8. Jogos Olímpicos de 2000, realizados em Sidney, Austrália: ocorreram de 13/09/2000 a 01/10/2000 (período de 19 dias). Essa edição contou com 10.651 atletas de 199 países. Novamente com dois satélites, a Globo teve dois blocos diários sobre a competição durante o *Jornal Nacional*, que chegou a mostrar algumas provas ao vivo; depois do telejornal, eram exibidos *flashes* ao vivo até o *Jornal da Globo*, depois eram nove horas contínuas sobre os Jogos, aproveitando a diferença de fuso horário, até o início do *Bom Dia Brasil*. Não há informação sobre a quantidade de profissionais na cobertura *in loco*, apenas são citados alguns deles: os narradores Galvão Bueno, Luiz Roberto e Maurício Torres; os comentaristas Renan Dal Zotto e Walter Casagrande; e os repórteres Carlos Dorneles, Glenda Kozlowski, João Pedro Paes Leme, Marcos Uchoa, Maurício Kubrusly, Mauro Tagliaferri, Pedro Bassan, Pedro Bial e Renato Ribeiro. A delegação brasileira terminou em 52º na classificação geral, com seis medalhas de prata e seis de bronze, 12 no total. A liderança do quadro de medalhas ficou com os EUA: 37 ouros e 93 medalhas no total;

9. Jogos Olímpicos de 2004, realizados em Atenas, Grécia: ocorreram de 11/08/2004 a 29/08/2004 (período de 19 dias). Essa edição, que contou com 10.625 atletas de 201 países, marcou a volta da competição para seu local de origem. A Globo contou com câmeras de última geração, com gravação digital, para captar imagens em alta definição na exibição de *flashes* ao longo do dia e da transmissão ao vivo das provas. Além disso, a grade da emissora contou com a *Central Olímpica*, programa que destacava curiosidades, hábitos e lugares da Grécia. Dez equipes de reportagem da emissora cobriram as Olimpíadas: alguns dos profissionais foram os narradores Cléber Machado, Galvão Bueno, Luiz Roberto, Paulo Brito e Rogério Correa; os comentaristas Leila, Ricardo Prado, Robson Caetano e Tande; e os jornalistas Cesar Tralli, Glenda Kozlowski, Glória Maria, Graziela Azevedo, João Pedro Paes Leme, Marcos Uchoa, Pedro Bassan, Regis Rösing, Renato Ribeiro e Tino Marcos, todos comandados pelos diretores Carlos Henrique Schroder e Luiz Fernando Lima. A delegação brasileira terminou em 16º na classificação geral, com cinco medalhas de ouro, duas de prata e três de bronze, dez no total. A liderança do quadro de medalhas ficou com os EUA: 36 ouros e 103 medalhas no total;

10. Jogos Olímpicos de 2008, realizados em Pequim, China: ocorreram de 08/08/2008 a 24/08/2008 (período de 17 dias). Essa edição contou com 11.990 atletas de 204 países. A grande novidade da cobertura da Globo foi um telão com recursos de última geração, sensível ao toque dos apresentadores. A programação da emissora teve blocos sobre a competição no *Bom Dia Brasil* (com direito a algumas transmissões ao vivo), no *Jornal Hoje*, no *Jornal Nacional*, no *Jornal da Globo*, no *Fantástico*, no *Esporte Espetacular*, que também transmitia algumas provas, e no *Globo Esporte*, que fechava o dia olímpico atualizando os últimos resultados e o calendário do dia seguinte. Uma equipe de 190 profissionais participou da cobertura *in loco* da emissora, sendo 70 desses contratados na China: alguns deles foram os jornalistas Abel Neto, Bruno Laurence, Carlos Gil, Cesar Tralli, Eric Faria, Ernesto Paglia, Glenda Kozlowski, Mauro Naves, Pedro Bial, Regis Rosing, Renato Ribeiro e Tadeu Schmidt; e os comentaristas Gustavo Borges, Oscar Schmidt e Tande. A delegação brasileira terminou em 22º na classificação geral, com três medalhas de ouro, quatro de prata e oito de bronze, 15 no total. A liderança do quadro de medalhas ficou com os anfitriões: 51 ouros e 100 medalhas no total;

11. Jogos Olímpicos de 2012, realizados em Londres, Inglaterra: ocorreram de 27/07/2012 a 12/08/2012 (período de 17 dias). Essa edição contou com 10.500 atletas de 204 países. Nesse ano a Globo não adquiriu os direitos de transmissão da competição, que foi exibida em TV aberta pela Rede Record, e a sua cobertura se restringiu ao estabelecido pelo COI, pela Lei Pelé e pela legislação brasileira, trazendo informações diárias do evento em seus telejornais, com limitação no uso de imagens. A delegação brasileira foi composta por 259 atletas e terminou em 22º na classificação geral com três medalhas de ouro, cinco de prata e nove de bronze, 17 no total. A liderança do quadro de medalhas ficou com os EUA: 46 ouros e 104 medalhas no total;

12. Jogos Olímpicos de 2016, realizados no Rio de Janeiro, Brasil: ocorreram de 05/08/2016 a 21/08/2016 (período de 17 dias). Essa edição contou com 11.303 atletas de 206 países, segundo o portal. A Globo ficou 160 horas no ar, mais de cem delas em transmissões ao vivo, cobrindo a edição brasileira do maior evento esportivo do mundo, que contou com novas tecnologias para melhorar a qualidade da transmissão. Foram cerca de 2000 profissionais envolvidos na cobertura da emissora, com mais de 40 ex-atletas convi-

dados para comentar as Olimpíadas do Rio. A delegação brasileira foi composta por 465 atletas e terminou em 13º na classificação geral, com sete medalhas de ouro, seis de prata e seis de bronze, 19 no total, na melhor participação da história do país. A liderança do quadro de medalhas ficou com os EUA: 46 ouros e 121 medalhas no total (GLOBO COMUNICAÇÕES E PARTICIPAÇÕES S.A.).

3.1.2 Telejornais e programas

Conforme dito anteriormente, o *site* Memória Globo também traz 35 diferentes telejornais e programas esportivos. Eles se separam nas seguintes categorias: Boxe (um programa), Fórmula 1 (14 programas diferentes), Futebol (12 programas diferentes), Noticiários esportivos específicos (um telejornal sobre automobilismo e um sobre Olimpíadas) e Noticiários esportivos gerais (seis telejornais diferentes). Vamos a eles:

a. **Boxe**

O único programa da Globo sobre esse esporte foi o *Telebox*, que exibia os melhores momentos das lutas de boxe. Ele ficou no ar de 27/05/1967 a 24/08/1968 (período de um ano, dois meses e 29 dias) e sempre foi exibido aos sábados, às 22 horas, até outubro de 1967, e às 23 horas e 30 minutos até seu encerramento (GLOBO COMUNICAÇÕES E PARTICIPAÇÕES S.A.).

b. **Fórmula 1**

1. *25 anos de GP Brasil*: esse programa especial foi exibido de 06/03/1996 a 29/03/1996 (período de 24 dias), após o *Jornal da Globo*, com o objetivo de lembrar os grandes momentos dos pilotos brasileiros na categoria. O apresentador foi Reginaldo Leme e o produtor foi Alexandre Moreira Leite;

2. *A Guerra das máquinas*: esse especial foi exibido no dia 14/03/1982, às 23 horas e 15 minutos, e mostrou a evolução da categoria até aquele momento. O apresentador foi Galvão Bueno, que também trabalhou no roteiro e na reportagem junto a Reginaldo Leme, a coordenação foi de Vitor Paranhos, a direção de esportes era de Ciro José e a direção, de Armando Nogueira;

3. *A Guerra secreta da Fórmula 1*: esse especial foi exibido no dia 29/03/1987, às 23 horas e 05 minutos, e revelou como a briga interna entre os pilotos da Williams (Nelson Piquet e Nigel Mansell) levou a equipe à perda do título de da temporada, além de mostrar como a McLaren trabalhou para fazer Alain Prost campeão. A narração foi de Léo Batista; a reportagem, de Reginaldo Leme; a produção e a edição, de Alfredo Taunay e Emanuel de Mello Castro; e o texto, de Telmo Zanini;

4. *A volta das emoções*: esse especial foi exibido no dia 18/03/1984, às 22 horas e 30 minutos, e destacou as mudanças para a temporada de 1984 da categoria, além dos pilotos brasileiros e seus principais rivais naquele ano. Uma animação de carros de F1, feita no computador, utilizada no especial levou dois meses para ser produzida. A produção de arte foi de Carlos Areal, Paulo Orlando e Ricardo Vilar, e a narração foi de Galvão Bueno;

5. *Ayrton Senna Especial – Do kart à Fórmula 1*: esse especial foi exibido no dia 02/10/1983, às 10 horas e 15 minutos, e apresentou toda a trajetória de Ayrton Senna no automobilismo, desde o seu começo no *kart* aos 13 anos. Na época, ele era o líder do campeonato inglês de Fórmula 3 e estava prestes a ser contratado por uma equipe de F1. A narração foi de Léo Batista; o roteiro, de Reginaldo Leme; a cinegrafia, de Newton Quilichini, Paulo Pimentel e Waldir Ferreira; o apoio técnico, de Gonçalo Gomes, Mario Patrício dos Santos, Sidival Pires e Silvio Motta; a arte, de Francisco Tombasco e Paulo Polé; a edição, de Alfredo Taunay e Marci Barsi; a sonoplastia, de Sergio Seixas; a coordenação de produção, de Alain de Vignais; a direção, de Vitor Paranhos, e a direção de esportes, de Leonardo Gryner;

6. *Brasil na pista*: esse especial foi exibido no dia 24/03/1985, às 22 horas e 20 minutos, e traçou os perfis dos pilotos brasileiros Ayrton Senna e Nelson Piquet a partir de diversas entrevistas feitas por Reginaldo Leme, além de destacar a rivalidade entre BMW e Porsche, gigantes alemães de motores. Reginaldo foi o responsável pela direção, pelo texto e pelas reportagens, contando com Alfredo Taunay e Luiz Nascimento na edição, além de Alain Vignais na produção;

7. *Fórmula 1 – Documentário*: esse especial foi exibido no dia 28/03/1982, às 23 horas e 15 minutos, e abordou as contribuições do automobilismo de competição para os veí-

culos de passeio, os carros com motores a turbo, uma entrevista com o piloto brasileiro Chico Landi (primeiro a se destacar internacionalmente) e uma matéria sobre o dono da equipe Lotus, Colin Chapman. A edição, a criação e a reportagem foram de Michel Laurence, Reginaldo Leme e Galvão Bueno, sendo que o último apresentou o programa;

8. *Fórmula 1 – Retrospectiva 86*: esse programa foi exibido em três domingos consecutivos no ano de 1987 (29/03, 05/04 e 12/04), às 23 horas e 05 minutos, e mostrou a guerra tática entre McLaren e Williams que definiu o título da temporada anterior, as equipes e pilotos que competiriam naquele ano e os detalhes da primeira prova da temporada, o GP do Brasil. A narração foi de Léo Batista, as reportagens de Reginaldo Leme e a edição de Alfredo Taunay e Emanuel Mello Matos;

9. *Largada para 1987*: esse especial foi exibido no dia 05/04/1987, às 23 horas e 05 minutos, apesar de o *site* indicar um período de exibição igual ao do item anterior. Ele acompanhou a evolução dos carros e da indústria automobilística a partir de diversas entrevistas. A narração foi de Léo Batista, as reportagens, de Reginaldo Leme e a edição, de Alfredo Taunay e Emanuel Mello Matos;

10. *Mais uma vez Piquet*: esse especial foi exibido no dia 11/03/1984, às 22 horas e 20 minutos, e apresentou perfis de diversos pilotos da F1, incluindo Nelson Piquet, que teve mostrada sua estratégia para ser campeão em 1982. A narração foi de Léo Batista, o texto, de Galvão Bueno e Reginaldo Leme, a edição, de Gilberto Conde e a direção, de Vitor Paranhos;

11. *Na Reta final*: esse especial foi exibido no dia 27/02/1983, às 22 horas e 30 minutos, e trouxe as reportagens e entrevistas realizadas por Reginaldo Leme durante a temporada de 1982 da F1, além dos momentos mais emocionantes das provas, as grandes ultrapassagens e os acidentes mais graves. Reginaldo foi o responsável pela direção, pelo texto e pelas reportagens, contando com Vitor Paranhos na direção e Alain Vignais na produção;

12. *O Grande Pega*: esse especial foi exibido no dia 14/02/1982, às 23 horas e 15 minutos, e mostrou a crise que envolveu os pilotos, a Federação Internacional de Esportes Automobilísticos (FISA) e a Associação de Construtores da Fórmula 1 (FOCA), que provocou o cancelamento do GP da Argentina e a incerteza sobre o restante da temporada, que

só tinha tido uma prova até aquele momento, na África do Sul. As reportagens foram de Paulo Alceu, Roberto Lopes, Rodolfo Gamberini, Galvão Bueno e Reginaldo Leme; sendo que os dois últimos também foram responsáveis pela coordenação e pelo texto; a sonoplastia foi de Juarez Mariz e Sergio Seixas, a edição de imagens, de Anselmo Duarte Jr. e a arte, de Paulo Polé;

13. *O Homem e a Máquina*: esse especial foi exibido no dia 31/03/1985, às 22 horas e 20 minutos, e mostrou Reginaldo Leme e um fã de automobilismo, Emerson, de 13 anos, visitando o autódromo de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, uma fábrica de pneus e uma escola de pilotos em São Paulo. Reginaldo foi o responsável pelos textos e reportagens, Fernando Vanucci foi o narrador, Alfredo Taunay e Luiz Antonio Nascimento, os editores, Alain Vignais e Eugênia Moreyra, os produtores;

14. *Sinal Verde*: foi exibido primeiramente como um especial, no dia 06/03/1983, às 18 horas e 40 minutos, destacando as perspectivas para aquela temporada, as equipes, os pilotos e as alterações no regulamento, com textos e reportagens de Galvão Bueno e Reginaldo Leme, produção de Vitor Paranhos e assistência de produção de Alain Vignais. Mas acabou virando um programa regular até o dia 27/04/2002, totalizando pouco mais de 19 anos no ar, exibido sempre nas vésperas dos Grandes Prêmios, com matérias sobre os bastidores, os preparativos das equipes, as dificuldades de cada pista, os resultados dos treinos, o *grid* de largada e a classificação do campeonato. Durante todo o período do programa, além de Reginaldo, outros jornalistas realizaram reportagens, como João Pedro Paes Leme e Tadeu Schmidt (GLOBO COMUNICAÇÕES E PARTICIPAÇÕES S.A.).

c. Futebol

1. *Bate-Bola*: foi um programa especial exibido em cinco Copas do Mundo diferentes (21/05/1978 a 21/06/1978, período de 32 dias; 14/06/1982 a 11/07/1982, período de 28 dias; 10/06/1990 a 20/06/1990, período de 11 dias; 10/06/1998 a 12/07/1998, período de 33 dias; e 01/06/2002 a 30/06/2002, período de 30 dias). Ele era uma mesa-redonda que discutia, principalmente, sobre os jogos do Brasil na competição, uma vez que, excetuando-se 1998 (quando foi um quadro do *Esporte Espetacular*), era apresentado após as partidas da seleção canarinho. Alguns dos integrantes do *Bate-Bola* foram: Armando Nogueira,

Pelé, Luciano do Valle, Sérgio Noronha, Ciro José, Orlando Duarte, Márcio Guedes, Otto Glória, Galvão Bueno, Arnaldo César Coelho, Paulo Roberto Falcão, Walter Casagrande e Luís Roberto;

2. *Central da Copa*: foi, inicialmente, um programa especial para a Copa do Mundo de 2010 que estreou na grade da Globo no dia 07/06/2010. Ele era exibido três vezes por dia mostrando resultados, melhores momentos e análises dos jogos, além de uma edição especial aos domingos com um resumo semanal da competição, sempre com tom de humor. Após o torneio, o *Central da Copa* voltou a ser apresentado no dia 10/08/2010, após um amistoso do Brasil e, a partir de então, foi ao ar nos dias de partidas da seleção canarinho e em ocasiões especiais. Em 2014 e 2018, o programa seguiu os moldes da estreia para cobrir as respectivas Copas do Mundo. Seu editor-chefe e apresentador foi Tiago Leifert, com a editora executiva Renata Cuppen, os editores de texto, Cida Santos, Kariny Dias e Murilo Fontes; os editores de imagem, Álvaro Sales, Joel Carneiro, Rogério Ceron-Litvoc e Swami Pimentel; a chefe de produção, Carla Canteras; e os produtores, Fernando Vidotto, Guilherme Pereira, Julyana Travaglia, Karina Falzoni e Paulo Martin;

3. *Copa Brasil*: foi um noticiário exibido de 17/10/1977 a 12/08/1978 (período de nove meses e 27 dias), às 12 horas e 50 minutos de segunda a sexta. Ele apresentava os principais destaques dos campeonatos de futebol, entrevistas com profissionais do meio e os gols da rodada. Serviu de piloto para o *Globo Esporte* e era apresentado por Léo Batista;

4. *Dois Minutos com Geraldo José*: foi um programa exibido, apenas em São Paulo, de 01/08/1970 a julho de 1974 (período de quatro anos), às 19 horas e 40 minutos de segunda a sábado, antes do *Jornal Nacional*. Ele trazia notícias sobre os bastidores do futebol e era apresentado por Geraldo José de Almeida, autor do apelido seleção canarinho;

5. *Dois Minutos com João Saldanha*: foi um programa exibido de 01/08/1970 a julho de 1974 (período de quatro anos), às 19 horas e 40 minutos de segunda a sábado, antes do *Jornal Nacional*, excetuando-se o período entre junho e julho de 1973, quando foi substituído pelo *Giro da Seleção* por causa da temporada da seleção brasileira no exterior. No início, o noticiário esportivo tinha duração de seis minutos, depois diminuiu para três e, logo em seguida, João Saldanha chegou ao tempo ideal: dois minutos, o que definiu o

nome do informativo em dezembro de 1970. Quando João viajava para cobrir os jogos do Brasil, Luciano do Valle e Milton Colen comandavam o programa;

6. *Em cima do lance*: foi um programa exibido de 02/05/1965 a dezembro de 1965 (período de oito meses), às 23 horas dos domingos. Ele apresentava trechos de jogos, resultados, comentários e entrevistas com direção e apresentação de Teixeira Heizer e comentários de Celso Garcia, Fernando Lopes, Gama Malcher e Luís Alberto, além das participações especiais dos jogadores de futebol Zagallo e Zizinho;

7. *Futebol compacto*: foi um programa exibido de 30/07/1972 a 27/08/1972, às 22 horas e 30 minutos dos domingos, totalizando cinco dias no ar. Nele, a Globo exibia jogos reprisados cheios de reportagens e informações, com uma edição que interrompia a transmissão da partida, após lances importantes, para entrar a imagem do jogador comentando aquela jogada antes de o jogo voltar a ser exibido. Porém, não houve o retorno de audiência esperado e o *Futebol compacto* saiu do ar após a quinta edição. O diretor foi Renato Pacote, o comentarista foi João Saldanha e a edição ficou por conta de Evaldo Reis e Roberto Talma;

8. *Giro da Seleção*: foi um programa exibido de 30/05/1973 a 05/07/1973 (período de um mês e cinco dias), às 19 horas e 45 minutos de segunda a sexta. Substituindo os comentários diários de Geraldo José e João Saldanha, o *Giro da Seleção* trazia informações sobre os treinos e as partidas do Brasil disputadas no norte da África e na Europa. A apresentação era de Luciano do Valle ou de Milton Colen, contando com os editores de imagem Édson Ribeiro e Roberto Simões;

9. *Grande Resenha Facit*: foi um programa exibido de setembro de 1966 a janeiro de 1971 (período de quatro anos e quatro meses), às 21 horas e 30 minutos até 1967 e, depois, às 23 horas e 30 minutos. Ele era uma mesa-redonda que discutia, com paixão de torcedor, a atuação e os desempenhos dos times cariocas nos jogos disputados. O programa foi criado na TV Rio em 1963 e trazido para a Globo em 1966 e fez grande sucesso na época, sendo considerado uma das melhores mesas-redondas da televisão brasileira. Em seus últimos três meses de exibição, ele foi chamado de *Super Resenha Esportiva*. Apresentada por Luiz Mendes, a mesa era composta por Ademir Menezes, Armando Nogueira, Hans Henningsen,

João Saldanha, José Maria Scassa, Nelson Rodrigues e Vitorino Vieira. Léo Batista, Mário Viana e Washington Rodrigues também integraram a equipe do programa em alguns momentos;

10. *Na zona do agrião*: foi um programa exibido de 19/09/1966 a setembro de 1967 (período de um ano), às 19 horas e 35 minutos de segunda a sábado. Ele era apresentado por João Saldanha e trazia comentários esportivos dos campeonatos nacional e estaduais. A expressão “na zona do agrião”, criada por João, se refere à grande área do campo de futebol, devida ao fato de a hortaliça ser plantada em um terreno no qual as pessoas precisam se mover com cuidado;

11. *O sonho de um menino de Três Corações*: foi um especial exibido no dia 29/06/1980, às 22 horas e 30 minutos. O programa mostrou o garoto Darlan Angelo de Oliveira, nascido no dia do tricampeonato mundial do Brasil em 1970, acompanhando Pelé numa visita aos estádios Jalisco (em Guadalajara) e Azteca (na Cidade do México), onde a seleção jogou na Copa do Mundo daquele ano. Pelé se recordou e narrou momentos da campanha brasileira e foram apresentados depoimentos de vários membros da seleção de 1970. A equipe de produção do especial foi composta pelos cinegrafistas Daniel Andrade, José Carlos Azevedo, Ramon Reyes e Sérgio Gilz, os operadores de VT Aldir Ribeiro, Aníbal P. Veiga e Mauriceu Migon, os sonoplastas Geraldo José e Paulo Ribeiro, os produtores jornalísticos Ciro José e Michel Laurence, o titular Luiz Henrique Gomes, o responsável pelo corte José Carlos Viana, o diretor musical Otávio Augusto, o produtor musical Hareton Salvanini, o narrador Fernando Vanucci, o editor final Fernando Waisberg, o diretor de imagens Fernando Guimarães e o diretor-geral e de textos Armando Nogueira;

12. *Rumo à Copa*: foi um programada exibido antes da Copa do Mundo de 2014, estreou no dia 07/04/2014, em oito segundas consecutivas após o *Jornal da Globo*. Ele foi uma espécie de almanaque com dados sobre a história dos mundiais, seleções e craques que estiveram no Brasil para a edição daquele ano do torneio, apresentando quadros como um de erros históricos de arbitragem na competição e um comparando Cristiano Ronaldo, Messi e Neymar. Suas apresentadoras eram Cris Dias e Fernanda Gentil, o editor-chefe foi Armando Freitas, o editor-executivo foi Sérgio Barros, o editor foi Bernardo Mortimer e os

editores de imagem foram Erick Gurgel, Leonardo Larrubia e Sérgio Goulart (GLOBO COMUNICAÇÕES E PARTICIPAÇÕES S.A.).

3.1.3 Noticiários esportivos específicos

a. *Auto Esporte*: após estreiar como um quadro do *Esporte Espetacular*, em junho de 2002, o noticiário entrou na grade da Globo no dia 13/10/2002 e permanece no ar até hoje (período atual de mais de 18 anos), às 9 horas dos domingos. O programa exhibe novidades no setor automobilístico, além de prestação de serviço e entretenimento para o público apaixonado pelo assunto. Atualmente, sua direção é de Konrado Reys e sua apresentação de Kalinka Schutel; também já passaram pelo programa as apresentadoras Milena Machado (de 2010 a 2018) e Silvia Garcia (de 2002 a 2010);

b. *Balada Olímpica*: estreou no dia 05/08/2015 como um aquecimento para os Jogos Olímpicos de 2016, no Rio de Janeiro, esse noticiário foi exibido mensalmente, nos primeiros dias de cada mês após o *Jornal da Globo*, até o dia 11/06/2016. Após o início das Olimpíadas, em 06/08/2016, ele foi ao ar diariamente até o dia 21/08/2016, quando a competição acabou, totalizando 27 dias de programa durante todo o período. O *Balada Olímpica* levava ao espectador informações sobre os Jogos com notícias dos esportes olímpicos, curiosidades e histórias esportivas, além dos resumos de cada dia de competições nos programas de agosto; cada edição também teve um “DJ”, que escolhia uma música para lembrar um momento olímpico. A apresentação foi de Carol Barcellos e Flávio Canto, que contaram com os comentaristas Daiane dos Santos, Fabi, Giba, Gustavo Borges, Gustavo Kuerten, Hortência, Maurren Maggi, Shelda e Tande (GLOBO COMUNICAÇÕES E PARTICIPAÇÕES S.A.).

3.1.4 Noticiários esportivos gerais

a. *Corujão do Esporte*: estreou no dia 26/09/2010 e, até dia 11/10/2010, foi exibido nos dias dos jogos do Brasil no Mundial de Voleibol masculino. De fevereiro de 2011 a 05/09/2014, o noticiário foi ao ar nas madrugadas de sexta para sábado, depois disso, ele era apresentado nas madrugadas de quarta para quinta, até o seu fim, no dia 24/12/2015. Esse programa contou com a participação de vários atletas, artistas e personalidades diversas para comentar as notícias esportivas nas principais competições do Brasil e do mundo.

Em 2015 tiveram quadros sobre as Olimpíadas, como o *Multiatleta*, que mostrou esportes olímpicos desconhecidos e pouco praticados pelos brasileiros, e o *Teste da Coruja*, que promovia um *quiz* sobre os Jogos Olímpicos. O primeiro apresentador do telejornal foi Tande, que deu lugar a Flávio Canto em fevereiro de 2012; eles tiveram a companhia do editor-chefe Sérgio Barros, a produtora Priscila Carvalho, o editor de texto Diego Moraes e o editor de imagem Paulo Gilio;

b. *Esporte Espetacular (EE)*: o mais antigo programa esportivo da Globo, que está no ar, estreou em 08/12/1973 e ficou na grade até 30/04/1983. Após um breve hiato, o noticiário voltou no dia 22/03/1987 e continua sendo exibido até hoje: já são mais de 43 anos da revista semanal exibida, atualmente, às 9 horas e 30 minutos dos domingos. Ela apresenta um formato leve e dinâmico, acompanhando a história dos atletas, bastidores, melhores momentos e recordes mundiais conquistados em diferentes competições. O objetivo do telejornal em sua estreia era o de abrir espaço na televisão para as diversas modalidades esportivas – na época, o futebol predominava –, apresentando eventos esportivos comprados do programa *Wide World of Sports*, da rede norte-americana ABC, na íntegra ou de forma parcial. Por causa disso, eram exibidos esportes pouco populares no Brasil, algo que começou a mudar em 1976, quando se iniciaram as discussões sobre a necessidade de assuntos mais interessantes para o telespectador brasileiro, segundo o jornalista Ciro José. Isso, aos poucos, foi introduzindo esportes como atletismo, basquete, ciclismo, remo e vôlei, e um ano depois o *EE* começou a produzir seu próprio material, adotando o formato de revista eletrônica, com reportagens mais leves e criativas, brincadeiras e clipes de imagens acompanhando textos em *off*. Em 1981, o programa se dedicou mais à transmissão ao vivo de eventos esportivos, mas ele saiu do ar em 1983. Quatro anos depois, o noticiário voltou com matérias mais direcionadas aos esportes nacionais e aos radicais, que conquistavam cada vez mais espaço no telejornalismo esportivo. A partir de então, ele começou a cobrir um número maior de modalidades, incluindo esportes pouco populares no Brasil: vale ressaltar que o telejornal chegou a influenciar a prática de diferentes modalidades esportivas no país, como os rodeios. Em 1996, o *Esporte Espetacular* recebeu o Prêmio Agência TV Press e, por oito anos consecutivos (2001 a 2008) conquistou o Prêmio Qualidade Brasil de melhor programa esportivo. Muitos apresentadores passaram pelo *EE*: Léo Batista, Fernando Vanucci, Sérgio Ewerton, Isabela Scalabrini, Mylena Ciribelli, Tino Marcos, Glenda

Kozłowski, Luís Ernesto Lacombe, Clayton Conservani, Cristiane Dias, Luciana Ávila, Tande, Ivan Moré, Alex Escobar, Fernanda Gentil, Flávio Canto, Felipe Andreoli e Bárbara Coelho. O portal também traz diversas colunas, quadros, reportagens e entrevistas realizadas pelo programa desde a sua estreia, além da ficha técnica dos integrantes do noticiário, atualizada em 19 de maio de 2019;

c. *Globo Esporte (GE)*: o telejornal esportivo diário da emissora estreou em 14/08/1978 e continua no ar até hoje: são mais de 42 anos de exibição, atualmente às 12 horas e 50 minutos de segunda a sábado – até 1983, os sábados não faziam parte da programação do noticiário. Com a proposta de trazer o esporte para perto do telespectador, o programa acompanha a rotina e o trabalho dos atletas e pode ser definido como uma mistura de informação e entretenimento. No início, o *GE* era dedicado quase exclusivamente à cobertura dos torneios de futebol, mas já no primeiro ano, apresentou matérias sobre esportes como basquete, boxe, motociclismo, natação e tênis. Aos poucos, o telejornal abriu espaço para esportes pouco divulgados na televisão, como hipismo, surfe e vôlei, entre outros que interessavam os brasileiros. A partir de então, a pauta era composta de reportagens curtas sobre times e atletas, resultados, melhores lances de jogos e campeonatos, sempre buscando o fato inusitado. Ao longo da década de 1980, as matérias se tornaram mais elaboradas, apresentando mais entrevistas e explorando a trajetória dos atletas, mostrando limitações, obstáculos e desafios. Em 1983, o noticiário começou a ter dois blocos exibidos em rede, com reportagens de interesse nacional, e um bloco local, produzido pelas praças. No meio da década de 1980, o programa começou a adotar uma linha mais irreverente, possibilitando uma interação maior com a área de criação. No final da década de 1990, o *Globo Esporte* buscou atrair a atenção dos aficionados por esporte e dos menos interessados no assunto, tendo como objetivo transformar o fato esportivo em entretenimento, sem esquecer o compromisso com a informação. Em 2009, o primeiro bloco passou a apresentar as notícias regionais, enquanto nos outros, eram exibidas matérias e informações para toda a rede. Esse novo formato diminuiu a importância do teleprompter, dando mais espaço para o diálogo com o telespectador, tornando o programa ainda mais dinâmico. A partir de 2011, o telejornal passou a contar com edições diárias para Curitiba, Florianópolis, Fortaleza, Porto Alegre, Recife e Salvador, cada uma com seus apresentadores regionais, com o conteúdo gerado pelas praças distribuído para afiliadas, enquanto as demais capitais conti-

nuavam a receber a edição nacional. Muitos apresentadores passaram por esse noticiário, como Fernando Vanucci, Léo Batista, Mylena Ciribelli, Isabela Scalabrini, Maurício Torres, Tino Marcos, Glenda Kozlowski, Tiago Leifert, Alex Escobar, Fernanda Gentil, Ivan Moré e Cristiane Dias; além de repórteres como Luciano do Valle, Gil Rocha, Luiz Fernando Lima, Mauro Naves, Marcos Uchoa e Márcio Canuto. O portal também traz diversas colunas, quadros, reportagens, séries e coberturas realizadas pelo programa desde a sua estreia, além da ficha técnica dos integrantes do noticiário em quatro estados (Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo), atualizada em novembro de 2017;

d. *Por Dentro da Jogada*: foi exibido de maio de 1965 a janeiro de 1966 (período de oito meses), às 13 horas e 30 minutos dos sábados, e era um noticiário que exibia eventos esportivos nacionais e internacionais, apresentado por Luís Alberto e Teixeira Heizer, com auxílio dos cinegrafistas Gabriel Kondorf, Jorge Aguiar e Leon Varsano, entre outros;

e. *Portão 16*: foi exibido de 20/09/1969 a 20/12/1969 (período de três meses), às 13 horas e 15 minutos dos sábados, e era um noticiário, com 15 minutos de duração, que destacava os principais eventos esportivos nacionais e internacionais;

f. *Teleglobo Esportivo*: foi exibido de 05/02/1966 a 25/02/1967 (período de um ano e 20 dias), às 13h dos sábados e domingos até novembro de 1966, quando passou a ser apresentando apenas nos sábados. Foi um noticiário que destacava eventos esportivos nacionais e internacionais com informações e comentários (GLOBO COMUNICAÇÕES E PARTICIPAÇÕES S.A.).

3.2 Globoplay

Essa plataforma digital é o serviço de *streaming* da Rede Globo de Comunicações que oferece, atualmente, mais de 500 títulos entre séries, filmes e produções da emissora, sendo que alguns conteúdos são disponíveis para todos e outros, apenas para assinantes. Por consequência, ele apresenta um acervo de programas, exibidos por qualquer um dos canais do Grupo (TV aberta ou fechada, emissora ou afiliados). O Globoplay também oferece a possibilidade de assistir ao vivo os conteúdos dos canais da emissora via internet e pode ser acessado nos navegadores da *web* ou por meio de aplicativos em celulares, tablets ou smart TVs.

O serviço é dividido em categorias e a de interesse para a pesquisa é a de esportes, que possui 40 programas e torneios esportivos diferentes, que podem ser divididos em: Automobilismo (dois programas), Esportes Eletrônicos (um programa), Esportes em Geral (quatro programas diferentes), Esportes Radicais (sete programas diferentes), Futebol (17 programas diferentes), Jogos Olímpicos (cinco programas diferentes), Noticiários Esportivos (três programas diferentes) e *Ultimate Fighting Championship*, o UFC (um programa). Desses, 15 são eventos (um de automobilismo, 10 de futebol, três de Olimpíadas e um do UFC) e 25, programas (um de automobilismo, um de esportes eletrônicos, quatro de esportes em geral, sete de esportes radicais, sete de futebol, dois de Olimpíadas e três noticiários esportivos).

Dentro do universo de conteúdos esportivos da plataforma, existem 24 atrações que foram exibidas na TV aberta, no canal da Globo. Esse é o conteúdo de interesse para a pesquisa, considerando que dois dos conteúdos são de Automobilismo (o noticiário *Auto Esporte* e as transmissões da competição de F1), um é de Esportes Radicais (*Planeta Extremo*), 13 são de Futebol (os especiais *As Matrioskas* e *Sonho de Criança*, o programa *Central da Copa* e transmissões de 10 diferentes campeonatos do esporte), quatro são dos Jogos Olímpicos (o noticiário *Balada Olímpica* e as transmissões dos *Jogos Olímpicos*, dos *Olímpicos de Inverno* e dos *Paralímpicos*), três são Noticiários esportivos (*Corujão do Esporte*, *Esporte Espetacular* e *Globo Esporte*) e um é do UFC (transmissões da competição).

Conforme mencionado, foram descritos e analisados apenas os conteúdos veiculados na emissora no ano de 2015. São eles: *Auto Esporte*, *Balada Olímpica*, *Copa América*, *Copa do Brasil*, *Corujão do Esporte*, *Eliminatórias da Copa*, *Esporte Espetacular*, *Globo Esporte*, *Jogos Olímpicos*, *Jogos Paralímpicos*, *Mundial de Clubes*, *Planeta Extremo* e *UFC*, totalizando 13 programas e transmissões esportivas. Seguem as descrições dos conteúdos de cada um deles:

1. *Auto Esporte*: esse noticiário automobilístico semanal tem vídeos em 49 dias, de todos os meses do ano de 2015. Além disso, existem outros 39 dias com vídeos, todos apenas com as chamadas para o programa nos intervalos da programação da Globo, totalizando aproximadamente 893 minutos (14 horas e 53 minutos) de conteúdo. São vários assuntos relacionados a veículos motorizados, como dicas automotoras, carros de destaque, novas tecnologias, informações sobre combustível, jogos de videogame que serviram de labo-

rádios para montadoras, dicas de segurança, aplicativos de celular, desertos que serviram como laboratórios para montadoras, dicas de economia, dicas de manutenção, entrevistas, veículos blindados, motos de destaque, dicas de sustentabilidade, fábrica de miniaturas de carros, multas, consórcios, tecnologia nos caminhões, *kart*, carros antigos, carros de luxo, salões de exibição automotiva, dicas sobre golpes, carros especiais para andar no gelo, curiosidades, arte com veículos, lanchas, Hot Rods e customização de veículos. Também foram abordadas competições como a MotoGP, a Fórmula 1, a Lancer Cup, a Mitsubishi Cup e alguns ralis, além do evento Rio Boat Show;

2. *Balada Olímpica*: esse noticiário voltado para os Jogos Olímpicos e apresentado mensalmente, desde agosto de 2015 até o início das Olimpíadas no ano seguinte, teve cinco edições exibidas em quatro meses do ano de interesse da pesquisa, com aproximadamente 76 minutos (1 hora e 16 minutos) de conteúdo em vídeos que abordaram obras para os Jogos do Rio, momentos marcantes de edições passadas, as Paralimpíadas, além de 17 diferentes esportes como cabo de guerra (que já foi parte do programa olímpico), natação, remo, basquete, arremesso de peso, badminton, levantamento de peso, vôlei de praia, ciclismo, vôlei, pentatlo moderno, ginástica artística, rúgbi de 7, judô, boxe, tiro com arco, handebol e hóquei sobre a grama;

3. *Copa América*: a edição de 2015 da competição, no Chile, teve cobertura da Globo e possui reportagens, melhores momentos dos jogos do campeonato e vários momentos das partidas do Brasil nos meses de maio, junho e julho. O conteúdo total relacionado a esse torneio tem aproximadamente 415 minutos (6 horas e 55 minutos) de vídeos em um total de 33 dias diferentes, sem incluir os duelos que foram transmitidos ao vivo na Globo;

4. *Copa do Brasil*: a edição de 2015 da competição ocorreu durante praticamente o ano inteiro, por isso, foram 39 dias diferentes (nos meses de fevereiro, março, abril, maio, julho, agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro) com vídeos de melhores momentos dos jogos e entrevistas com jogadores que totalizaram, aproximadamente, 405 minutos (6 horas e 45 minutos) de conteúdo, sem incluir as partidas que foram transmitidas ao vivo na Globo;

5. *Corujão do Esporte*: o noticiário esportivo semanal tem vídeos de 50 dias diferentes durante todos os meses do ano de 2015. Por ter seu horário na virada da madrugada, dias consecutivos foram contados como apenas um, com aproximadamente 924 minutos (15 horas e 24 minutos) de duração. Sua programação foi bem variada e contou com atrações musicais e papos sobre o *Planeta Extremo*, as Paralímpias, a relação entre samba e esporte, a participação feminina nas Olimpíadas, o Comitê Olímpico, as promessas do esporte, os treinadores, as expectativas de medalhas para 2016, as Olimpíadas de Inverno, superação, esportes radicais, a relação entre cinema e esporte, biografias esportivas, o destempero no esporte, a ostentação no esporte, corridas de rua e musas do esporte. Além de trazer reportagens e conversas sobre 37 modalidades esportivas diferentes como vôlei, basquete, ciclismo, surfe, UFC, futebol de areia, futebol, saltos ornamentais, tênis, canoa-gem, judô, natação, vela, boxe, atletismo, esqui, maratona, remo, *wingsuit*, *highline*, tênis de mesa, jiu-jitsu, ginástica artística, polo aquático, pesca esportiva, maratona aquática, tiro esportivo, ginástica rítmica, montanhismo, skate, *stand up paddle*, futsal, Fórmula 1, muay thai, nado sincronizado, badminton e hóquei sobre a grama;

6. *Eliminatórias da Copa*: a competição classificatória para a Copa do Mundo de 2018 começou em outubro de 2015 e também teve rodadas no mês seguinte. No total, são 10 dias diferentes com conteúdo sobre as eliminatórias, apresentando melhores momentos de partidas do Brasil, análises táticas, reportagens sobre o torneio, convocações da seleção, entrevistas com jogadores brasileiros e gols dos outros duelos da competição, totalizando aproximadamente 96 minutos (1 hora e 36 minutos) de conteúdo, sem incluir as partidas que foram transmitidas ao vivo na Globo;

7. *Esporte Espetacular*: esse noticiário semanal aparece em 111 dias de todos os meses do ano de 2015, uma vez que vários dias apresentam chamadas para o programa e pequenas reportagens, totalizando aproximadamente 3.275 minutos (54 horas e 35 minutos) de conteúdo. Além de matérias sobre racismo no esporte, esportes radicais, escândalos do esporte, entrevistas com personalidades do mundo esportivo e o sorteio das eliminatórias da Copa de 2018, o telejornal dominical trouxe informações de 11 competições diferentes: a Bravus Race, a Stock Car, a GP2, a Fórmula E, os Jogos Pan-Americanos, as Paralímpias de 2016, as Olimpíadas Escolares da Juventude, a Fórmula Porsche, os Jogos Mundiais

Índigenas, a MotoGP e a Fórmula 1. Também houve quadros como *Mamãe Gentil*, *Mulheres Espetaculares*, *Força Bruta*, *Aventuras Urbanas* e *Baú do Esporte*. Quanto às diversas modalidades esportivas, são 53 nas reportagens feitas pelo programa: automobilismo, parkour, futebol, futebol feminino, maratonas, UFC, basquete, tênis, kite surfe, vôlei, sumô, tiro com arco, beisebol, judô, surfe, futebol americano, atletismo, maratona aquática, *base jump*, rúgbi, esqui, vôlei de praia, skate, ginástica artística, ciclismo, handebol, ginástica rítmica, tênis de mesa, natação, *wakeskate*, polo aquático, badminton, tiro esportivo, futebol de areia, *highline*, nado sincronizado, vela, triatlo, saltos ornamentais, hipismo, boxe, voo livre, motosurfe, *slackline*, canoagem, alpinismo, remo, polo equestre na neve, *bungee jumping*, paraquedismo, *stand up paddle*, futsal e canoagem slalom, mas vale ressaltar que, pelo menos, metade das horas de programação foram dedicadas ao futebol masculino e que foram veiculadas diversas grandes reportagens. Foi possível identificar sete eventos que foram transmitidos ao vivo durante o noticiário, das seguintes modalidades: vôlei, handebol, natação, judô, skate, ginástica rítmica e Stock Car;

8. *Globo Esporte*: o principal telejornal esportivo da emissora, exibido de segunda a sábado, possui vídeos em 311 dias diferentes, espalhados por todos os meses do ano de 2015, totalizando aproximadamente 3.336 minutos (55 horas e 36 minutos) de conteúdo. Além de chamadas para outros programas e matérias sobre as obras das Olimpíadas, *doping* no esporte, curiosidades do mundo esportivo, racismo no esporte, torcedores, futebol amador, sustentabilidade nos estádios, treinadoras de times masculinos, análises táticas, esportes radicais, árbitros, as dívidas dos clubes, ingressos para as Olimpíadas, ídolos do esporte, o Cartola FC, os melhores momentos das competições, escândalos de corrupção, o sedentarismo, corridas de rua, o sorteio das Eliminatórias da Copa, a meta de medalhas do Brasil para 2016, filmes de esporte e entrevistas e retrospectivas com diversos atletas consagrados, o noticiário trouxe informações de 12 competições diferentes: Copa do Mundo de 2018 e 2022, Fórmula 1, UFC, Stock Car, Olimpíadas de 2016, Paralimpíadas de 2016, Jogos Pan-Americanos, Jogos Escolares da Juventude, Jogos Mundiais Militares, Jogos Índigenas e MotoGP. Também tiveram quadros como *Cafezinho com Escobar*, *Quem foi?*, *Preliminares*, *Inacreditável Futebol Clube*, *Baú do Esporte*, *Os Contadores*, *Minha Medalha*, *Eu Atleta*, *Artilheiro Musical* e *Amigo Olímpico*. Quanto às diversas modalidades esportivas, são 62 nas reportagens feitas pelo programa: futebol, parkour, vôlei, basquete, jiu-

jitsu, maratona, handebol, ginástica artística, ciclismo, tênis, natação, surfe, skate, sinuca, futebol de areia, tiro ao prato, lutas marciais mistas, futebol de 7, nado sincronizado, atletismo, moto aquática, highline, vôlei de praia, beisebol, golfe, rúgbi, polo aquático, futsal, decatlo, *taekwondo*, judô, *velocross*, esgrima, tiro com arco, turfe, kart, pentatlo moderno, boxe, luta olímpica, tiro esportivo, ginástica rítmica, luta greco-romana, hóquei sobre a grama, maratona aquática, críquete, triatlo, saltos ornamentais, hipismo, remo, vela, canoagem, marcha atlética, ginástica em trampolim, caratê, escalada, automobilismo, motociclismo, tênis de mesa, bocha, canoagem slalom, futebol americano e levantamento de peso – aqui também cabe ressaltar que, pelo menos, metade das horas de programação foram dedicadas ao futebol masculino, que predominou no noticiário;

9. *Jogos Olímpicos*: a cobertura das Olimpíadas do Rio de 2016 começou com bastante antecipação, portanto, nessa categoria é possível visualizar 139 dias diferentes, espalhados por todos os meses do ano de 2015 que totalizam, aproximadamente, 906 minutos (15 horas e 06 minutos) de conteúdo. Nessa seção, existem diversas reportagens que abordam temas como os Jogos Olímpicos em geral, a venda de ingressos para a competição, o andamento das obras da estrutura do evento, a preparação dos Jogos, o *doping* no esporte, um *game show* sobre as Olimpíadas, as evoluções e as inovações tecnológicas no esporte, retrospectivas de edições anteriores e atletas históricos, o revezamento da tocha olímpica, a luta pela igualdade, os Jogos Pan-Americanos de Toronto, a meta de medalhas do Brasil, as polêmicas que permeiam o esporte, a pressão psicológica que os atletas sofrem em um evento desse porte e as Paralimpíadas. As matérias abordam 37 modalidades esportivas diferentes: vôlei, patinação artística, handebol, vôlei de praia, atletismo, hipismo, futebol, mergulho radical, *beach tennis*, ginástica artística, marcha atlética, vela, judô, tiro com arco, tiro esportivo, basquete, maratona, futebol feminino, tênis, natação, boxe, esgrima, canoagem slalom, surfe, tênis de mesa, remo, badminton, polo aquático, maratona aquática, canoagem, ginástica rítmica, ginástica em trampolim, luta olímpica, luta Greco-romana, ciclismo, esportes radicais e caratê;

10. *Jogos Paralímpicos*: em 2015, a Globo teve um aquecimento para a maior competição mundial de paratletas, competidores de modalidades esportivas adaptadas para portadores de deficiência física, intelectual ou mental. Foram quatro dias do ano e cinco vídeos

relacionados ao esporte paralímpico, além dos conteúdos abordados nos outros programas da emissora: em 25 de fevereiro, com uma chamada de 30 segundos do *Corujão do Esporte* que falaria sobre o tema em sua próxima edição; no dia 15 de agosto, que contou com uma reportagem de um minuto e 17 segundos sobre o desempenho brasileiro no Parapan-Americanos de Toronto; já em 7 de setembro foram duas matérias sobre a preparação do Brasil para as Paralímpiadas de 2016, com 3 minutos e 53 segundos ao todo; e, por último, o dia 11 de outubro apresentou um especial de nove minutos e 50 segundos sobre superação através do esporte paralímpico, totalizando 15 minutos e 30 segundos sobre o tema;

11. *Mundial de Clubes*: a competição, disputada em dezembro de 2015, não teve nenhum clube brasileiro: naquele ano, o representante sul-americano foi o River Plate, da Argentina. Foram cinco dias do ano com vídeos relacionados ao torneio, sendo dois em janeiro e um em maio, com reportagens, e dois em dezembro, com os melhores momentos e uma análise tática da final entre River Plate e Barcelona, da Espanha, além de mostrar as premiações do Mundial, totalizando aproximadamente 61 minutos de conteúdo, sem contar o tempo de exibição da partida derradeira do campeonato;

12. *Planeta Extremo*: esse especial colocou os repórteres Carol Barcellos e Clayton Conservani no desafio de praticar alguns esportes radicais, como uma ultramaratona na Amazônia e escaladas de picos e árvores gigantes. Foram 20 dias com vídeos exibidos nos meses de janeiro, fevereiro e março de 2015, incluindo chamadas, pequenas reportagens e os episódios do programa, totalizando aproximadamente 249 minutos (4 horas e 09 minutos) de conteúdo;

13. *UFC*: o grande campeonato mundial de artes marciais mistas tem 39 dias, durante todos os meses de 2015, com vídeos de algumas das lutas realizadas durante o ano, totalizando aproximadamente 759 minutos (12 horas e 39 minutos). Porém, esse é o único dos 13 programas que não teve todo o seu conteúdo veiculado na TV aberta: no caso dessa competição, foi encontrado apenas um embate que foi exibido no canal da Globo, entre Anderson Silva e Nick Diaz, que terminou com vitória do brasileiro, pelo UFC 183, no dia 31 de janeiro e que possui 35 minutos e 43 segundos de duração na plataforma. Todas as outras lutas foram exibidas pelo Combate, canal *pay-per-view* do Grupo de Comunicações carioca.

3.3 Participação brasileira nos Jogos Olímpicos de 2016

Por ser o país anfitrião da edição, ocorrida no Rio de Janeiro, o Brasil teve direito a atletas em todas as 42 modalidades disputadas nas Olimpíadas de 2016, o que classificou 465 esportistas brasileiros para os Jogos daquele ano, a maior delegação da história da nação, superando os 277 de 2008 e os 259 de 2012. De acordo com o *site* do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), os Jogos do Rio tiveram 11.238 atletas de 207 países em 39 modalidades diferentes, um número diferente das 42 descritas abaixo (como no portal do COB não há descrição de todas, supõe-se que não foram separados em modalidades os esportes do hipismo e do voleibol). No total, foram 306 provas diferentes disputadas, 136 femininas, 161 masculinas e nove mistas, em um total de 973 medalhas.

As modalidades são divididas em 28 esportes: Atletismo, Badminton, Basquete, Boxe, Canoagem (Slalom e Velocidade), Ciclismo (BMX, Estrada, Mountain Bike e Pista), Esgrima, Esportes Aquáticos (Maratona Aquática, Nado Sincronizado, Natação, Polo Aquático e Saltos Ornamentais), Futebol, Ginástica (Artística, Rítmica e Trampolim), Golfe, Handebol, Hipismo (Adestramento, CCE e Saltos), Hóquei sobre Grama, Judô, Levantamento de Peso, Luta Olímpica (Greco-Romana e Livre), Pentatlo Moderno, Remo, Rúgbi, *Taekwondo*, Tênis, Tênis de Mesa, Tiro com Arco, Tiro Esportivo, Triatlo, Vela e Voleibol (de Praia e de Quadra). Seguem a quantidade de atletas e de medalhas em cada um dos esportes:

1. Atletismo: 67 atletas e uma medalha de ouro na categoria masculina, com o atleta Thiago Braz no salto com vara;
2. Badminton: 02 atletas e nenhuma medalha;
3. Basquete: 24 atletas, divididos em duas seleções: a masculina e a feminina, cada uma com 12 jogadores. Não teve nenhuma medalha;
4. Boxe: 09 atletas e uma medalha de ouro na categoria masculina, com o atleta Robson Conceição na categoria peso leve – até 60 quilos;
5. Canoagem: 13 atletas, sendo 05 no Slalom e 08 na Velocidade, de onde vieram três medalhas na categoria masculina: duas pratas com o atleta Isaquias Queiroz, uma na cate-

goria C1 de 1000 metros e outra na C2 de 1000 metros, essa junto do Erlon Silva; e um bronze, também de Isaquias, na C1 de 200 metros;

6. Ciclismo: 10 atletas, sendo 02 na BMX, 04 na Estrada, 03 no Mountain Bike e 01 na Pista, mas nenhuma medalha;

7. Esgrima: 13 atletas e nenhuma medalha;

8. Esportes Aquáticos: 80 atletas, sendo 09 no Nado Sincronizado, 26 no Polo Aquático (13 jogadores em cada seleção: masculina e feminina), 09 nos Saltos Ornamentais, 33 na Natação e 03 na Maratona Aquática, de onde veio uma medalha de bronze com Poliana Okimoto na categoria feminina de 10 quilômetros;

9. Futebol: 36 atletas, divididos em duas seleções: a masculina e a feminina, cada uma com 18 jogadores. Apenas uma equipe ganhou medalha, a masculina com o ouro;

10. Ginástica: 17 atletas, sendo 06 na Rítmica, 01 no Trampolim e 10 na Artística, de onde vieram três medalhas na categoria masculina: uma prata de Arthur Zanetti nas argolas, além de uma prata de Diego Hypolito e uma de bronze de Arthur Mariano, ambas no solo;

11. Golfe: 03 atletas e nenhuma medalha;

12. Handebol: 28 atletas, divididos em duas seleções: a masculina e a feminina, cada uma com 14 jogadores. Não levou nenhuma medalha;

13. Hipismo: 12 atletas e nenhuma medalha;

14. Hóquei sobre Grama: 16 atletas, todos da seleção masculina, que não conseguiu nenhuma medalha;

15. Judô: 14 atletas e três medalhas: uma de ouro com Rafaela Silva, na categoria feminina de até 57 quilos, e duas de bronze, uma com Mayra Aguiar, na categoria feminina de até 78 quilos e outra com Rafael Silva, na categoria masculina de mais de 100 quilos;

16. Levantamento de Peso: 05 atletas e nenhuma medalha;

17. Luta Olímpica: 05 atletas e nenhuma medalha;
18. Pentatlo Moderno: 02 atletas e nenhuma medalha;
19. Remo: 04 atletas e nenhuma medalha;
20. Rúgbi: 24 atletas, divididos em duas seleções: a masculina e a feminina, cada uma com 12 jogadores. Não teve nenhuma medalha;
21. *Taekwondo*: 04 atletas e uma medalha de bronze na categoria masculina de mais de 80 quilos com o atleta Maicon Siqueira;
22. Tênis: 07 atletas e nenhuma medalha;
23. Tênis de Mesa: 06 atletas e nenhuma medalha;
24. Tiro com Arco: 06 atletas e nenhuma medalha;
25. Tiro Esportivo: 09 atletas e uma medalha de prata na categoria masculina da pistola de ar 10 metros com Felipe Wu;
26. Triatlo: 02 atletas e nenhuma medalha;
27. Vela: 15 atletas e uma medalha de ouro na categoria feminina 49er FX com a dupla Kahena Kunze e Martine Grael;
28. Voleibol: 32 atletas, sendo 08 na modalidade de Praia, com duas duplas femininas e duas masculinas, sendo que uma de cada sexo conseguiu medalha: Agatha Bednarkuk e Bárbara Seixas ganharam uma prata no feminino, e Alison Cerutti e Bruno Schmidt, um ouro no masculino. E 24 na Quadra, sendo divididos em duas seleções: a masculina e a feminina, cada uma com 12 jogadores. Apenas uma equipe ganhou medalha, a masculina com o ouro.

Portanto, o Brasil ganhou 19 medalhas em 2016, sete de ouro, seis de prata e seis de bronze, em 12 modalidades: Atletismo, Boxe, Canoagem de Velocidade, Futebol, Ginástica Artística, Judô, Maratona Aquática, *Taekwondo*, Tiro Esportivo, Vela, Vôlei e Vôlei de Praia. Esse foi o melhor desempenho do país em uma Olimpíada, que terminou em 13º lugar no

quadro geral de medalhas. A única modalidade em que o Brasil foi o melhor país foi o Vôlei de Praia, com um ouro e uma prata. A título de comparação, seguem dados de 14 nações: as nove que tiveram os melhores resultados nos esportes que os brasileiros ganharam medalhas, e as cinco que terminaram de compor as 10 melhores nações e as 10 maiores delegações da competição:

1. Alemanha: com 433 atletas em sua delegação, ficou em 5º lugar com 17 medalhas de ouro, 10 de prata e 15 de bronze, 42 no total. Foi o melhor país em duas modalidades das que os brasileiros ganharam medalhas: Canoagem, com quatro ouros, duas pratas e um bronze, sete no total; e Futebol com um ouro e uma prata;

2. China: com 400 atletas em sua delegação, ficou em 3º lugar com 26 medalhas de ouro, 18 de prata e 26 de bronze, 70 no total. No Vôlei de Quadra, ela empatou com o Brasil como melhor nação com o ouro conquistado pela sua seleção feminina;

3. Coreia do Sul: com 210 atletas em sua delegação, ficou em 8º lugar com nove medalhas de ouro, três de prata e nove de bronze, 21 no total. Foi o melhor país no *Taekwondo*, com dois ouros e três bronzes, cinco no total;

4. EUA: a maior delegação dos Jogos, com 563 atletas, foram os grandes campeões dos Jogos com 46 medalhas de ouro, 37 de prata e 38 de bronze, 121 no total. O país foi absoluto no Atletismo, com 13 ouros, 10 pratas e nove bronzes, 32 no total; na Ginástica Artística, com quatro ouros, seis pratas e dois bronzes, 12 no total; e na soma das modalidades dos Esportes Aquáticos, com 17 ouros, 10 pratas e 10 bronzes, 37 no total;

5. Holanda: com 248 atletas em sua delegação, ficou em 11º lugar com oito medalhas de ouro, sete de prata e quatro de bronze, 19 no total. A única modalidade dos Esportes Aquáticos em que o Brasil ganhou medalha foi a Maratona Aquática, dominada por esse país europeu, que conquistou os dois ouros possíveis, um no masculino e outro no feminino;

6. Itália: com 312 atletas em sua delegação, ficou em 9º lugar com oito medalhas de ouro, 12 de prata e oito de bronze, 28 no total. Foi o melhor país no Tiro Esportivo com quatro ouros e três pratas, sete no total;

7. Japão: com 342 atletas em sua delegação, ficou em 6º lugar com 12 medalhas de ouro, oito de prata e 21 de bronze, 41 no total. Foi o melhor país no Judô com três ouros, uma prata e oito bronzes, 12 no total;

8. Reino Unido: com 374 atletas em sua delegação, ficou em 2º lugar com 27 medalhas de ouro, 23 de prata e 17 de bronze, 67 no total. Foi o melhor país na Vela com dois ouros e uma prata, três no total;

9. Uzbequistão: com 70 atletas em sua delegação, ficou em 21º lugar, único país dessa lista que foi pior que o Brasil no geral, com quatro medalhas de ouro, duas de prata e sete de bronze, 13 no total. Mais de metade das suas medalhas foram conquistadas no Boxe, modalidade que essa nação liderou: três de ouro, duas de prata (as únicas do país nos Jogos) e duas de bronze, sete no total;

10. Austrália: com 428 atletas em sua delegação, ficou em 10º lugar com oito medalhas de ouro, 11 de prata e 10 de bronze, 29 no total. Não liderou nenhuma das modalidades nas quais o Brasil ganhou medalha;

11. Canadá: com 317 atletas em sua delegação, ficou em 20º lugar com quatro medalhas de ouro, três de prata e 15 de bronze, 22 no total. Não liderou nenhuma das modalidades nas quais o Brasil ganhou medalha;

12. Espanha: com 313 atletas em sua delegação, ficou em 14º lugar com sete medalhas de ouro, quatro de prata e seis de bronze, 17 no total. Não liderou nenhuma das modalidades nas quais o Brasil ganhou medalha;

13. França: com 406 atletas em sua delegação, ficou em 7º lugar com 10 medalhas de ouro, 18 de prata e 14 de bronze, 42 no total. Não liderou nenhuma das modalidades nas quais o Brasil ganhou medalha;

14. Rússia: com 285 atletas em sua delegação, ficou em 4º lugar com 19 medalhas de ouro, 18 de prata e 19 de bronze, 56 no total. Não liderou nenhuma das modalidades nas quais o Brasil ganhou medalha.

4. ANÁLISE INTERPRETATIVA

A partir dos achados descritos no capítulo anterior foram calculados os quatro índices pré-determinados, baseados no TTR de Bardin (1977, p. 248)¹⁸, para a interpretação do material: o de Representatividade Esportiva no Total da Programação (RENTP), o de Medalhas por Atletas (MPA), o do Brasil em Relação ao Melhor (BRM) e o da Representatividade Brasileira nas Olimpíadas (RBNO). Cada um deles foi calculado através das formas e condições explicitadas no item 2.2 deste trabalho.

4.1 RENTP (Representatividade Esportiva no Total da Programação)

Nesse índice, o quociente final foi o resultado da quantidade de programas, ou eventos, dessas categorias esportivas (determinadas após a descrição), dividida pelo total. Os indicadores foram expressos em formato percentual para facilitar a sua interpretação, sendo que, quanto maior a porcentagem, maior a participação da categoria na grade televisiva do Grupo Globo. Dessa forma, foi possível analisar o impacto de cada categoria em seis tipos diferentes: geral, Memória Globo, Globoplay programas, eventos e tempo de tela das categorias na GloboPlay em 2015.

4.1.1 RENTP Geral

Aqui, o resultado foi o da quantidade de eventos e programas da categoria dividida pela quantidade total de eventos e programas nos dois *sites*. Excetuando-se os oito que aparecem em ambas as plataformas (*Auto Esporte, Balada Olímpica, Central da Copa, Corujão do Esporte, Esporte Espetacular, Fórmula 1, Globo Esporte* e Jogos Olímpicos de 2016) são 157 eventos e programas esportivos diferentes, separados nas seguintes categorias: Automobilismo, Esportes Eletrônicos, Esportes em Geral (onde se encontram os noticiários esportivos gerais), Esportes Radicais, Futebol, Jogos Olímpicos (onde se encontram os Jogos Pan-Americanos) e Lutas (boxe e UFC).

1. RENTP Geral Automobilismo: $58/157 = 36,94\%$

¹⁸ BARDIN, *op. cit.*, 248.

2. RENTP Geral Esportes Eletrônicos: $1/157 = 0,64\%$
3. RENTP Geral Esportes em Geral: $10/157 = 6,37\%$
4. RENTP Geral Esportes Radicais: $7/157 = 4,46\%$
5. RENTP Geral Futebol: $53/157 = 33,76\%$
6. RENTP Geral Olimpíadas: $26/157 = 16,56\%$
7. RENTP Geral Lutas: $2/157 = 1,27\%$

Ao se analisar o total de conteúdos esportivos, que estão descritos nos portais, na tela da Globo, nota-se que a maior parte da programação é voltada para automobilismo (F1) e futebol. 70,7% dos eventos e programas são dessas duas categorias. Porém, cabe ressaltar que os dados do automobilismo possuem grande relevância pelo fato de a F1 possuir campeonatos anuais, diferentemente das grandes competições de futebol (Copa do Mundo e Copa América) e das Olimpíadas, que ocorrem a cada quatro anos. O portal Memória Globo descreve todos os anos entre 1972 e 2014, com exceção de 1979, incluindo até mesmo 1980, quando não houve transmissão da Fórmula 1 pela emissora. Isso faz com que o automobilismo ganhe grande valor na representatividade esportiva da programação do canal.

O futebol, como esperado, ocupa um grande espaço, mesmo sem várias competições, com cobertura da Globo, serem descritas nos *sites*. Isso mostra que ele realmente é o carro chefe dos esportes na emissora. Ainda vale observar o espaço para as Olimpíadas, que ocupa o terceiro lugar no pódio, porém com menos de metade da representatividade de cada um dos dois primeiros.

4.1.2 RENTP Memória Globo

Aqui, apenas o *site* Memória Globo foi considerado, de forma que as quantidades de eventos e programas das categorias foram divididas pela quantidade total de eventos e programas do portal: 125. As categorias são: Automobilismo, Esportes em Geral (nesse caso, são apenas noticiários esportivos gerais), Futebol, Jogos Olímpicos (onde se encontram os Jogos Pan-Americanos) e Lutas (nesse caso, o boxe).

1. RENTP Memória Globo Automobilismo: $58/125 = 46,4\%$
2. RENTP Memória Globo Esportes em Geral: $6/125 = 4,8\%$
3. RENTP Memória Globo Futebol: $37/125 = 29,6\%$
4. RENTP Memória Globo Olimpíadas: $23/125 = 18,4\%$
5. RENTP Memória Globo Lutas: $1/125 = 0,8\%$

Quando se analisa apenas o conteúdo total do Memória Globo, fica mais perceptível o exposto no item anterior: o automobilismo lidera com ampla vantagem, devido ao espaço da F1 na grade da emissora. São 43 eventos e 14 programas da Fórmula 1 descritos no portal. Como esse *site* é um acervo do conteúdo histórico da Globo, nota-se que a maior categoria de automobilismo possui grande valor para a empresa.

Não há como afirmar que todo o conteúdo da F1 exibido pela emissora está disponível no Memória Globo, porém os materiais do futebol, por exemplo, não abrangem todas as competições exibidas pela Globo (apenas a Copa do Mundo e a Copa América estão destacadas no portal) e, mesmo assim, o esporte se destaca na segunda posição. As outras categorias não possuem uma grande variação em relação ao RENTP Geral.

4.1.3 RENTP Globoplay

Aqui, apenas a plataforma Globoplay foi considerada, de forma que as quantidades de eventos e programas das categorias foram divididas pela quantidade total de eventos e programas do *site* (40), pela quantidade total dos conteúdos exibidos em TV aberta (24) e pela quantidade total dos materiais exibidos em TV aberta no ano de 2015 (13). As categorias são: Automobilismo, Esportes Eletrônicos, Esportes em Geral (onde se encontram os noticiários esportivos gerais), Esportes Radicais, Futebol, Jogos Olímpicos e Lutas (nesse caso o UFC).

1. RENTP Globoplay Total Automobilismo: $2/40 = 5\%$
2. RENTP Globoplay Total Esportes Eletrônicos: $1/40 = 2,5\%$
3. RENTP Globoplay Total Esportes em Geral: $7/40 = 17,5\%$

4. RENTP Globoplay Total Esportes Radicais: $7/40 = 17,5\%$
5. RENTP Globoplay Total Futebol: $17/40 = 42,5\%$
6. RENTP Globoplay Total Olimpíadas: $5/40 = 12,5\%$
7. RENTP Globoplay Total Lutas: $1/40 = 2,5\%$
8. RENTP Globoplay TV Aberta Automobilismo: $2/24 = 8,33\%$
9. RENTP Globoplay TV Aberta Esportes em Geral: $3/24 = 12,5\%$
10. RENTP Globoplay TV Aberta Esportes Radicais: $1/24 = 4,17\%$
11. RENTP Globoplay TV Aberta Futebol: $13/24 = 54,16\%$
12. RENTP Globoplay TV Aberta Olimpíadas: $4/24 = 16,67\%$
13. RENTP Globoplay TV Aberta Lutas: $1/24 = 4,17\%$
14. RENTP Globoplay 2015 Automobilismo: $1/13 = 7,69\%$
15. RENTP Globoplay 2015 Esportes em Geral: $3/13 = 23,08\%$
16. RENTP Globoplay 2015 Esportes Radicais: $1/13 = 7,69\%$
17. RENTP Globoplay 2015 Futebol: $4/13 = 30,77\%$
18. RENTP Globoplay 2015 Olimpíadas: $3/13 = 23,08\%$
19. RENTP Globoplay 2015 Lutas: $1/13 = 7,69\%$

Na plataforma, que armazena vídeos de conteúdos esportivos do Grupo de Comunicações, a mudança em relação ao geral já é maior. O futebol cresce para mais de 40% do total disponível, são 17 programas ou eventos em um universo de 40. Por colocar a F1 como uma categoria só, sem separar por temporada, a Globoplay apresenta uma quantidade muito inferior no automobilismo: 5% do total. Essa diferença está de acordo com o exposto nos itens anteriores. Ainda no total, nota-se que a segunda posição é dividida entre Esportes em Geral e

Esportes Radicais, porém a maior parte dos programas dessas categorias foi exibida na TV fechada.

Quando se analisa apenas o conteúdo transmitido na TV aberta, o futebol amplia seu domínio para mais de metade dos 24 eventos e programas disponíveis na Globoplay. Aqui, a segunda posição é das Olimpíadas, seguida pelos noticiários esportivos que compõem a categoria de Esportes Gerais neste universo. A queda da proporção de esportes radicais abre espaço para a ascensão das outras categorias, porém não há nenhuma outra com grande diferença nos números, e os Esportes Eletrônicos somem, uma vez que o único programa nessa categoria é da TV fechada.

Já na análise dos conteúdos de TV aberta exibidos no ano de 2015, mudanças significativas são notadas. Apesar de continuar líder, com mais de 30% do total, o futebol perde terreno para as Olimpíadas e os esportes em geral. Tal diferença pode ser justificada pelo início da veiculação de materiais sobre os Jogos Olímpicos – uma outra pesquisa, analisando o conteúdo de 2016 pode vir a mostrar esta categoria em primeiro lugar – e pela manutenção dos noticiários esportivos, fixos na grade da emissora. Essa diferença comprova, em parte, a hipótese de que quanto mais perto das Olimpíadas, mais outros esportes possuem espaço na grade televisiva.

4.1.4 RENTP Programas

Aqui, apenas os programas esportivos foram considerados, de forma que a quantidade de cada categoria, nos dois *sites*, foi dividida pelo total de programas neles, excetuando-se os seis que aparecem em ambas as plataformas (*Auto Esporte*, *Balada Olímpica*, *Central da Copa*, *Corujão do Esporte*, *Esporte Espetacular* e *Globo Esporte*): 54. As categorias são: Automobilismo, Esportes Eletrônicos, Esportes em Geral (onde se encontram os noticiários esportivos gerais), Esportes Radicais, Futebol, Jogos Olímpicos e Lutas (nesse caso, o boxe).

1. RENTP Programas Automobilismo: $15/54 = 27,78\%$
2. RENTP Programas Esportes Eletrônicos: $1/54 = 1,85\%$
3. RENTP Programas Esportes em Geral: $10/54 = 18,52\%$

4. RENTP Programas Esportes Radicais: $7/54 = 12,96\%$
5. RENTP Programas Futebol: $18/54 = 33,33\%$
6. RENTP Programas Olimpíadas: $2/54 = 3,71\%$
7. RENTP Programas Lutas: $1/54 = 1,85\%$

Por possuir diversos programas, tanto na TV aberta como na TV fechada, o futebol lidera a representatividade nesse índice. Nele, o automobilismo volta a ganhar espaço devido aos 14 programas descritos no acervo do Memória Globo. Com os especiais feitos para o canal fechado do Grupo de Comunicações, SporTV, os esportes em geral e os radicais aumentam sua representatividade nessa categoria, enquanto as Olimpíadas perdem muito terreno, por serem mais retratadas em transmissões de eventos do que em programas específicos sobre essa competição.

4.1.5 RENTP Eventos

Aqui, apenas os eventos esportivos foram considerados, de forma que a quantidade de cada categoria, nos dois *sites*, foi dividida pelo total de eventos neles, excetuando-se os dois que aparecem em ambas as plataformas (Fórmula 1 e Jogos Olímpicos de 2016): 103. As categorias são: Automobilismo, Futebol, Jogos Olímpicos e Lutas (nesse caso, o UFC).

1. RENTP Eventos Automobilismo: $43/103 = 41,75\%$
2. RENTP Eventos Futebol: $35/103 = 33,98\%$
3. RENTP Eventos Olimpíadas: $24/103 = 23,30\%$
4. RENTP Eventos Lutas: $1/103 = 0,97\%$

No índice de eventos, o automobilismo volta a ter predominância, justamente por causa das temporadas da F1, que, como mencionado anteriormente, por ser uma competição anual, se destaca sobre os outros principais eventos (Copa do Mundo, Copa América, Olimpíadas e Pan-Americanos), que só ocorrem a cada quatro anos. Mesmo assim, o futebol fica perto da primeira posição, por conta de outros campeonatos transmitidos e, se fossem consideradas as

competições para além destes acervos, provavelmente ele seria o líder de representatividade neste indicador também.

Eventos de outros esportes, com exceção de lutas, não têm destaque na emissora fora dos Jogos Olímpicos e Pan-Americanos. Apenas alguns foram identificados na programação do *Esporte Espetacular*, porém nenhum é destacado nos portais analisados.

4.1.6 RENTP Tempo

Aqui, o universo de análise consistiu nos 13 programas e eventos esportivos que passaram na TV aberta da Globo no ano de 2015. Para o cálculo do índice, foram contabilizados os minutos aproximados de cada uma das categorias para serem divididos pela quantidade total aproximada de tempo de tela de todo o conteúdo: 10.687 minutos (178 horas e 07 minutos). As categorias são: Automobilismo, Esportes em Geral (nesse caso, os noticiários esportivos gerais), Esporte Radicais, Futebol, Jogos Olímpicos e Lutas (nesse caso, o UFC). Dois noticiários esportivos gerais (*Esporte Espetacular* e *Globo Esporte*) possuem mais de 60% do tempo de tela. Eles possuem, pelo menos, metade do seu tempo dedicado ao futebol. Portanto, é necessário fazer um RENTP que considere o Tempo Separado, adicional para Esportes em Geral e Futebol, com metade do tempo dos telejornais na categoria geral e metade, na de futebol.

1. RENTP Tempo Automobilismo: $893/10.687 = 8,36\%$
2. RENTP Tempo Esportes em Geral: $7.535/10.687 = 70,51\%$
3. RENTP Tempo Esportes Radicais: $249/10.687 = 2,33\%$
4. RENTP Tempo Futebol: $977/10.687 = 9,14\%$
5. RENTP Tempo Olimpíadas: $997,5/10.687 = 9,33\%$
6. RENTP Tempo Lutas: $35,75/10.687 = 0,33\%$
7. RENTP Tempo Separado Esportes em Geral: $4.229,5/10.687 = 39,58\%$
8. RENTP Tempo Separado Futebol: $4.282,5/10.687 = 40,07\%$

O índice de esportes em geral é o maior disparado, justamente por causa do *EE* e do *GE*, porém esse tempo é dividido entre mais de 60 esportes. Considerando o RENTP Tempo Separado, o futebol confirma a sua predominância aqui, com 40% do tempo de tela, enquanto todos os outros esportes juntos resultam em quase 60%. Desses, apenas pouco mais de 9% foram dedicados a conteúdos relacionados às Olimpíadas. Fica a questão para uma futura pesquisa de qual seria esse percentual em um ano olímpico, como 2016.

4.2 MPA (Medalhas por Atleta)

Esse índice serviu para analisar a efetividade do desempenho brasileiro, e dos países especificados no capítulo anterior, nas Olimpíadas de 2016. Seu resultado, em porcentagem, foi o quociente da divisão do número de medalhas pelo número de atletas – ou equipes, quando for o caso. Assim como no indicador anterior, quanto maior o número percentual, maior a efetividade na categoria específica. Esses dados foram separados por nação e por modalidade, de forma a tornar possível a comparação entre o Brasil e outros países e, também, da efetividade dos brasileiros de acordo com o esporte.

4.2.1 MPA “País” “Medalha”

Aqui, o resultado foi o da quantidade de medalhas do país dividida pela quantidade de atletas daquela nação em 2016. Além disso, os dados brasileiros de 2012 também foram calculados. Dessa forma foi possível analisar o desempenho geral de cada pátria, organizada conforme o disposto no item 3.3, e comparar o brasileiro com os outros, além de contrapor os resultados do Brasil nos dois anos supracitados. Esse indicador foi separado em quatro categorias para cada país: Total, Ouro, Prata e Bronze.

1. MPA Brasil 2012 Total: $17/259 = 6,56\%$
2. MPA Brasil 2012 Ouro: $3/259 = 1,16\%$
3. MPA Brasil 2012 Prata: $5/259 = 1,93\%$
4. MPA Brasil 2012 Bronze: $9/259 = 3,47\%$

5. MPA Brasil 2016 Total: $19/465 = 4,08\%$
6. MPA Brasil 2016 Ouro: $7/465 = 1,50\%$
7. MPA Brasil 2016 Prata: $6/465 = 1,29\%$
8. MPA Brasil 2016 Bronze: $6/465 = 1,29\%$
9. MPA Alemanha Total: $42/433 = 9,7\%$
10. MPA Alemanha Ouro: $17/433 = 3,93\%$
11. MPA Alemanha Prata: $10/433 = 2,31\%$
12. MPA Alemanha Bronze: $15/433 = 3,46\%$
13. MPA China Total: $70/400 = 17,5\%$
14. MPA China Ouro: $26/400 = 6,5\%$
15. MPA China Prata: $18/400 = 4,5\%$
16. MPA China Bronze: $26/400 = 6,5\%$
17. MPA Coreia do Sul Total: $21/210 = 10\%$
18. MPA Coreia do Sul Ouro: $9/210 = 4,29\%$
19. MPA Coreia do Sul Prata: $3/210 = 1,42\%$
20. MPA Coreia do Sul Bronze: $9/210 = 4,29\%$
21. MPA EUA Total: $121/563 = 21,49\%$
22. MPA EUA Ouro: $46/563 = 8,17\%$
23. MPA EUA Prata: $37/563 = 6,57\%$
24. MPA EUA Bronze: $38/563 = 6,75\%$
25. MPA Holanda Total: $19/248 = 7,66\%$

26. MPA Holanda Ouro: $8/248 = 3,23\%$
27. MPA Holanda Prata: $7/248 = 2,82\%$
28. MPA Holanda Bronze: $4/248 = 1,61\%$
29. MPA Itália Total: $28/312 = 8,97\%$
30. MPA Itália Ouro: $8/312 = 2,56\%$
31. MPA Itália Prata: $12/312 = 3,85\%$
32. MPA Itália Bronze: $8/312 = 2,56\%$
33. MPA Japão Total: $41/342 = 11,99\%$
34. MPA Japão Ouro: $12/342 = 3,51\%$
35. MPA Japão Prata: $8/342 = 2,34\%$
36. MPA Japão Bronze: $21/342 = 6,14\%$
37. MPA Reino Unido Total: $67/374 = 17,91\%$
38. MPA Reino Unido Ouro: $27/374 = 7,22\%$
39. MPA Reino Unido Prata: $23/374 = 6,15\%$
40. MPA Reino Unido Bronze: $17/374 = 4,54\%$
41. MPA Uzbequistão Total: $13/70 = 18,57\%$
42. MPA Uzbequistão Ouro: $4/70 = 5,71\%$
43. MPA Uzbequistão Prata: $2/70 = 2,86\%$
44. MPA Uzbequistão Bronze: $7/70 = 10\%$
45. MPA Austrália Total: $29/428 = 6,78\%$
46. MPA Austrália Ouro: $8/428 = 1,87\%$

47. MPA Austrália Prata: $11/428 = 2,57\%$
48. MPA Austrália Bronze: $10/428 = 2,34\%$
49. MPA Canadá Total: $22/317 = 6,94\%$
50. MPA Canadá Ouro: $4/317 = 1,26\%$
51. MPA Canadá Prata: $3/317 = 0,95\%$
52. MPA Canadá Bronze: $15/317 = 4,73\%$
53. MPA Espanha Total: $17/313 = 5,43\%$
54. MPA Espanha Ouro: $7/313 = 2,24\%$
55. MPA Espanha Prata: $4/313 = 1,28\%$
56. MPA Espanha Bronze: $6/313 = 1,91\%$
57. MPA França Total: $42/406 = 10,34\%$
58. MPA França Ouro: $10/406 = 2,46\%$
59. MPA França Prata: $18/406 = 4,43\%$
60. MPA França Bronze: $14/406 = 3,45\%$
61. MPA Rússia Total: $56/285 = 19,65\%$
62. MPA Rússia Ouro: $19/285 = 6,67\%$
63. MPA Rússia Prata: $18/285 = 6,31\%$
64. MPA Rússia Bronze: $19/285 = 6,67\%$

Muitas coisas podem ser analisadas a partir desses indicadores. A primeira é que, apesar do número total de medalhas absoluto ter crescido de 2012 para 2016, o aproveitamento brasileiro por atleta diminuiu no total, nas pratas e nos bronzes. Somente nas medalhas de ouro foi possível observar um crescimento, em uma variação de apenas 0,34%.

Outro dado significativo encontrado foi o da comparação entre o Brasil e os outros países. O nosso aproveitamento só é maior em três dos 56 índices das outras nações: Canadá no total de ouros e no total de pratas; e Espanha no total de pratas. Esse dado vai ao encontro do exposto no referencial teórico, sobre a necessidade brasileira de evoluir no aspecto de investimento esportivo para viabilizar melhores resultados em competições mundiais multiesportivas como as Olimpíadas. A mídia tem a capacidade de influenciar nesse benefício a partir de uma maior exibição de esportes diferentes, que tem o potencial de atrair novos atletas e espectadores.

A título de curiosidade, o melhor país em resultados absolutos nas Olimpíadas, os Estados Unidos da América, também lideraram esse índice em relação ao total de medalhas, ao total de ouros e ao total de pratas. A única categoria não encabeçada pelos EUA é a de medalhas de bronze, em que eles ficam em segundo, atrás apenas do Uzbequistão, nação com grande aproveitamento de medalhas nos Jogos de 2016. Em termos percentuais, o Brasil ficou muito longe dos índices apresentados pelos melhores de cada categoria.

4.2.2 MPA Brasil “Modalidade”

Aqui, o resultado foi o da quantidade total de medalhas brasileiras na modalidade específica dividida pelo total de atletas (ou equipes, quando for o caso) daquele esporte. Dessa forma, foi possível analisar a efetividade brasileira em cada uma das modalidades, sendo que as que não obtiveram nenhuma medalha apresentam um MPA de 0% e não foram descritas aqui. A Canoagem, a Ginástica, os Esportes Aquáticos e o Voleibol apresentarão índices gerais e específicos, relativos às modalidades em que obtiveram medalhas, totalizando 16 categorias.

1. MPA Brasil Atletismo: $1/67 = 1,49\%$
2. MPA Brasil Boxe: $1/9 = 11,11\%$
3. MPA Brasil Canoagem: $3/13 = 23,08\%$
4. MPA Brasil Canoagem Velocidade: $3/8 = 37,50\%$
5. MPA Brasil Esportes Aquáticos: $1/80 = 1,25\%$
6. MPA Brasil Maratona Aquática: $1/3 = 33,33\%$

7. MPA Brasil Futebol: $1/2 = 50\%$
8. MPA Brasil Ginástica: $3/17 = 17,65\%$
9. MPA Brasil Ginástica Artística: $3/10 = 30\%$
10. MPA Brasil Judô: $3/14 = 21,43\%$
11. MPA Brasil *Taekwondo*: $1/4 = 25\%$
12. MPA Brasil Tiro Esportivo: $1/9 = 11,11\%$
13. MPA Brasil Vela: $1/15 = 6,67\%$
14. MPA Brasil Voleibol: $3/6 = 50\%$
15. MPA Brasil Vôlei de Praia: $2/4 = 50\%$
16. MPA Brasil Vôlei de Quadra: $1/2 = 50\%$

Os destaques brasileiros são exatamente o futebol e o vôlei, esportes que, conforme informado no primeiro capítulo do trabalho, são os favoritos dos brasileiros. Por serem esportes coletivos, o vôlei de praia é em duplas, existem mais atletas envolvidos na conquista de cada medalha, porém cada equipe conquista apenas uma medalha para o Brasil no *ranking* geral da competição.

No futebol, de duas medalhas possíveis, uma foi conquistada: o ouro da seleção masculina. No vôlei, foram três de seis: um ouro da seleção masculina na quadra, um ouro de uma das duplas masculinas na praia e uma prata de uma das duplas femininas na praia. Nesses esportes, geralmente, o resultado esperado pelo Governo é de medalhas no masculino e no feminino, portanto, apesar dos 50% de aproveitamento, pode-se dizer que o Brasil foi abaixo da expectativa nas principais modalidades do país.

Alguns esportes individuais chamam a atenção nesse indicador: a Maratona Aquática, com uma medalha de três possíveis, o Judô com três de 14, e o *Taekwondo* com uma de quatro. Essas modalidades mostram que é possível obter resultados melhores em uma Olimpíada a partir de investimentos em longo prazo em esportes que, normalmente, não têm muita visi-

bilidade no país. A mídia poderia ajudar nesse aspecto transmitindo mais competições desses esportes, o que poderia captar novos atletas e espectadores. Cabe ressaltar que o Judô é, historicamente, a modalidade que mais traz medalhas para o Brasil: com as três de 2016, são 22 ao total.

A Ginástica e a Canoagem também apresentam bons índices. Nesses esportes, existem também algumas competições em duplas ou equipes. Todas as medalhas de ginastas brasileiros foram individuais na Ginástica Artística, o que elevou o percentual dessa modalidade. Isso mostra que pode ser um potencial local de investimento, em recursos e transmissões, para resultados ainda melhores. Na Canoagem, o resultado é ainda mais simbólico: um mesmo atleta, Isaquias Queiroz, conquistou todas as medalhas na modalidade de velocidade, sendo uma delas em dupla com Erlon de Souza. Com isso, temos outro esporte que, com o devido investimento, financeiro e midiático, pode trazer grandes conquistas para o Brasil.

Nas Olimpíadas, a maior quantidade de medalhas distribuídas e, conseqüentemente, de atletas, é no Atletismo e na Natação, parte dos Esportes Aquáticos. As maiores delegações brasileiras foram justamente nesses esportes, porém os resultados foram fracos: apenas uma medalha em cada um deles, sendo que, na Natação, essa medalha veio da Maratona Aquática. Com isso, as modalidades mais relevantes nos Jogos são justamente as que apresentam o menor aproveitamento brasileiro. Esse dado pode vir a ser discutido de forma mais profunda em uma futura pesquisa que investigue as características desses esportes em relação aos investimentos do nosso país nelas, bem como as atuações dos atletas e a visibilidades deles na mídia brasileira. É provável que esse baixo desempenho impacte o quadro geral do Brasil, devido à grande quantidade de competidores nessas modalidades.

4.3 BRM (Brasil em Relação ao Melhor)

Esse índice serviu para analisar o desempenho brasileiro nas Olimpíadas de 2016 em relação às melhores nações em cada uma das modalidades em que o Brasil ganhou medalhas e em relação ao melhor país no geral (EUA). Seu resultado, em porcentagem, foi o quociente da divisão do número de medalhas brasileiras pelo número de medalhas da nação de referência. Assim como nos indicadores anteriores, quanto maior o número percentual, maior a efetividade.

de na categoria específica. Esses dados foram separados no número geral de medalhas e por modalidade, onde também houve um índice com pesos para cada tipo de medalha. Dessa forma, foi possível verificar o quão perto, ou longe, o Brasil ficou de obter domínio nos esportes que obteve medalhas e no geral.

4.3.1 BRM Geral “Medalha”

Aqui, o resultado foi o da quantidade total de medalhas do Brasil dividida pela da melhor nação no quadro de medalhas, no caso os EUA. Dessa forma, foi possível comparar o desempenho do nosso país com o da referência mundial em competições olímpicas. Esse indicador foi separado em quatro categorias: Total, Ouro, Prata e Bronze. Uma quinta categoria, de Atletas, foi calculada para podermos relacionar o percentual de medalhas com o de atletas que as disputaram.

1. BRM Geral Total: $19/121 = 15,70\%$
2. BRM Geral Ouro: $7/46 = 15,22\%$
3. BRM Geral Prata: $6/37 = 16,22\%$
4. BRM Geral Bronze: $6/38 = 15,79\%$
5. BRM Geral Atletas: $465/563 = 82,59\%$

O desempenho brasileiro em relação aos EUA foi constante: sempre entre 15 e 17%, o que representa que, em média, a cada seis medalhas americanas, o Brasil conquista uma. É uma proporção pequena, ainda mais se equipararmos o número de atletas de cada país na competição: nosso país teve, aproximadamente, 82 competidores para cada 100 americanos. Ou seja, as proporções são bastante desiguais: enquanto tivemos 8,26 brasileiros para cada 10 americanos, foram 1,57 medalhas do Brasil para cada 10 medalhas dos EUA. Trata-se de uma distância grande em termos de aproveitamento.

4.3.2 BRM “Modalidade”

Aqui, o resultado foi o do total de medalhas brasileiras em cada uma das modalidades dividido pelo do melhor país na modalidade específica. Dessa forma, foi possível avaliar o

Brasil em relação às outras nações no domínio das modalidades, além de comparar o desempenho geral brasileiro com o de cada um dos esportes. Esse indicador foi separado em 12 categorias, ao invés das 16 do MPA, uma vez que o Vôlei de Praia não entrou nesse índice (Brasil foi o melhor nessa modalidade), a Canoagem entrou de forma geral (sem ser separada em Slalom e Velocidade, por falta de dados específicos da modalidade de velocidade), a Ginástica Artística entrou de forma separada (única modalidade da Ginástica com medalhas brasileiras), e o Vôlei de Quadra foi considerado (Brasil empatou com a China como melhor nesta modalidade).

1. BRM Atletismo: $1/32 = 3,12\%$
2. BRM Boxe: $1/7 = 14,28\%$
3. BRM Canoagem: $3/7 = 42,86\%$
4. BRM Esportes Aquáticos: $1/37 = 2,70\%$
5. BRM Maratona Aquática: $1/2 = 50\%$
6. BRM Futebol: $1/2 = 50\%$
7. BRM Ginástica Artística: $3/12 = 25\%$
8. BRM Judô: $3/12 = 25\%$
9. BRM *Taekwondo*: $1/5 = 20\%$
10. BRM Tiro Esportivo: $1/7 = 14,28\%$
11. BRM Vela: $1/3 = 33,33\%$
12. BRM Vôlei de Quadra: $1/1 = 100\%$

Ao se comparar os resultados brasileiros em relação aos dos melhores países nota-se que o quadro geral não se altera muito: o Vôlei é líder absoluto nesse aspecto, com o Brasil sendo o melhor país, sozinho, na praia e, empatado com China, na quadra. O Futebol vem logo na sequência, dessa vez empatado com a Maratona Aquática: ambos com 50% do apro-

veitamento de, respectivamente, Alemanha e Holanda. Cabe ressaltar que essas duas modalidades distribuem apenas seis medalhas, o que facilita um maior número neste quesito, visto que as medalhas foram divididas por cinco nações, e o Brasil, junto com outras quatro, foi o segundo no número total de medalhas.

Outras modalidades em que os brasileiros se destacaram nesse indicador foram a Canoagem, seguindo o padrão do MPA, e a Vela, possivelmente por serem esportes mais equilibrados, nos quais várias nações conquistam medalhas. Porém, essas modalidades distribuíram mais medalhas, uma vez que possuem mais categorias. A Ginástica Artística, o Judô e o *Taekwondo* também aparecem com bons índices, também de acordo com o demonstrado no MPA. Isso demonstra que esses esportes representam uma grande possibilidade de investimentos para retornos olímpicos de expressão. A mídia é capaz de auxiliar nesse sentido, ao transmitir mais competições desses esportes, podendo cativar novos atletas e espectadores.

Considerando que o BRM Geral Total foi de 15,7%, sinalizamos que apenas quatro das 12 categorias apresentam percentuais abaixo disso, sendo que Boxe e Tiro Esportivo possuem índices bem próximos: 14,28%. Novamente, a grande diferença do Brasil para as outras nações reside no Atletismo e na Natação, modalidades com a maior quantidade de medalhas distribuídas, das quais o nosso país conquistou apenas duas no total, uma em cada (considerando a Maratona Aquática) – foi um desempenho muito distante das mais de 30 dos americanos, líderes nesses esportes. Pode ser que um possível fator determinante para uma melhora significativa do Brasil no quadro geral olímpico situe-se no desenvolvimento de mais atletas de destaque nestas modalidades.

4.3.3 BRM Peso “Modalidade”

Como as medalhas possuem valores diferentes para os atletas, sendo o ouro o sonho de todos, esse índice serviu para avaliar a mesma relação do item 4.3.2, mas contando com a importância de cada tipo de medalha. Para isso, foram aplicados os seguintes pesos: quatro para medalhas de ouro, dois para medalhas de prata e um para medalhas de bronze, tanto nas brasileiras como nas das nações com os melhores resultados de cada esporte. Portanto, aqui o resultado foi o total do peso das medalhas brasileiras em cada uma das modalidades (listadas no item 4.2.2) dividido pelo total do peso do melhor país na modalidade específica. Dessa forma,

a avaliação sobre como o Brasil está em relação às outras nações no domínio dos esportes foi vista sob uma ótica diferente. Esse indicador foi separado nas mesmas 12 categorias do anterior:

1. BRM Peso Atletismo: $4/81 = 4,94\%$
2. BRM Peso Boxe: $4/18 = 22,22\%$
3. BRM Peso Canoagem: $5/21 = 23,81\%$
4. BRM Peso Esportes Aquáticos: $1/98 = 1,02\%$
5. BRM Peso Maratona Aquática: $1/8 = 12,50\%$
6. BRM Peso Futebol: $4/6 = 66,67\%$
7. BRM Peso Ginástica Artística: $5/30 = 16,67\%$
8. BRM Peso Judô: $6/22 = 27,27\%$
9. BRM Peso *Taekwondo*: $1/11 = 9,09\%$
10. BRM Peso Tiro Esportivo: $2/22 = 9,09\%$
11. BRM Peso Vela: $4/10 = 40\%$
12. BRM Peso Vôlei de Quadra: $4/4 = 100\%$

Considerando os pesos, apenas o Vôlei de Quadra mantém o mesmo índice, uma vez que foi uma medalha de ouro, resultado igual ao da China. Além disso, duas modalidades apresentam um aumento pequeno: Atletismo, pouco menos de 2%, e Judô, pouco mais de 2%. Portanto, a análise para esses esportes não se diferencia de acordo com esse fator da importância das medalhas.

Porém, as outras nove possuem uma alteração significativa do aproveitamento considerando este aspecto. Apenas três delas receberam uma porcentagem maior: o Futebol (16,67%), por ter recebido uma medalha de ouro, fez aumentar o aproveitamento brasileiro, já que o melhor país nesse esporte, Alemanha, obteve um ouro e uma prata; o Boxe (quase

7,94%), que também contou com uma única medalha ouro; e a Vela (6,67%) pelo mesmo motivo. O que se nota aqui é que, por ter tido apenas uma medalha nessas modalidades, o desempenho brasileiro em relação ao do melhor país aumentou, uma vez que as outras nações também obtiveram medalhas de outras cores nesses esportes.

Os outros seis obtiveram um índice menor considerando este peso. Os Esportes Aquáticos (1,68%), que englobam a Maratona Aquática (37,5%), tiveram um pequeno decréscimo, porém é válido ressaltar que essa diferença é pouca devido ao péssimo desempenho brasileiro nesse esporte e piora pela única medalha do país ter sido de bronze, já a grande redução da Maratona Aquática se deve mais ao grande desempenho da Holanda nesta modalidade, abocanhando os dois ouros possíveis. A Canoagem (19,05%), a Ginástica Artística (8,33%), o *Taekwondo* (10,91%) e o Tiro Esportivo (5,19%) tiveram índices menores em relação ao BRM sem o peso das medalhas pelo fato de não terem conquistado nenhuma medalha de ouro, enquanto os melhores países nestas modalidades apresentaram ouros.

4.4 RBNO (Representatividade Brasileira nas Olimpíadas)

O último índice serviu para analisar a representatividade brasileira nas Olimpíadas relacionando a quantidade de atletas do Brasil e a total do evento, tanto no geral, observando os números de 2012 e de 2016 (para efeitos de comparação), como em cada uma das modalidades disputadas no Jogos do Rio, uma vez que o Brasil, por ser o país anfitrião, foi representado em todos os esportes. Seu resultado, em porcentagem, foi o quociente da divisão do número de atletas brasileiros pelo de todos os atletas da categoria específica. Assim como nos indicadores anteriores, quanto maior o número percentual, maior a efetividade na categoria específica. Esses dados foram separados no total das duas últimas Olimpíadas, desassociadas e comparadas diretamente, e por modalidade.

4.4.1 RBNO “Ano/Modalidade”

Aqui, o resultado foi o da quantidade total de atletas brasileiros dividida pela de todos os outros países dos Jogos. Dessa forma, foi possível observar o tamanho da representatividade brasileira e compará-la com a efetividade verificada no item 4.3 e seus subitens. Esse indi-

gador foi separado em 37 categorias, correspondentes aos anos supracitados e a todas as modalidades de 2016.

1. RBNO 2012: $259/10.500 = 2,47\%$
2. RBNO 2016: $465/11.238 = 4,14\%$
3. RBNO 2012/2016: $259/465 = 55,7\%$
4. RBNO Atletismo: $67/2.363 = 2,83\%$
5. RBNO Badminton: $2/172 = 1,16\%$
6. RBNO Basquete: $24/288 = 8,33\%$
7. RBNO Boxe: $9/286 = 3,15\%$
8. RBNO Canoagem: $13/334 = 3,78\%$
9. RBNO Ciclismo: $10/530 = 1,89\%$
10. RBNO Esgrima: $13/212 = 6,13\%$
11. RBNO Esportes Aquáticos: $80/1455 = 5,50\%$
12. RBNO Maratona Aquática e Natação: $36/955 = 3,77\%$
13. RBNO Nado Sincronizado: $9/104 = 8,65\%$
14. RBNO Polo Aquático: $26/260 = 10\%$
15. RBNO Saltos Ornamentais: $9/136 = 6,62\%$
16. RBNO Futebol: $36/504 = 7,14\%$
17. RBNO Ginástica: $17/308 = 5,52\%$
18. RBNO Golfe: $3/120 = 2,50\%$
19. RBNO Handebol: $28/336 = 8,33\%$

20. RBNO Hipismo: $12/200 = 6\%$
21. RBNO Hóquei sobre Grama: $16/384 = 4,17\%$
22. RBNO Judô: $14/386 = 3,63\%$
23. RBNO Levantamento de Peso: $5/260 = 1,92\%$
24. RBNO Luta Olímpica: $5/347 = 1,44\%$
25. RBNO Pentatlo Moderno: $2/72 = 2,78\%$
26. RBNO Remo: $4/547 = 0,73\%$
27. RBNO Rúgbi: $24/288 = 8,33\%$
28. RBNO *Taekwondo*: $4/128 = 3,12\%$
29. RBNO Tênis: $7/198 = 3,53\%$
30. RBNO Tênis de Mesa: $6/129 = 4,65\%$
31. RBNO Tiro com Arco: $6/128 = 4,69\%$
32. RBNO Tiro Esportivo: $9/389 = 2,31\%$
33. RBNO Triatlo: $2/110 = 1,82\%$
34. RBNO Vela: $15/380 = 3,95\%$
35. RBNO Voleibol: $32/384 = 8,33\%$
36. RBNO Vôlei de Praia: $8/96 = 8,33\%$
37. RBNO Vôlei de Quadra: $24/288 = 8,33\%$

A primeira observação deste índice é o aumento da quantidade de atletas brasileiros de 2012 para 2016 (2,47% para 4,14%), provavelmente devido ao fato do Brasil ser o país sede das últimas Olimpíadas. Apesar de o número percentual ser pequeno (1,67%), ele representou um crescimento quase dobrado do número de representantes do nosso país nos Jogos (mais

especificamente 44,3% a mais). Isso resultou em um maior número absoluto de medalhas, porém, conforme o item 4.2.1, gerou um decréscimo na efetividade brasileira em número total de medalhas, além de pratas e bronzes.

Nas modalidades, seis se destacam com a menor representatividade brasileira: Badminton (1,16%), Ciclismo (1,89%), Levantamento de Peso (1,92%), Luta Olímpica (1,44%), Remo (0,73%) e Triatlo (1,82%). Essas são as únicas, dentre as 34, em que o número de brasileiros competindo foi menor que 2%, sendo que o Remo não chegou nem a 1%. Como nenhum destes esportes conquistou medalhas para o Brasil, pode-se inferir que, nessas modalidades, o país entrou só para participar, provavelmente com vagas que não seriam brasileiras caso os Jogos fossem em outro país. Talvez um investimento maior nessas modalidades, em recursos e em transmissões, possa gerar um retorno em longo prazo, uma vez que várias outras modalidades, com representatividade muito maior, também não conseguiram nenhuma medalha em 2016.

São 10 esportes com representatividade maior ou igual a 6%: Basquete (8,33%), Esgrima (6,13%), Futebol (7,14%), Handebol (8,33%), Hipismo (6%), Nado Sincronizado (8,65%), Polo Aquático (10%), Saltos Ornamentais (6,62%), Rúgbi (8,33%) e Vôlei (8,33% no geral, na praia e na quadra). Destes, apenas três são, essencialmente, individuais: a esgrima, o hipismo e os saltos ornamentais, porém, nenhuma dessas modalidades trouxe medalhas para o Brasil. Mesmo com a cota de país sede dos Jogos incluída, a porcentagem alta delas indica que existem atletas que participaram por resultados que os classificaram para as Olimpíadas. Fica a dúvida de porque não houve nenhum resultado expressivo nessas três modalidades, visto que vários atletas conseguiram disputá-las no Rio 2016: será que com um maior investimento, do governo e da mídia, o Brasil conseguiria dominá-las?

Os outros sete são esportes coletivos para os quais, por ser o país anfitrião, o Brasil teve direito a incluir as suas seleções femininas e masculinas, o que eleva os índices. Nota-se que o basquete, o handebol, o rúgbi e os vôleis apresentam percentual idêntico pelo fato de serem modalidades com o mesmo limite (24) na quantidade de seleções – ou duplas, no caso do vôlei de praia – que competem. O futebol tem um percentual menor por conter mais seleções (28), enquanto o polo tem um maior por compreender menos seleções (20). O caso do nado sincronizado é diferente por ser uma competição com seleções e entre duplas, que não

possui número proporcional de atletas por país (alguns classificam só duplas, outros, só seleções e outros, ambos).

Destes, apenas o futebol e os vôleis trouxeram medalhas para o Brasil – inclusive, os melhores esportes do país –, porém, não é possível melhorar a representatividade dessas modalidades, por causa do exposto anteriormente: há limites de seleções e a nossa nação foi representada ao máximo nos últimos Jogos nos esportes coletivos, uma vez que, por ser o país sede, bastava ter uma equipe nacional para competir. Aqui, o segredo pode ser injetar mais dinheiro nos esportes que não possuem uma concorrência muito forte, além de exibir mais competições deles na televisão aberta; essa mudança tem capacidade de, em longo prazo, aumentar a efetividade neles, resultando em medalhas.

5. CONCLUSÃO

Após as análises de cada um dos quatro indicadores de forma separada, é interessante cruzarmos alguns dos dados para verificar a possível relação entre as transmissões da mídia e os resultados esportivos brasileiros. Para isso, os RENTPs são essenciais, uma vez que eles apontam a representatividade das modalidades na principal emissora televisiva brasileira, a Rede Globo.

O RENTP Geral (item 4.1.1) mostra que 33,76% dos programas e eventos esportivos da Globo são sobre o futebol. Considerando que nem o automobilismo, nem os esportes eletrônicos e nem o UFC são modalidades olímpicas, tem-se que todos os outros esportes juntos representam apenas 28,03% dos materiais analisados. Cabe destrinchar um pouco esses dados antes de compará-los com os resultados do Brasil nas Olimpíadas.

Historicamente, na emissora carioca, tem-se um destaque maior para o automobilismo, de acordo com o RENTP Memória Globo (item 4.1.2), que apresenta os índices dos programas e eventos escolhidos pela Globo para estarem destacados em seu acervo público virtual de conteúdos. Novamente, é necessário excluir essa modalidade, que não está dentro do cenário olímpico. Portanto, o futebol é o conteúdo mais representado com 29,6% do material, *versus* 24% das competições olímpicas, somadas com esportes em geral e lutas.

No RENTP Globoplay Total (item 4.1.3), o automobilismo não recebe mais o mesmo destaque, uma vez que a F1 não está separada por temporadas como no *site* Memória Globo. Com isso, o futebol cresce para 42,5% e a soma dos conteúdos que apresentam modalidades olímpicas, para 50%. Apesar da “derrota” do esporte da bola nos pés, a diferença de espaço dado a ele ainda é gigantesca, já que as outras categorias envolvem diversos esportes, até mesmo o próprio futebol, resultando em uma porcentagem por modalidade bem menor que a do preferido dos brasileiros.

Ao se considerar o RENTP Globoplay TV aberta, (item 4.1.3), os números possuem uma grande alteração: futebol, 54,16%, e outras modalidades olímpicas, 37,51%, o que só eleva o predomínio do primeiro na televisão aberta, meio de maior impacto na grande audiência. Todos esses dados mostram uma grande diferença de espaço dessas modalidades na emissora, indo ao encontro dos resultados do MPA Brasil “Modalidade” (item 4.2.2), que apresen-

tam o futebol, na companhia do vôlei, com a maior efetividade de medalhas por atletas do nosso país. O vôlei, inclusive, é o segundo esporte na preferência brasileira e também nas transmissões olímpicas, como visto no item 1.1. Essas informações comprovam a hipótese da relação direta entre o que é exibido para o grande público e as suas preferências, além do impacto contínuo desta associação nos resultados esportivos do Brasil em Jogos Olímpicos.

Porém, o dado sobre as transmissões e programas esportivos exibidos na TV aberta em 2015, RENTP Globoplay 2015 (item 4.1.3), mostra que esses números gerais se modificam no ano anterior às Olimpíadas: 30,77% do futebol *versus* 61,54% das outras modalidades olímpicas combinadas. Apesar de o futebol ainda ocupar, sozinho, mais espaço de tela que qualquer outro esporte, nota-se que existe um movimento de mais transmissões variadas perto da grande competição esportiva mundial. A possível pesquisa, citada no item 4.1.6, sobre os conteúdos esportivos da Globo em 2016 tende a comprovar a subida dessa quantidade de diferentes esportes transmitidos.

Há, ainda, o RENTP Tempo (item 4.1.6), o índice mais expressivo dentro do recorte das exibições esportivas na TV aberta no ano de 2015. Conforme analisado no item 4.1.6, o futebol, sozinho, apresenta, no mínimo, 40,07% do tempo de tela esportivo da Rede Globo no período explorado, enquanto os esportes radicais, as Olimpíadas, as lutas e os esportes em geral (principalmente conteúdos de noticiários), juntos, possuem, no máximo, 51,57%. Considerando que o programa global com mais esportes, o *GE*, apresentou 62 modalidades diferentes durante o ano pesquisado, pode-se fazer uma média simples de 0,83% do tempo de tela para cada esporte. De fato, esse não é o valor exato de cada uma das modalidades, uma vez que esse tempo variou de acordo com o esporte e com o tempo dos vídeos dele, porém é suficiente para se ter uma noção de que o futebol foi, em geral, exibido cerca de 40 vezes mais no ano anterior às Olimpíadas do Rio de Janeiro – uma diferença abissal, que tende a ser ainda maior em anos de Copa do Mundo, como 2014, e um pouco menor em anos olímpicos, como 2016, dados que outras pesquisas podem vir a confirmar.

Após essas informações sobre as exibições de esportes na Globo, além dos dados do Atlas do Brasil e da GfK, trazidos no item 1.1, é possível confirmar que, conforme o índice BRM “Modalidade” (item 4.3.2), os esportes de maior desempenho brasileiro em relação aos outros países são também os líderes em número de praticantes e espectadores: futebol e vôlei.

O boxe, oitavo em número de audiência brasileira nos Jogos de 2016, a ginástica artística, terceira, e o judô, sétimo, são modalidades que obtiveram bons percentuais neste índice e possuem um bom número de telespectadores. Portanto, podem ser esportes que, com mais investimento, tenham capacidade de entregar melhores resultados para o Brasil em um período mais curto. Outras modalidades com destaque no BRM foram a canoagem e a vela, que tendem a apresentar bons resultados em longo prazo caso haja, nelas, uma aplicação maior de recursos, sejam eles governamentais ou de patrocinadores.

Outro fato importante que pode ser notado é em relação ao atletismo e à natação, modalidades com boa audiência no Brasil (quinta e sexta, respectivamente, em número de espectadores nas Olimpíadas do Rio), mas que apresentam baixos percentuais em todos os indicadores desta pesquisa: 1,49% e 1,25% no MPA; 3,12% e 2,7% no BRM; 4,94% e 1,02% no BRM Peso; e 2,83% e 3,77% no RBNO. Conforme descrito no item 4.3.2, esses esportes são os que possuem maior quantidade de medalhas a serem distribuídas durante os Jogos e, com isso, podem ser fatores chaves para elevar de vez o desempenho brasileiro em Olimpíadas. Porém, como as modalidades possuem um público considerável, ao menos durante o Rio 2016, esse parece ser o caso de um maior investimento financeiro, para proporcionar mais atletas de alto nível no futuro. Observa-se que faltam atletas nesses esportes que possam ter chances de resultados expressivos, uma vez que seus índices são baixos, principalmente em relação aos EUA, país de referência no atletismo e na natação, que podem ser uma inspiração para que o Brasil evolua em desportos tão significantes para as Olimpíadas.

O RBNO (item 4.4), mostra que o Brasil teve vários atletas nas diversas modalidades dos Jogos Olímpicos de 2016. O fator de ser país sede, com certeza, interfere nesse índice; mesmo assim, ele traz informações interessantes sobre a participação brasileira nas Olimpíadas do Rio. A primeira é que a delegação aumentou em 44,3%, sendo a segunda maior da competição. Caso os números continuem parecidos e o país aumente a quantidade de atletas com chances de medalhas, é possível que se estabeleça entre as grandes potências olímpicas.

Em seguida, é possível notar que cinco esportes, com MPAs e/ou BRMs altos, não são tão representativos assim em relação ao todo: boxe (3,15%), canoagem (3,78%), judô (3,63%), *taekwondo* (3,12%) e vela (3,95%). Todos eles estão abaixo da média do Brasil em relação ao todo (4,14%), mas não são os menos representativos do país, conforme o item

4.4.1. Porém, seus números foram expressivos de acordo com as quantidades de medalhas em relação às de atletas brasileiros e/ou com os resultados da nossa nação em relação ao do melhor país nelas. Essa correlação mostra que esses esportes com mais investimento podem render bons frutos para o Brasil no horizonte. Dentre eles, apenas o boxe (oitavo) e o judô (sétimo) estiveram entre os 10 mais esportes mais assistidos pelos brasileiros nos Jogos de 2016. Isso mostra que um maior espaço cedido à canoagem, *taekwondo* e vela na televisão pode gerar futuras estrelas nessas modalidades, elevando os resultados do Brasil nelas.

Os outros dois esportes presentes no *top 10* de telespectadores brasileiros nas últimas Olimpíadas foram o handebol, nono, e o basquete, décimo. Ambos possuíram ótimo índice de representatividade, 8,33%, mas não conseguiram medalhas. Estes são os esportes coletivos com maior capacidade de trazer bons resultados para o Brasil, além do futebol e do vôlei, o que indica que a nossa nação pode vir a obter medalhas nessas modalidades em longo prazo, se houver uma maior aplicação financeira nelas.

Portanto, após todas as análises, chega-se à conclusão de que há uma relação direta entre os esportes que são transmitidos, na televisão aberta, e a baixa diversidade da prática esportiva no Brasil é verdadeira, apesar de a mídia não ser a única a influenciar tal carência na multiplicidade esportiva brasileira. Considerando que as modalidades brasileiras de maior sucesso são exatamente as que lideram os *rankings* de praticantes e telespectadores, futebol e vôlei, e as diversas análises dos índices apresentados, nota-se que o vínculo existe e pode ser determinante para uma melhora brasileira no campo esportivo. As questões econômicas também são fundamentais nessa caminhada, a partir de investimentos, sejam do Governo ou de empresas privadas, mediante apoio direto às modalidades, para melhorar suas infraestruturas e gerar atletas de primeiro escalão, e de patrocínios para aumentar a sua visibilidade, despertando o interesse da prática de diversos esportes nas crianças brasileiras.

Desta forma, é possível seguir a direção explicitada por Ferreira (2007)¹⁹ em seu artigo, para que o Brasil cumpra os cinco objetivos principais para evoluir esportivamente: ampliar a atuação do Governo no esporte de alto investimento; desenvolver a participação da ciência do esporte; aumentar o papel do sistema educacional na formação de atletas; aperfeiçoar o sistema de apoios públicos e privados; e melhorar as infraestruturas esportivas do país. Nes-

¹⁹ FERREIRA, *op. cit.*

te aspecto, o Ministério do Esporte tem um papel fundamental, alicerçado na realização de investimentos em longo prazo nas diversas modalidades esportivas do país. Isso tudo, associado a uma participação ativa da mídia na função de transmitir os múltiplos esportes do Brasil, pode vir a mudar, no futuro, o panorama brasileiro em competições de grande porte, como as Olimpíadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BATISTA, Rafael. Olimpíadas Rio 2016. **Brasil Escola**, s.d. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/olimpiadas-rio-2016.htm>. Acesso em: 10 nov. 2020.

BRASIL 2016. **Rede do esporte**: site da organização dos jogos. Disponível em: <http://www-brasil2016.gov.br>. Acesso em: 13 jun. 2017.

BRASIL. Rede do Esporte. **Modalidades Olimpíadas de 2016**. Disponível em: <http://rede-doesporte.gov.br/pt-br/megaeventos/olimpiadas/modalidades>. Acesso em: 10 nov. 2020.

CAPELO, Rodrigo. O futebol tem três vezes mais transmissões na TV do que vôlei, basquete e tênis juntos. **ÉPOCA**, 5 jul. 2016. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/esporte/noticia/2016/07/o-futebol-tem-tres-vezes-mais-transmissoes-na-tv-do-que-volei-basquete-e-tenis-juntos.html>. Acesso em: 26 ago. 2020.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **Rio 2016**. s.d. Disponível em: <https://www.cob.org.br/pt/cob/time-brasil/brasil-nos-jogos/participacoes/Rio-2016>. Acesso em: 10 nov. 2020.

COSTA, Camila. Após investimento, Brasil avançou em medalhas, mas 'perdeu bonde para 2016'. **BBC**, Londres, 12 ago. 2012. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/08/120812_olympics_investimento_esporte_cc.shtml. Acesso em: 26 ago. 2020.

COSTA, Guilherme; FRANCESCHINI, Gustavo; DORO, Bruno. Brasil gasta R\$ 3 bi, 50% a mais que Londres, e só consegue dois pódios a mais. **UOL**, Rio de Janeiro, 21 ago. 2016. Disponível em: <https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2016/08/21/brasil-gasta-r-3-bi-50-a-mais-que-londres-e-so-consegue-2-podios-a-mais.htm>. Acesso em: 26 ago. 2020.

CURRO, Luís. Brasil não atinge meta de classificação estabelecida pelo comitê olímpico. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 ago. 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/08/1805441-brasil-nao-atinge-meta-de-classificacao-estabelecida-pelo-comite-olimpico.shtml>. Acesso em: 14 jun. 2017.

DACOSTA, Lamartine Pereira (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. 2003. Disponível em: <http://www.atlasesportebrazil.org.br/home.php>. Acesso em: 27 ago. 2020.

DEHÒ, Maurício. Com investimento recorde, gasto por medalha brasileira aumenta 54% e bate R\$ 123,5 milhões. **UOL**, São Paulo, 12 ago. 2012. Disponível em: <https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2012/08/12/com-investimento-recorde-gasto-por-medalha-brasileira-aumenta-54-e-bate-r-1235-milhoes.htm>. Acesso em: 26 ago. 2020.

DORNELLES, Beatriz (Org.). **Mídia, imprensa e as novas tecnologias**. Porto Alegre: EDIPECRS, 2002.

ESPN. **Brasil bate recorde de pódios e ouros, mas não atinge metas no Rio-2016**. Disponível em: http://espn.uol.com.br/noticia/624513_brasil-bate-recorde-de-podios-e-ouros-mas-nao-atinge-metas-no-rio-2016. Acesso em: 26 ago. 2020.

ESPORTE E MÍDIA. **Oito emissoras brasileiras vão transmitir os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro**. Disponível em: <http://www.esporteemidia.com/2015/08/oito-emissoras-brasileiras-vao.html>. Acesso em: 26 ago. 2020.

ESTADÃO. **Histórico olímpico em gráficos**. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://infograficos.estadao.com.br/public/esportes/jogos-olimpicos/2016/historico-olimpico-em-graficos/#athletes>. Acesso em: 10 nov. 2020.

FEILITZEN, Cecilia von; CARLSSON, Ulla (Org.). **A criança e a mídia**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2002.

FERNANDES, Cláudio. Olimpíadas. **Brasil Escola**, s.d. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/olimpiadas.htm>. Acesso em: 06 nov. 2020.

FERREIRA, Raimundo Luiz. Políticas para o esporte de alto rendimento: estudo comparativo de alguns sistemas esportivos nacionais visando um contributo para o Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15., 2007. **Anais...** Recife: CBCE, 2007.

FOLHA DE SÃO PAULO. **História geral dos Pans**. São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2007/jogospanamericanos/historia-geral.shtml>. Acesso em: 23 out. 2020.

FRANCESCHINI, Gustavo. Investimento de verba pública no ciclo olímpico bate recorde e passa dos R\$ 2 bi. **UOL**, São Paulo, 16 jul. 2012. Disponível em: <https://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2012/07/16/investimento-de-verba-publica-no-ciclo-olimpico-bate-recorde-e-passa-dos-r-2-bi.htm>. Acesso em: 26 ago. 2020.

FRANCO, Giullya. Copa América. **Brasil Escola**, s.d. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/copa-america.htm>. Acesso em: 24 out. 2020.

FRANCO, Giullya. Jogos Pan-Americanos. **Brasil Escola**, s.d. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/jogos-panamericanos.htm>. Acesso em: 23 out. 2020.

GFK GLOBAL. **Audiência dos jogos do Rio**: ranking modalidades olímpicas. São Paulo, 16 ago. 2016a. Disponível em: <https://www.gfk.com/insights/audiencia-tv-aberta-modalidades-olimpicas-rio-2016?hsLang=en>. Acesso em: 27 ago. 2020.

GFK GLOBAL. **Audiência dos jogos do Rio:** futebol feminino X masculino. São Paulo, 23 ago. 2016b. Disponível em: <https://www.gfk.com/insights/audiencia-tv-olimpiadas-rio2016-futebol-selecao-feminina-masculina?hsLang=en>. Acesso em: 27 ago. 2020.

GFK GLOBAL. **Audiência dos jogos do Rio:** ouro no salto com vara. São Paulo, 18 ago. 2016c. Disponível em: <https://www.gfk.com/insights/audiencia-tv-olimpiadas-rio1016-ouro-atletismo-saltocomvara?hsLang=en>. Acesso em: 27 ago. 2020.

GFK GLOBAL. **Audiência dos jogos do Rio:** ouro no boxe. São Paulo, 18 ago. 2016d. Disponível em: <https://www.gfk.com/insights/audiencia-tv-olimpiadas-rio2016-ouro-brasil-boxe?hsLang=en>. Acesso em: 27 ago. 2020.

GFK GLOBAL. **Audiência dos jogos do Rio:** prata na canoagem velocidade. São Paulo, 18 ago. 2016e. Disponível em: <https://www.gfk.com/insights/audiencia-tv-olimpiadas-rio2016-prata-brasil-canoagem-velocidade?hsLang=en>. Acesso em: 27 ago. 2020.

GFK GLOBAL. **Audiência dos jogos do Rio:** prata e bronze na ginástica artística. São Paulo, 16 ago. 2016f. Disponível em: <https://www.gfk.com/insights/audienica-tv-olimpiadas-rio2016-ginastica-artistica-medalhas-brasil?hsLang=en>. Acesso em: 27 ago. 2020.

GFK GLOBAL. **Audiência dos jogos do Rio:** vôlei de quadra feminino. São Paulo, 16 ago. 2016g. Disponível em: <https://www.gfk.com/insights/audiencia-tv-olimpiadas-rio2016-volei-quadra-feminino?hsLang=en>. Acesso em: 27 ago. 2020.

GFK GLOBAL. **Audiência dos jogos do Rio:** vôlei de praia feminino. São Paulo, 16 ago. 2016h. Disponível em: <https://www.gfk.com/insights/audiencia-tv-olimpiadas-rio2016-volei-praia-feminino?hsLang=en>. Acesso em: 27 ago. 2020.

GFK GLOBAL. **Audiência dos jogos do Rio:** alcance TV total. São Paulo, 12 ago. 2016i. Disponível em: <https://www.gfk.com/insights/audiencia-tv-aberta-tv-paga-olimpiadas-jogos-rio2016-alcance-total-primeira-semana?hsLang=en>. Acesso em: 27 ago. 2020.

GFK GLOBAL. **Audiência dos jogos do Rio:** cerimônia de abertura - TV aberta. São Paulo, 11 ago. 2016j. Disponível em: <https://www.gfk.com/insights/audiencia-tv-aberta-olimpiadas-jogos-rio2016-cerimonia-de-abertura?hsLang=en>. Acesso em: 27 ago. 2020.

GFK GLOBAL. **Audiência dos jogos do Rio:** conquista medalha de ouro no judô. São Paulo, 11 ago. 2016k. Disponível em: <https://www.gfk.com/insights/audiencia-tv-jogos-rio2016-medalha-ouro-judo?hsLang=en>. Acesso em: 27 ago. 2020.

GFK GLOBAL. **Audiência dos jogos do Rio:** conquistas nadador Michael Phelps. São Paulo, 11 ago. 2016l. Disponível em: <https://www.gfk.com/insights/audiencia-tv-olimpiadas-jogos-rio2016-natacao-michaelphelps-ouro-medalhas?hsLang=en>. Acesso em: 27 ago. 2020.

GFK GLOBAL. **Audiência dos jogos do Rio**: prata nas argolas. São Paulo, 18 ago. 2016m. Disponível em: <https://www.gfk.com/insights/audiencia-tv-olimpiadas-rio2016-prata-brasil-argolas-ginastica?hsLang=en>. Acesso em: 27 ago. 2020.

GFK GLOBAL. **Audiência dos jogos do Rio**: conquista Usain Bolt. São Paulo, 16 ago. 2016n. Disponível em: <https://www.gfk.com/insights/audiencia-tv-atletismo-olimpiadas-rio2016-bolt?hsLang=en>. Acesso em: 27 ago. 2020.

GLOBO COMUNICAÇÕES E PARTICIPAÇÕES S.A. **Memória Globo**: esporte. Rio de Janeiro, s.d. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/esporte/>. Acesso em: 12 out. 2020.

GLOBO ESPORTE. **Isaquias nega que medalhas tenham trazido mais patrocínio**: "Igual a 2013". Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/canoagem/noticia/isaquias-nega-que-medalhas-tenham-trazido-mais-patrocínio-igual-a-2013.ghtml>. Acesso em: 26 ago. 2020.

GLOBO ESPORTE. **Mapa-múndi das medalhas**. Rio de Janeiro, s.d. Disponível em: <http://app.globoesporte.globo.com/olimpiadas/mapa-mundi-das-medalhas/index.html>. Acesso em: 26 ago. 2020.

GLOBO ESPORTE. **Medalhas Rio 2016**. Rio de Janeiro, s.d. Disponível em: <http://olimpiadas.globoesporte.globo.com/medalhas/index.html>. Acesso em: 10 nov. 2020.

GLOBO ESPORTE. **Quadro de Medalhas Pan 2007**. Rio de Janeiro, s.d. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/PAN/Medalhas/0,,QQU962-8877,00.html>. Acesso em: 23 out. 2020.

GLOBO UNIVERSIDADE. **Grade programação da Globo em 2015** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <lucasbohrer@gmail.com> em 13 out. 2020.

GLOBOPLAY. **Assista esportes pelo Globoplay**. Rio de Janeiro, s.d. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/categorias/esportes/>. Acesso em: 12 out. 2020.

GRUPO DE MÍDIA SÃO PAULO. **Mídia Dados**: Brasil 2019. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://159.89.80.182/midia-dados-sp/public/Midia%20Dados%202019.pdf>. Acesso em: 12 out. 2020.

HATJE, Marli. Esporte e sociedade: uma relação pautada pela mídia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003. Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Intercom, 2003.

LESME, Adriano. Fórmula 1. **Brasil Escola**, s.d. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/formula-1.htm>. Acesso em: 28 out. 2020.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2000.

NEVES, Daniel. Copa do Mundo. **Brasil Escola**, s.d. Disponível em: <https://brasilecola.uol.-com.br/educacao-fisica/copa-mundo.htm>. Acesso em: 04 nov. 2020.

OLIMPÍADA NO SOFÁ. **Quadro final de medalhas de Londres 2012**. Disponível em: <https://olimpiadanosofa.wordpress.com/>. Acesso em: 26 ago. 2020.

RODRIGUES, Jorge Luiz. Investimento maior não melhora desempenho do Brasil nos Jogos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 ago. 2012. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/olimpiadas-2012/investimento-maior-nao-melhora-desempenho-do-brasil-nos-jogos-5768027>. Acesso em: 26 ago. 2020.

SPORTV. SporTV anuncia programação dos 16 canais em HD para os Jogos do Rio. **SporTV.com**, Rio de Janeiro, 01 ago. 2016. Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/rio-2016/noticia/2016/08/sportv-anuncia-programacao-dos-16-canais-em-hd-para-os-jogos-do-rio.html>. Acesso em: 26 ago. 2020.

SUASSUNA, Dulce Maria F. de A. et al. O Ministério do Esporte e a definição de políticas para o esporte e lazer. In: SUASSUNA, Dulce Maria F. de A.; AZEVEDO, Aldo Antonio de (Org.). **Política e lazer: interfaces e perspectivas**. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 13-42.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte: PUCMinas, 2016.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação: textos de apoio**. 6. ed. Lisboa: Presença, 2001.

ZIRPOLI, Cássio. De 72 horas a 4 mil horas, a evolução da transmissão na TV dos Jogos Olímpicos. **Diário de Pernambuco**, Recife, 11 ago. 2016. Disponível em: <http://blogs.diario-depernambuco.com.br/esportes/2016/08/11/de-72-horas-a-4-mil-horas-a-evolucao-da-transmissao-na-tv-dos-jogos-olimpicos/>. Acesso em: 26 ago. 2020.